

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Departamento de Educação e Psicologia

**VIOLÊNCIA NO NAMORO: TÁTICAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITO, AUTOESTIMA,
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL, SINTOMATOLOGIA PSICOPATOLÓGICA E ATITUDES
LEGITIMADORAS ACERCA DA VIOLÊNCIA, NUMA AMOSTRA DE JOVENS
UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Olga Nazaré Simões Pereira

Otilia Monteiro Fernandes

Inês Carvalho Relva



Vila Real, 2018

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Departamento de Educação e Psicologia

**VIOLÊNCIA NO NAMORO: TÁTICAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITO, AUTOESTIMA,
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL, SINTOMATOLOGIA PSICOPATOLÓGICA E ATITUDES
LEGITIMADORAS ACERCA DA VIOLÊNCIA, NUMA AMOSTRA DE JOVENS
UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Olga Nazaré Simões Pereira

Otilia Monteiro Fernandes

Inês Carvalho Relva

**Dissertação submetida à Universidade de
Trás-os-Montes e Alto Douro como requisito
parcial para a obtenção do grau de mestre em
Psicologia Clínica, em fevereiro de 2018.**



Vila Real, 2018

Ao meu marido...

Agradecimentos

A conclusão do curso de Psicologia foi um desejo acadêmico concretizado. Agarrei este sonho com todo o empenho e dedicação, com a intenção de dar o meu melhor todos os dias e colocando um pouquinho de mim em tudo o que realizei, em busca de um enriquecimento, tanto profissional, como pessoal. Embora, o meu empenho e trabalho tenham sido individual, nunca chegaria até aqui sem o apoio, a dedicação, a ajuda, as críticas (oh, principalmente as críticas, que tanta motivação me deram), os comentários, os elogios, o brilho nos olhos e os sorrisos rasgados das pessoas que me acompanharam. Esta minha caminhada não foi feita sozinha, fui sempre acompanhada por elas. Esta conquista, não é só minha, é a elas que a dedico. Porque todas elas, independentemente de como o fizeram, fazem parte dela. A sua contribuição na minha vida fez de mim, a pessoa que sou hoje e isso é tudo! Não só foram uma mais-valia preciosa para a concretização deste projeto, como as levarei para sempre no meu coração. Agradecer-lhes, não vai ser tarefa fácil, primeiro porque nunca existirão palavras suficientes, nem tão pouco descrições que expressem toda a minha gratidão!

Gostaria de agradecer às Professoras Doutoras Otilia Monteiro Fernandes e Inês Carvalho Relva, por todo o apoio que me foram concedendo ao longo deste tempo, por toda a disponibilidade, compreensão e, principalmente, a paciência que sempre demonstraram ter para comigo. Obrigada ainda, pelo apoio e pela ajuda que me foram prestando ao longo deste período, pela partilha de conhecimento e incentivo. Nutro pelas duas profissionais, um enorme respeito e uma admiração incondicional.

Quero agradecer ao meu marido, Bruno. Fazê-lo, nunca será uma tarefa fácil! És o meu suporte, a pessoa que tornou esta caminhada possível, paralelamente à caminhada que fazemos juntos. Obrigada por nunca desistires de mim. Obrigada por toda a paciência. Obrigada por me

obrigares a tornar numa pessoa melhor. Por alinhares em todas as minhas mil tarefas diárias e por passares semanas sem me veres, e ainda assim, permitires que coloquemos as minhas necessidades e obrigações, em primeiro lugar. Acreditares em mim, foi o empurrão que me fez levantar muitas vezes e és, sem dúvida, a bússula que me guia.

Seguidamente dirijo o meu agradecimento aos meus avós. Por tudo o que significam, por me incentivarem a nunca desistir dos meus sonhos, por me apoiarem em todos os momentos, por acreditarem que posso fazer sempre mais e melhor, e principalmente, pelo brilho nos olhos e lágrimas, sempre que alcanço um objetivo.

Aos meus pais, agradeço toda a educação que me deram, todas as experiências que me proporcionaram, por me obrigarem a crescer e me tornarem no que sou hoje como pessoa. Devovos muito.

Às minhas queridas irmãs, Alexandra e Liliana, obrigada por estarem sempre lá. Pelo orgulho que têm, por caminharem comigo como as minhas primeiras melhores amigas. Por todas as discussões, por todas as aprendizagens, por todas as partilhas! Por nunca permitirem que vos desiludisse. Vocês são a razão de eu ter escolhido este curso e me ter apaixonado por esta área. O orgulho que sinto, cada vez que vos olho, não cessa.

À Ana, à Sofia e à Mercês as minhas companheiras de vida. Obrigada por toda a disponibilidade, por toda a atenção, por todos os ralhetes, por todas as lágrimas que me secaram e motivação que me deram. Nunca me deixaram desistir e arranjaram sempre forma de me levantar, mesmo quando eu achava que não seria capaz, acreditaram sempre em mim! Vocês sabem bem que fazem parte de mim.

À Ana e à Berta, com quem sempre contei para me auxiliarem nas situações práticas e nas discussões teóricas, no decorrer de todo o meu percurso académico. Agradeço todo o

incentivo e estímulo que me forneceram.

Este percurso trouxe-me amigas que levo para a vida. Catarina e Raquel caminhámos juntas durante estes cinco anos e espero que assim continuemos. Foi indispensável a vossa ajuda. Agradeço imenso todo o apoio e partilha, por todas as conversas e por todas as gargalhadas. Nunca me senti sozinha durante este tempo.

Às minhas afilhadas, Andreia e Cristiana. Agradeço-vos toda a ajuda e apoio. Vocês, as duas, foram duas surpresas fantásticas que se tornaram indispensáveis na minha vida e proporcionaram-me momentos repletos de felicidade e de muitos sorrisos. Carrego-vos no coração!

O meu agradecimento, também a todos os alunos universitários que de uma forma voluntária cooperaram para a concretização desta investigação.

Obrigada a toda a minha família e amigos, a todos aqueles que estiveram perto e me apoiaram, com quem me cruzei, a nível profissional, durante esta fase, tão importante na minha vida. A todos vocês, o meu muito obrigada! Estou eternamente agradecida, por todas as experiências que me proporcionaram, bem como todas as discussões, nas quais me mostraram o quanto humanos, profissionais e sensatos são.

À Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro enquanto estabelecimento de ensino e ao corpo docente da Licenciatura e Mestrado em Psicologia Clínica que contribuiu com os seus saberes para a minha formação e para a implementação de uma atuação pautada pela competência e rigor que me acompanhará o resto da vida!

A todos vocês, por me fazerem sorrir e crescer, a vários níveis, o meu profundo e sincero, OBRIGADA!...

Índice

PREÂMBULO	i
ARTIGO 1.....	v
Violência no namoro: autoestima e inteligência emocional, numa amostra de estudantes universitários	v
Resumo.....	vii
Abstract	ix
Introdução	1
Violência no namoro: relações amorosas e adolescência.....	1
Autoestima	7
Inteligência Emocional.....	8
Método	10
Participantes	10
Procedimentos	10
Instrumentos	11
Resultados	16
Diferenças da frequência dos comportamentos, efetuados pelos sujeitos agressores e os sujeitos vítimas em função do género	16
Diferença das táticas de resolução de conflito em função do género.....	19
Papel preditor do género, da inteligência emocional e da autoestima nas táticas de resolução de conflito dos agressores	21
Associação entre as táticas de resolução de conflito, autoestima e inteligência emocional	27
Discussão.....	30

Limitações do estudo, implicações práticas e propostas para estudos futuros.....	39
Referências bibliográficas	42
ARTIGO 2.....	i
Violência no Namoro: Sintomatologia Psicopatológica e Atitudes Legitimadoras da Violência, numa amostra de estudantes universitários	i
Resumo.....	iii
Abstract	v
Introdução	1
Violência no namoro: sintomatologia psicopatológica	1
Atitudes legitimadores da violência psicológica física e sexual masculina e feminina	6
Método	8
Participantes	9
Procedimentos	9
Instrumentos	10
Resultados	16
Diferenças dos sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas em função do género	16
Papel preditor do género, dos sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas nas táticas de resolução de conflito dos agressores	18
Papel preditor do género, dos sintomas psicopatológicos e das atitudes legitimadoras da violência nas táticas de resolução de conflito das vítimas	22
Associação entre as táticas de resolução de conflito, sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, médias e desvio padrão.....	26

Discussão.....	30
Limitações do estudo, implicações práticas e propostas para estudos futuro	40
Referências bibliográficas	43
Considerações finais.....	53
Referências bibliográficas gerais	55
ANEXOS.....	57

Lista de Tabelas

ARTIGO 1

Tabela 1. Frequência dos comportamentos efetuados pelos sujeitos agressores	16
Tabela 2. Diferença das táticas de resolução de conflito em função do gênero	19
Tabela 3. Regressão múltipla hierárquica para táticas de resolução de conflito – Agressores.....	22
Tabela 4 . Regressão múltipla hierárquica para táticas de resolução de conflito – Vítimas.....	25
Tabela 5. Correlações intra e interescares das variáveis em estudo: táticas de resolução de conflito dos agressores e das vítimas, autoestima e inteligência emocional, médias e desvio padrão.....	26

ARTIGO 2

Tabela 1. Diferenças dos sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas em função do gênero	17
Tabela 2. Regressão múltipla hierárquica para táticas de resolução de conflito – Agressores.....	20
Tabela 3. Regressão múltipla hierárquica para as táticas de resolução de conflito – Vítimas.....	24
Tabela 4. Correlações interescares das variáveis em estudo: táticas de resolução de conflito dos agressores e das vítimas, sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, médias e desvio padrão.....	28

PREÂMBULO

O namoro é um experimento, que tem um papel fundamental no desenvolvimento pessoal, visto que, proporciona, aos adolescentes, experiências que levam à exploração de si próprios, bem como, do parceiro (Félix, 2012). A violência no namoro é tida, na atualidade, como uma problemática social protuberante, que tem vindo a ser retratada, tanto em estudos nacionais, como internacionais, os quais têm exposto níveis de prevalência alarmantes (Duarte & Lima, 2006; Matos, Machado, Caridade, & Silva, 2006). Por consequência, é considerada atualmente, uma violação dos direitos humanos, que tem consequências graves para a saúde física e mental dos indivíduos e, em última instância, pode colocar a vida da vítima em perigo (Lima & Werlang, 2011).

Vários estudos atestam que as gerações mais novas também se vêem enclausuradas em relacionamentos disfuncionais, com experiências de abuso íntimo frequentes (e.g., Cuevas, Sabina, & Bell, 2014; Fernández-González, O’Leary, & Muñoz-Rivas, 2014; Machado, Caridade, & Martins, 2010), despoletando o interesse da comunidade científica para a violência no namoro (Straus, 2004). Esta expansão, nos temas de investigação da violência, deve-se a alterações sociais, que propiciam uma convivência mais íntima; e também à consciencialização social e à constatação de que, ocorrendo, a violência nas relações amorosas tende a perpetrar-se e/ou mesmo a acentuar-se, visto decorrer numa altura onde os padrões relacionais são aprendidos e podem ser transferidos para a vida adulta (Paiva & Figueiredo, 2004). Apesar deste processo, de aprendizagem dos padrões relacionais, se iniciar dentro dos seus relacionamentos familiares (e.g., pais e irmãos) por ser o seu primeiro contexto desenvolvimental (Fernandes, 2000; Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007). Assim sendo, esta situação de violência, adquirida através dos padrões relacionais, pode tornar-se numa situação crónica e num importante fator de risco

para a prevalência da violência em relacionamentos entre adultos (Exner-Cortens, Eckenrode, Bunge, & Rothman, 2017).

Estas experiências, de desenvolvimento íntimo, ocorrem devido à necessidade de estar e de se relacionar com os outros, de conquistar uma certa autonomia e equilíbrio (Mota & Rocha, 2012; Oliveira & Sani, 2005). São estas competências, que vão desenvolvendo, com os seus pares (Offenhauer & Buchalter, 2011), iniciadas anteriormente, através do processo de aprendizagem de padrões relacionais dentro dos seus relacionamentos familiares (e.g. pais e irmãos) (Fernandes, 2000; Fernandes et al., 2007), nas relações interpessoais, que devido à sua influência e crenças, vão moldando o seu comportamento (Offenhauer & Buchalter, 2011). Relações, estas, que podem promover ou exaurir o indivíduo (Narciso & Ribeiro, 2009).

A presente dissertação pretende ser um contributo positivo na compreensão da importância da violência do namoro, bem como, da sua relação com as táticas de resolução de conflito, a autoestima, a inteligência emocional, a sintomatologia psicopatológica e as atitudes legitimadoras acerca da violência, numa amostra de jovens universitários portugueses. O interesse que promoveu este estudo foi a necessidade de perceber e conhecer as táticas que os jovens portugueses utilizam para resolver os seus conflitos nas relações amorosas e de que forma, a adopção desses mesmos comportamentos, se correlaciona com a autoestima, a inteligência emocional e a sintomatologia psicopatológica.

Encontrando-se, a corrente investigação, dividida em dois artigos. O primeiro visa abordar a temática da violência no namoro, relacionando-a com a autoestima e inteligência emocional, numa amostra de estudantes universitários. Sendo que, este tem como objetivos específicos, analisar as diferenças significativas dos comportamentos efetuados pelos sujeitos agressores e os sujeitos vítimas em função do género; analisar as diferenças significativas das

táticas de resolução de conflito em função do gênero; testar o efeito preditor do gênero, da inteligência emocional e da autoestima nas táticas de resolução de conflitos dos inquiridos agressores e vítimas; e verificar a associação existente entre as táticas de resolução de conflito, a autoestima e a inteligência emocional. O segundo artigo pretende abordar o tema da violência no namoro e a sua relação com a sintomatologia psicopatológica e as atitudes legitimadoras da violência, numa amostra de estudantes universitários. Este último artigo foi orientado segundo o objetivo principal: relacionar a violência no namoro, a sintomatologia psicopatológica e as atitudes legitimadoras da violência. Consequentemente, tencionámos analisar as diferenças significativas dos sintomas psicopatológicos e as atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas em função do gênero; testar o efeito preditor do gênero, dos sintomas psicopatológicos e das atitudes legitimadoras da violência nas táticas de resolução de conflito dos agressores e vítimas; e verificar a associação existente entre as táticas de resolução de conflito, sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas. Por último, serão apresentadas as limitações do estudo, as implicações práticas e as propostas para estudos futuros.

ARTIGO 1

Violência no namoro: autoestima e inteligência emocional, numa amostra de
estudantes universitários

Dating violence: self-esteem and emotional intelligence in a sample of college
students

Violência no namoro: autoestima e inteligência emocional, numa amostra de estudantes universitários

Dating violence: self-esteem and emotional intelligence in a sample of college students

Olga Nazaré Simões Pereira, Otilia Monteiro Fernandes & Inês Carvalho Relva

Resumo

A violência nas relações íntimas tem sido um infortúnio de génese antiga, mas bem presente nas relações amorosas da atualidade, mais precisamente, no namoro. O presente artigo teve como objetivo principal perceber a relação entre a violência no namoro, a autoestima e a inteligência emocional. A amostra foi constituída por 435 estudantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 53 anos, dos quais 354 (81,4%) do género feminino e 81 (18,6%) do género masculino. Como instrumentos foram utilizados o *Social Environment Questionnaire* (SEQ); as *Revised Conflict Tactics Scales* (CTS2); a *Rosenberg Self-Esteem Scale* (RSES) e o Questionário de Autoperceção de Inteligência Emocional (QIE-AP). Os resultados evidenciaram que, relativamente à prevalência dos comportamentos efetuados pelos agressores, o género feminino tende a recorrer mais à negociação. Na agressão psicológica, o género feminino perpetróu mais este comportamento, contrariamente ao uso do abuso físico com sequelas, onde o género masculino recorreu mais a esta forma de violência. A inteligência emocional prediz a negociação, no agressor e na vítima. A autoestima prediz negativamente a agressão psicológica e o abuso físico sem sequelas, nos agressores e nas vítimas. A negociação, assim como, a agressão psicológica, o abuso físico sem e com sequelas, praticada pelos agressores e vivenciada pelas vítimas, está positivamente associada com a inteligência emocional. Concluindo, os resultados da investigação foram, maioritariamente, os esperados, tanto para os agressores, como para as vítimas, com a exceção da diferenciação do género. Ultimando assim, com uma reflexão sobre as

limitações que foram encontradas, neste tipo de procedimentos, apresentando, também, possíveis formas de aperfeiçoamento para ações de prevenção junto deste tipo de população e de toda a sua rede social.

Palavras-chave: violência, namoro, autoestima, inteligência emocional.

Abstract

Violence in intimate relationships has been a misfortune of old genesis, but widely current in nowadays amorous relationships, more precisely, in the courtship. The main purpose of this article was to understand the relationship between dating violence, self-esteem and emotional intelligence. The sample consisted of 435 students, aged between 18 and 53, of which 354 (81.4%) were female and 81 (18.6%) were male. As work instruments were used the Social Environment Questionnaire (SEQ); Revised Conflict Tactics Scales (CTS2); Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES) and Self-Perception Questionnaire for Emotional Intelligence (QIE-AP). The results showed that in relation to the prevalence of the behaviors carried out by the aggressors, the female gender tends to solve a conflict based on negotiation. In the psychological aggression, the female gender perpetrated more this behavior, contrarily to the use of physical abuse with sequels, the form of violence to which the masculine gender resorted more often. Considering the subjects interviewed, emotional intelligence predicts negotiation, on the aggressor and victim. Self-esteem negatively predicts psychological aggression and physical abuse without sequels, both in the aggressors and victims inquired. The negotiation, as well as the psychological aggression, physical abuse with and without sequels, practiced by the aggressors and experienced by the victims, is positively associated with emotional intelligence. In conclusion, the results of the investigation were, for the most part, those expected the aggressors and the victims, with the exception of gender differentiation. Finally, with a reflection on the limitations that were found, in this type of procedures, presenting, also, possible ways of improvement for prevention actions with this type of population and its entire social network.

Keywords: violence, dating, self-esteem, emotional intelligence.

Introdução

Violência no namoro: relações amorosas e adolescência

A violência nas relações amorosas é um infortúnio de génese antiga, que tem vindo a ser reconhecida como um problema social e de saúde pública relevante (Barroso, 2007; Caridade & Machado, 2006; Gehring & Vaske, 2015; Próspero, 2008), devido à sua alarmante prevalência e aos efeitos permanentes na saúde (física e mental) da vítima (Caridade & Machado, 2006; Próspero, 2008). Não obstante, a investigação da violência na intimidade tem sido prejudicada devido à carência de uma definição exclusiva e de metodologias consistentes (Breiding, Black, & Ryan, 2008).

Vários estudos alegam que as gerações mais novas também se vêem enclausuradas em relacionamentos disfuncionais, com experiências de abuso íntimo frequentes (e.g., Cuevas et al., 2014; Fernández-González et al., 2014; Machado et al., 2010), despoletando o interesse da comunidade científica para a violência no namoro (Straus, 2004). Esta expansão, nos temas de investigação da violência, deve-se a alterações sociais, que propiciam uma convivência mais íntima; e também à consciencialização social e à constatação de que, ocorrendo, a violência nas relações amorosas, tende a perpetrar-se e/ou mesmo a acentuar-se, visto decorrer numa altura onde os padrões relacionais são aprendidos e podem ser transferidos para a vida adulta (Paiva & Figueiredo, 2004). Apesar deste processo, de aprendizagem dos padrões relacionais, se iniciar dentro dos seus relacionamentos familiares (e.g., pais e irmãos) por ser o seu primeiro contexto desenvolvimental (Fernandes, 2000; Fernandes et al., 2007). Assim sendo, esta situação de violência, adquirida através dos padrões relacionais, pode tornar-se numa situação crónica e num importante fator de risco para a prevalência da violência em relacionamentos entre adultos (Exner-Cortens et al., 2017).

A adolescência é um período desenvolvimental ímpar, assinalado por inúmeras transformações (físicas e psicológicas), muitas vezes marcada por uma certa instabilidade emocional, por conflitos pessoais e interpessoais, bem como pela maturação (Bertoldo & Barbará, 2006; Caridade, 2011). É, também, uma fase de transição, de um período de dependência, a infância, para uma fase mais autossuficiente, a adultez (Harper & Marshall, 1991). É durante este período de desenvolvimento, que existe uma maior exploração fora do contexto familiar (Mota & Rocha, 2012). A necessidade em estabelecer relações externas ao seu meio mais conhecido, principalmente, fora das relações familiares (e.g., Alarcão, 2002; Alarcão & Gaspar, 2007; Dias & Silva, 2003; Dias, Hora, & Aguiar, 2010; Mainetti & Wanderbroocke, 2013); parentais (e.g., Bertoldo & Barbará, 2006; Mota & Rocha, 2012); de irmãos (e.g., Alarcão, 2002; Fernandes, 2000; Relva et al., 2012); em situações de institucionalização (e.g., Araújo, 2012; Costa & Mota, 2012; Mota & Matos, 2010; Siqueira & Dell'Aglio, 2010), em busca de autonomia e da construção da sua própria identidade, metamorfoseando-se numa fase de exploração e experimentação (Bertoldo & Barbará, 2006; Caridade & Machado, 2006; Collins & Dulmen, 2006; Mota & Rocha, 2012; Narciso & Ribeiro, 2009). Não obstante, é em família, que ocorrem as primeiras descobertas do desenvolvimento individual, e existindo irmãos, são eles os primeiros pares, que auxiliam o início deste processo de construção, exploração e experimentação, na procura da própria identidade, mesmo da sexual (Fernandes, 2000; Fernandes et al., 2007), e do primeiro contacto com a violência (Fernandes, 2000; Fernandes et al., 2007; Lopes, Fernandes, & Relva, 2017; Relva, Alarcão, & Fernandes, 2014a; Relva, et al., 2012; Relva, Fernandes, Alarcão, & Martins, 2014b). Sublinhando assim, a importância dos primeiros relacionamentos (familiares, nomeadamente com os pais e irmãos) na construção da própria personalidade (Fernandes, 2000; Fernandes et al., 2007). Neste processo, as relações

amorosas, que se vão anunciando, podem tornar-se experiências que facilitam o desenvolvimento e a consolidação da identidade de gênero, alega Jackson, Cram e Seymour (2000). Processo que, também, auxilia o indivíduo a adquirir competências e a moldar o seu comportamento (Offenhauer & Buchalter, 2011), bem como, a sua identidade sexual (Jackson et al., 2000). Estes relacionamentos íntimos são, frequentemente, fugazes e de curta duração, resultando em experiências sexuais com diferentes parceiros e envolvimento em comportamentos de risco (Jackson et al., 2000).

A relação de namoro, de acordo com Bertoldo e Barbará (2006), deve ser um período caracterizado pela estabilidade advinda da união entre duas pessoas. Outros autores acrescentam que, se torna numa fase de transição que proporciona um desenvolvimento pessoal, facilitando a estruturação de relacionamentos amorosos de maior qualidade, quando bem-sucedida (Collins & Dulmen, 2006; Oliveira & Sani, 2005). Contudo, é durante este período que, nos relacionamentos com os seus pares, se dá continuidade a experiências de desenvolvimento íntimo (Mota & Rocha, 2012; Oliveira & Sani, 2005), iniciadas nos relacionamentos familiares (e.g. com irmãos) (Fernandes, 2000; Relva et al., 2014a; Relva et al., 2012; Relva et al., 2014b). Onde os comportamentos violentos podem surgir e, não raras vezes, se tornam numa habitual forma de resposta (Miller, Grabell, Thomas, Bermann, & Graham-Bermann, 2012; Muñoz-Rivas, Graña, O’Leary, & González, 2007) devido, por exemplo, à influência dos comportamentos e crenças dos jovens (Offenhauer & Buchalter, 2011). Devido talvez, a que aconteça uma certa repetição de comportamentos aprendidos na infância, por imitação de comportamentos violentos que experienciaram entre os pais, por violência dos pais para com eles (filhos), ou ainda, por comportamentos acontecidos entre os irmãos (caso os tenham: e a maior parte dos sujeitos tem/teve irmãos) (Fernandes, 2002; Lopes et al., 2017; Relva, 2005; Relva et

al., 2012; Relva et al., 2014a).

A violência no namoro gera, não só, mudanças nos indivíduos, como na relação entre os dois, afetando todos os sistemas aos quais pertencem (Dourado & Noronha, 2014). Deste modo, a violência nas relações íntimas é um termo que deverá ser assimilado como sendo o uso intencional da força física com o intuito de causar dano físico, sexual ou mesmo psicológico; o uso do poder; a coação ou, mesmo, a intimidação contra terceiros. Devendo ser considerada, como sendo violência, todo o ato intencional que, de alguma forma, lese a integridade física e/ou psicológica, impeça a satisfação das necessidades básicas, impossibilite o desenvolvimento e/ou negue o acesso aos direitos de outrem, ou que de alguma forma, essas mesmas ações resultem no isolamento (e.g., Brown, 2008; Gehring & Vaske, 2015), falta de suporte social (e.g., Brown, 2008; Gehring & Vaske, 2015) ou mesmo que promovam a morte de um indivíduo (Manita, Ribeiro, & Peixoto, 2009; WHO, 2016). Este tipo de comportamentos violentos não exige a existência de intimidade sexual e podem suceder entre casais heterossexuais ou do mesmo sexo (Manita et al., 2009; WHO, 2016). Muitas das vítimas, que não se encaixam no padrão estipulado pelos estereótipos sociais, constituem-se vítimas duplamente, da violência íntima e da sociedade, com uma maior facilidade (Gehring & Vaske, 2015), vítimas da sociedade devido à falta de suporte social e que, consecutivamente, incorrem no isolamento (Brown, 2008; Gehring & Vaske, 2015). A análise que cada um faz, sobre os acontecimentos violentos, está dependente da experiência pessoal e de como cada um percebe a vida e o mundo (Zulueta, 1996), embora, seja considerado um ato violento sempre que um indivíduo (vítima, ofensor ou sociedade) o depreenda e/ou vivencie como tal (Lisboa, Patrício, & Leandro, 2009).

Os fatores de vulnerabilidade, advindos do facto de ser vítima de violência íntima, segundo a literatura existente, podem ser de natureza variada. Não obstante, algumas

investigações identificaram elementos mais correntes entre as vítimas, como uma baixa autoestima e descrédito nas suas próprias capacidades; auto caracterização mais conservadora; inabalável crença no sentido de família e no estereótipo associado ao papel de género; culpabilização pelas ações do agressor, muitas vezes, acreditando que é um castigo merecido; negação de sentimentos de raiva e terror; apresentação de uma face mais passiva, mas enganosa, perante a sociedade; reação de stresse moderado a grave, com queixas psicológicas e somatização; uso do sexo para criar proximidade; crença na impossibilidade de resolução da sua situação conflituosa e impotência, isolamento social; medo advindo de ameaças (morte ou castigo), e, principalmente, crença num amor romântico e irreal (CDC, 2011; WHO, 2016).

Outras características de relacionamentos abusivos são o ciúme e a dominação, ainda considerados por muitas mulheres, como provas de amor (Hirigoyen, 2006). Algumas teorias, sobre a violência, defendem que a violência nos relacionamentos amorosos é uma consequência do patriarcalismo (Oliveira & Gomes, 2011) e do uso intencional da violência pelo género masculino, para que assim, obtenha e mantenha algum poder, controlo e autoridade sobre o/a seu/sua companheiro/a, exibindo um padrão de comportamentos abusivos (Hines & Douglas, 2010). Fatores como a exposição prévia à violência através de casos de violência em diferentes contextos relacionais, nomeadamente violência entre irmãos (e.g., Lopes et al., 2017; Relva et al., 2014a; Relva et al., 2014b; Relva et al., 2012; Relva, Fernandes, & Mota, 2013b); violência parental (Laporte, Jiang, Pepler, & Chamberland, 2011); violência familiar (e.g., Faias, Caridade, & Cardoso, 2017; Oliveira, Sani, & Magalhães, 2012), violência no ambiente escolar (e.g., Barroso & Manita, 2012), como vítima direta ou indireta (Patias & Dell’Aglia, 2017); sentimentos de pertença e posse sobre o outro (Hines & Douglas, 2010; Oliveira & Gomes, 2011), e/ou perceção de que a masculinidade se encontra ameaçada (relacionada com uma visão

mais tradicionalista), são, entre outros, aspetos que podem contribuir para que o recurso à violência, em relações amorosas, seja uma forma de resposta à necessidade de controlo e uma solução para atenuar sentimentos de frustração (Warkentin, 2008; Hines & Douglas, 2010).

Estes comportamentos disfuncionais podem enquadrar-se nos seguintes tipos de violência, que podem surgir concomitantemente: o abuso emocional ou psicológico, o abuso físico, o abuso sexual, o abuso económico, o isolamento social e a perseguição ou *stalking* (Magalhães, 2010). O abuso emocional ou psicológico ocorre quando o agressor utiliza um certo padrão de comunicação verbal ou não verbal, com a intenção de causar num indivíduo algum tipo de sofrimento psicológico, desrespeitando-o constantemente. São considerados abusos, todas as ameaças e ações que intentem a intimidação e o medo, causados de forma intencional e a ausência ou falha, ativa ou passivamente, de suporte afetivo e/ou constatação das necessidades emocionais de terceiros. Este tipo de violência é pautada por atos como insultos, ameaças verbais, isolamento, ciúmes doentios, manipulação, controlo, submissão, humilhação, abandono, traição, ameaças de separação, destruição e/ou dano de objetos pessoais (Magalhães, 2010). A violência psicológica, sendo mais difícil de ser lembrada, é também mais difícil de ser identificada, quando comparada com os outros tipos de violência (Megías, Rodríguez, Hidalgo, & Romero, 1999). Esta situação deve-se ao facto de se lhe conceder uma menor importância, mas, principalmente, porque não deixa marcas visíveis (Relva et al., 2013b) logo ao nível pessoal e social, por ter menos sequelas visíveis, torna-se mais desculpável (Megías et al., 1999).

O abuso físico é um ato de violência, advindo de uma ameaça, força física ou restrição, que provoque dor ou injúria a terceiros. Esta situação ocorre, por exemplo, quando o agressor recorre a empurrões, bofetadas, patadas, torceduras, agarra, bate, esmurra, sufoca e/ou ameaça com um objeto (e.g., faca ou arma) ou outros atos que possam provocar um aborto, lesões

internas, desfigurações ou mesmo um homicídio (Magalhães, 2010). Este tipo de violência, segundo Hirigoyen (2006), tende a surgir, no momento em que a vítima resiste à violência psicológica. No caso da violência física, as vítimas têm tendência a recordarem-se com exatidão do primeiro episódio da agressão física, mas não conseguem evocar o primeiro momento em que foram vítimas de agressão psicológica, visto que, este tipo de violência tem tendência a ser mais subtil e impercebível, o que dificulta a sua lembrança (Blasco-Ros, Sánchez-Lorente, & Martinez, 2010).

Por fim, o abuso sexual é definido como sendo toda a pressão física ou psicológica exercida sobre uma pessoa, que tem como objetivo, obrigar à prática de atos sexuais, não desejados, ou qualquer tipo de mutilação sexual, recorrendo à intimidação, humilhação, coerção, subordinação ou falta de defesa, incluindo ainda, a violação e o assédio sexual (Magalhães, 2010).

Autoestima

A autoestima é, segundo Rosenberg (1965), a avaliação subjetiva que cada indivíduo faz de si mesmo. Durante o período da adolescência, a autoestima, desenvolve-se com o decorrer de relacionamentos com os seus pares (Rocha, Mota, & Matos, 2011), principalmente em relacionamentos com sujeitos do mesmo sexo. Para o género masculino, este conceito aparenta ser inerente à realização pessoal. O mesmo não parece suceder no género feminino, que afigura estar mais associado às relações com os outros (Papalia, Olds, & Feldman, 2006). O que demonstra ser um conceito que facilmente poderá dificultar ou potenciar a criação de relações baseadas numa vinculação segura (Rocha et al., 2011). Também inúmeros estudos salientam, como o desenvolvimento da autoestima se faz, primariamente, na família, com os pais, mas também, com os irmãos (quando os há), e sobretudo, é função da relação que se tem com estes

últimos, por serem relações mais horizontais e igualitárias (Fernandes, 2000).

Concomitantemente, a autoestima aparenta estar relacionada com o isolamento social, o que resulta num comprometimento crescente da saúde mental e se torna responsável pela regulação das relações sociais (Peixoto, 2003). Assim, uma autoestima reduzida, principalmente, no género feminino, constitui um fator de risco, bem como, uma consequência da violência íntima, característica que é comum nas mulheres vítimas de violência (Walker, 2016).

Inteligência Emocional

O conceito de inteligência emocional está envolto numa desordem, pois é um conceito que tem sofrido diversas alterações (Bar-On, 2010), e está associado, principalmente, a três modelos teóricos distintos. São eles, o modelo das aptidões de Salovey e Mayer (Mayer & Salovey, 1997; Salovey & Mayer, 1990) que defende que a inteligência emocional é a aptidão para entender, gerir e utilizar as emoções, de forma a facilitar o pensamento, ou seja, é a capacidade de processar a informação emocional e utilizá-la em benefício de um desenvolvimento adaptativo. Para estes autores, a inteligência emocional é uma capacidade cognitiva e a sua definição mais atual engloba mais quatro componentes de forma a ser percebida e integrada com uma maior facilidade: a perceção emocional, a facilitação do pensamento, a perceção da própria emoção e a gestão emocional (Mayer & Salovey, 1997).

Outro modelo é o modelo misto de Goleman (2015) que argumenta que, a inteligência emocional é um conjunto de capacidades que levam a um desempenho mais eficaz. Defende a existência de 25 competências específicas divididas por 5 grupos inerentes ao conceito de inteligência emocional, como: a autoconsciência; a autorregulação; a motivação; a empatia e as aptidões sociais (Goleman, 2005). A definição de Goleman e Santarrita (1995) incidiu mais sobre as características analisadas pelas teorias fatoriais da personalidade.

Por último, o modelo misto ou multifatorial de Bar-On (2006, 2010). Considerado um modelo misto, pois, relaciona pontos da personalidade, da parte social e emocional; e sugere uma definição de Inteligência Emocional e Social (Bar-On, 2006). Designando este conceito como sendo um aglomerado de competências emocionais e sociais que interagem e influenciam um comportamento, originando o reconhecimento e a necessidade de expor as próprias emoções e a dos outros (Bar-On, 2010). Neste modelo foram tidas em causa cinco dimensões, a intrapessoal, a interpessoal, gestão de stresse, adaptabilidade, e estado de ânimo e motivação (humor geral) (Bar-On, 2006, 2010).

Para Primi (2003), o conceito de inteligência emocional está dependente da designação de outros conceitos, como o de inteligência e o de emoção, bem como, do significado da sua interação. Numa definição mais simplista, este conceito, para este autor, é a aptidão individual que cada indivíduo dispõe, para se adaptar ao seu meio, ou seja, uma capacidade geral de adaptação. Por consequência, para alguns autores, a capacidade de identificar, controlar, expressar as emoções e distinguir as de terceiros, a habilidade para gerir os problemas quotidianos, lidar com acontecimentos stressantes e ainda assim, conseguir preservar uma atitude positiva, transforma a qualidade dos relacionamentos interpessoais e capacita os sujeitos a uma vida intrapessoal e interpessoal mais satisfatória (Sánchez, Ortega, & Menesini, 2012).

Assim e face ao exposto, e devido à escassez de estudos de investigação que abordem as variáveis em estudo, o objetivo principal, deste estudo, foi perceber a relação entre a violência no namoro, a autoestima e a inteligência emocional. O modelo da inteligência emocional utilizado, neste artigo, foi o defendido por Mayer e Salovey (1997). Concomitantemente, tornou-se pertinente o seu estudo em jovens universitários, sendo que, como objetivos específicos pretendeu-se: (a) analisar as diferenças significativas dos comportamentos efetuados pelos

sujeitos agressores e os sujeitos vítimas em função do género; (b) analisar as diferenças significativas das táticas de resolução de conflito em função do género; (c) testar o efeito preditor do género, da inteligência emocional e da autoestima nas táticas de resolução de conflitos dos inquiridos agressores e vítimas; e (d) verificar a associação existente entre as táticas de resolução de conflito, a autoestima e a inteligência emocional.

Método

A corrente investigação é um estudo de carácter quantitativo, visto ser baseada em dados de natureza numérica que foram recolhidos através de instrumentos de autorrelato. Tem, também, um carácter transversal, pois, os dados foram recolhidos num único momento, e um cariz exploratório, na medida em que, existem escassas investigações onde se analisam as mesmas variáveis que se encontram presentes nesta pesquisa (Pais-Ribeiro, 2008).

Participantes

A amostra foi constituída por 435 estudantes universitários, que se encontravam a frequentar uma universidade do norte de Portugal, com nacionalidade portuguesa e a residir em Portugal, que já tenham tido, pelo menos, um relacionamento amoroso (homossexual ou heterossexual), estado civil de solteiro/a com ou sem namorado/a, com idades compreendidas entre os 18 e os 53 anos de idade ($M=20.72$; $DP=3.42$).

Maioritariamente (81.4%) são do género feminino, sendo que 57.2% eram solteiros com namorada/o. No que concerne à escolaridade dos pais verifica-se que a maioria tem o ensino básico, pai (62.8 %) e mãe (59.8%), respetivamente.

Procedimentos

Numa primeira instância, a investigação baseou-se na seleção das variáveis a estudar e dos participantes. Seguidamente, efetuou-se um levantamento bibliográfico sobre os estudos

efetuados e desenvolvidos acerca do tema escolhido, através de todos os meios de informação disponíveis, como livros e artigos científicos, recolhidos, a partir de bases de dados, como *LILACS*, *EBSCO*, *B-on* e *Google Académico*. Após a seleção dos instrumentos a serem utilizados foram tidos em consideração todos os procedimentos éticos implícitos no estudo. Especificamente, foi obtida a autorização para a realização do estudo, através da Comissão de Ética da nossa Universidade, bem como, a autorização para a utilização das escalas, pelos respetivos autores. Posteriormente, foi efetuado um contacto com os Presidentes das cinco Escolas do ensino superior, visando obter as devidas autorizações para a recolha de dados, celebrado através de um documento escrito, oficializando assim a obtenção dos compromissos institucionais.

A administração dos instrumentos decorreu em sala de aula, de forma presencial em cada Escola, em contexto grupal e durante cerca de 45 minutos. Em cada momento da recolha foi realizada uma breve apresentação do estudo, onde foram fornecidas as instruções necessárias para o bom preenchimento dos questionários, evidenciando a participação voluntária, a confidencialidade dos dados e a garantia do anonimato dos participantes. Foi, também, divulgado o trabalho conjunto e a disponibilidade com o Gabinete de Apoio Psicológico da universidade, bem como, o alerta para certas alterações psicológicas que merecem um acompanhamento especializado e atento.

Instrumentos

O **Questionário Sociodemográfico** baseado no *Social Environment Questionnaire* (SEQ), de Toman (1993), adaptado por Fernandes e Relva (2013). Este instrumento inquiri o sujeito acerca da sua condição (género, idade, estado civil, nacionalidade, número de relacionamentos e durabilidade média de um relacionamento afetivo), dos seus pais (escolaridade

e profissão), tal como, sobre a sua fratria (número de irmãos e número de elementos do agregado familiar).

As ***Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)*** de Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996), adaptadas e validadas por Paiva e Figueiredo (2006) para a população portuguesa, constituem um instrumento para medir as táticas de resolução de conflito em casais numa relação de namoro, visando estratégias de negociação ou de abuso, na perspectiva dos participantes. Estes são instruídos a referirem-se ao ano transato, conforme uma das sugestões dos autores originais. As questões das CTS2 estão organizadas em pares de relacionamento, sendo que cada item é apresentado duas vezes, uma sobre os atos do sujeito (perpetração, que neste estudo foi substituído por agressor), e outra sobre os atos para com o sujeito (vitimização, que neste estudo foi substituído por vítima). A escala de respostas, tipo *Likert*, reflete a frequência de cada comportamento num determinado período de tempo, variando entre (0) “isso nunca aconteceu” e “não no ano passado, mas aconteceu antes ou depois”; (1) “uma vez no ano”; (2) “duas vezes no ano”; (3) “3 a 5 vezes no ano”; (4) “6 a 10 vezes no ano”; (5) “11 a 20 vezes no ano”; e (6) “mais de 20 vezes no ano”.

As CTS2 são constituídas por 78 itens, agrupados em cinco subescalas: (1) negociação, (2) agressão psicológica, (3) abuso físico sem sequelas (4) coerção sexual (a qual, no presente estudo, não foi utilizada) e (5) abuso físico com sequelas. A versão portuguesa de Paiva e Figueiredo (2006) evidenciou robustez psicométrica adequada, com valores de *alpha* de Cronbach de .79 para a escala total de perpetração e de .74 para a escala total de vitimização. No que diz respeito à qualidade psicométrica, para a amostra do presente estudo, esta evidenciou robustez psicométrica, sendo que os valores de coeficientes de *alpha* de Cronbach foram de .82 e .81 na negociação, .72 e .71 na agressão psicológica, de .79 e .82 no abuso físico sem sequelas, e

de .75 no abuso físico com sequelas, em ambas as dimensões perpetração e vitimização. Quanto à escala total de perpetração e de vitimização os valores de *alpha* de Cronbach foram de .85 e .84 para ambas as escalas. No que concerne às análises fatoriais confirmatórias, para a perpetração, verifica-se uma qualidade de ajustamento adequada ($\chi^2/df=4740$; Ratio=.848; CFI=.90; SRMR=.099 e RMSEA=.09). Quanto à vitimização, os valores encontram-se, igualmente com uma qualidade de ajustamento adequada ($\chi^2/df=3603$; Ratio=.835; CFI=.90; SRMR=.112 e RMSEA=.08).

A ***Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES)*** foi desenvolvida por Rosenberg (1965) e adaptada por Vasconcelos-Raposo e Freitas (1999) é uma escala unidimensional constituída por 10 itens relacionados com sentimentos de autoestima e auto-depreciação, que avalia a autoestima global. Os itens são apresentados numa escala de *Likert*: (1) concordo completamente, (2) concordo, (3) discordo e (4) discordo completamente, sendo a pontuação global obtida pela soma das pontuações dos 10 itens, variando entre 10 e 40 pontos. Os itens 1, 2, 4, 6 e 7 foram invertidos para que pontuações elevadas correspondam a elevados níveis de autoestima. O valor do *alpha* de Cronbach referente à consistência interna da escala total do estudo de validação foi de .86, neste estudo o valor de α de Cronbach é igualmente adequado $\alpha = .88$. No que concerne à análise fatorial confirmatória, verifica-se uma qualidade de ajustamento adequada ($\chi^2/df=4236$; Ratio=.622; CFI=.95; SRMR=.03 e RMSEA=.09).

O ***Questionário de Autopercepção de Inteligência Emocional (QIE-AP)*** de Mayer e Salovey (1997) adaptada por Teques, Llorca-Ramóna, Bueno-Carreraa, Pais-Ribeiro e Teques (2015) constitui uma escala para avaliar a autopercepção da inteligência emocional. A escala de respostas, tipo *Likert*, reflete a frequência de cada comportamento num determinado período de tempo, dividido entre (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) concordo e (4) concordo

totalmente, sendo constituída por 18 itens, agrupados em quatro subescalas: (1) Percepção, avaliação e experiência emocional: (5, 8, 10 e 18); (2) Facilitação emocional do pensamento: (1, 3, 4, 7 e 16); (3) Compreensão e análise emocional: (2, 6, 9, 12, 14 e 17); (4) Regulação emocional: (11, 13 e 15). O valor do *alpha* de Cronbach, referente à consistência interna do estudo de validação na dimensão Percepção, avaliação e experiência emocional foi de .73; Facilitação emocional do pensamento foi de .70; Compreensão e análise emocional foi de .73 e Regulação emocional foi de .77. Neste estudo, o α de Cronbach é de .60 para a Percepção, avaliação e experiência emocional, .65 para a Facilitação emocional do pensamento, .64 para a Compreensão e análise emocional e de .71 para Regulação emocional. No que concerne às análises fatoriais confirmatórias, verifica-se uma qualidade de ajustamento adequado ($\chi^2/df=2915$); Ratio= .800; CFI=.90; SRMR=.025 e RMSEA=.07.

Análises estatísticas

Para o tratamento dos dados foi realizada uma codificação dos instrumentos e construída uma base de dados com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences – IBM SPSS*, versão 24.0; e para a realização da análise fatorial confirmatória recorreu-se ao *software AMOS* (v.23, SPSS).

Primeiramente, foram analisados todos os questionários, visando excluir aqueles que estavam incompletos ou perfeitamente preenchidos ao acaso. De seguida efetuou-se uma limpeza da amostra, identificando possíveis *missings* e *outliers* prejudiciais ao estudo, sendo que, a análise dos *outliers* se efetuou com recurso à determinação de *Zscores* e da distância quadrada de *Mahalanobis* (D^2) e a normalidade das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de assimetria (*Sk*) e curtose (*Ku*) permitindo o recurso a testes paramétricos. Do mesmo modo, o recurso a estes testes, também, é assegurado pelo tamanho da amostra, pois à medida que o tamanho da

amostra aumenta, a distribuição das médias amostrais tende a seguir uma distribuição normal (Marôco, 2014).

Seguidamente, procedeu-se à construção das dimensões que compõem cada instrumento, realizando, depois, as suas análises psicométricas através do *alpha* de Cronbach, sendo que valores $>.60$, demonstram uma boa consistência interna (Field, 2009) e das análises fatoriais confirmatórias, com o objetivo de confirmar se os itens dos instrumentos correspondiam às dimensões propostas pelos autores originais. As observações, que apresentaram valores de D^2 que sugeriam que essas observações eram *outliers*, foram excluídas da base de dados.

No que respeita à análise dos dados, estimou-se a frequência dos comportamentos, objetivando identificar quais os mais efetuados pelos agressores e os mais sofridos pelas vítimas, bem como, verificar análises diferenciais de acordo com a variável género, deste modo, foi efetuado um teste de Qui-Quadrado; para testar as diferenças das táticas de resolução de conflito em função do género, realizou-se uma análise através do teste *t* para duas médias independentes. Na sequência das análises foi realizada uma análise de regressão múltipla hierárquica tendo em conta variáveis como o género, a autoestima e a inteligência emocional, sendo testado o seu papel preditor nas táticas de resolução de conflito, quer em agressores, quer em vítimas. Por último, realizaram-se correlações de *Pearson* para analisar as associações das variáveis em estudo: táticas de resolução de conflito, quer dos agressores, quer das vítimas, autoestima e inteligência emocional. De acordo com Cohen (1988), correlações com valores entre $.10$ e $.29$ são pequenas, entre $.30$ e $.49$ são médias e entre $.50$ e 1.0 são elevadas.

Resultados

Diferenças da frequência dos comportamentos, efetuados pelos sujeitos agressores e os sujeitos vítimas em função do género

Foi realizado um teste de Qui-Quadrado para testar as diferenças das táticas de resolução de conflito em função do género. Face à análise descritiva dos comportamentos, e relativamente aos **agressores** (Tabela 1), na dimensão **negociação**, o comportamento “*Concordei em tentar uma solução sugerida pelo/a meu/minha namorado/a para um desentendimento*”, observou-se uma diferença estatisticamente significativa ($p=.014$), sendo este comportamento mais frequente no género feminino (67.5%) quando comparado com o género masculino (53.1%). No que se refere à dimensão **agressão psicológica**, o comportamento “*Fiz algo para irritar o/a meu/minha namorado/a*”, observou-se uma diferença estatisticamente significativa ($p=.003$), sendo este comportamento mais frequente no género feminino (31.4%) do que no género masculino (14.8%), verificou-se, também, que existiram diferenças estatisticamente significativas ($p=.030$) no comportamento “*Chamei de gordo/a ou feio/a ao/a meu/minha namorado/a*”, sendo que este comportamento prevalece mais no género masculino (17.3%) do que no género feminino (9.0%), de igual modo, observaram-se diferenças estatisticamente significativas ($p=.003$) no comportamento “*Acusei o/a meu/minha namorado/a de ser mau/má amante*”, sendo este comportamento mais frequente no género masculino (23.5%) quando comparado com o género feminino (11%), por fim, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ($p=.001$) no comportamento “*Destruí algo que pertencia ao/a meu/minha namorado/a*”, sendo mais frequente no género masculino (14.8%), do que no género feminino (4.5%). No que concerne à dimensão **abuso físico com sequelas** observou-se que, o comportamento “*O/a meu/minha namorado/a precisava de ter ido ao médico por causa de uma luta comigo, mas não o fez*”, é

estatisticamente significativo ($p=.032$), sendo mais frequente no género masculino (2.5%) do que no género feminino (0.3%).

Tabela 1

Frequência dos comportamentos efetuados pelos sujeitos agressores

Comportamentos	Feminino (n=354) n (%)	Masculino (n=81) n (%)	Sentido das diferenças significativas
Negociação			
Mostrei que me preocupava com o/a meu/minha namorado/a, mesmo que discordássemos	325 (91.8)	72 (88.9)	n.s.
Mostrei respeito pelos sentimentos do/a meu/minha namorado/a acerca de um assunto	312 (88.1)	68 (84.0)	n.s.
Disse ao/a meu/minha namorado/a que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema	275 (77.7)	55 (67.9)	n.s.
Numa discussão, expliquei ao/a meu/minha namorado/a o meu ponto de vista	318 (89.8)	71 (87.7)	n.s.
Sugeri um acordo para resolver um desentendimento	236 (66.7)	45 (55.6)	n.s.
Concordei em tentar uma solução sugerida pelo/a meu/minha namorado/a para um desentendimento	239 (67.5)	43 (53.1)	1>2
Agressão psicológica			
Insultei ou disse palavrões ao/a meu/minha namorado/a	151 (42.7)	36 (44.4)	n.s.
Gritei ou berrei ao/a meu/minha namorado/a	140 (39.5)	34 (42.0)	n.s.
Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento com o/a meu/minha namorado/a	131 (37.0)	37 (45.7)	n.s.
Fiz algo para irritar o/a meu/minha namorado/a	111 (31.4)	12 (14.8)	1>2
Chamei de gordo/a ou feio/a ao/a meu/minha namorado/a	32 (9.0)	14 (17.3)	2>1
Acusei o/a meu/minha namorado/a de ser mau/má amante	39 (11.0)	19 (23.5)	2>1
Destruí algo que pertencia ao/a meu/minha namorado/a	16 (4.5)	12 (14.8)	2>1
Ameacei ferir ou atirar alguma coisa ao/a meu/minha namorado/a	11 (3.1)	4 (4.9)	n.s.
Abuso físico sem sequelas			
Atirei ao/a meu/minha namorado/a alguma coisa que o poderia magoar	41 (11.6)	11 (13.6)	n.s.
Torci o braço ou puxei o cabelo ao/a meu/minha namorado/a	14 (4.0)	2 (2.5)	n.s.
Empurrei ou apertei o/a meu/minha namorado/a	43 (12.1)	12 (14.8)	n.s.

Agarrei à força o/a meu/minha namorado/a	20 (5.6)	3 (3.7)	n.s.
Dei uma bofetada ao/a meu/minha namorado/a	24 (6.8)	4 (4.9)	n.s.
Usei uma faca ou uma arma contra o/a meu/minha namorado/a	4 (1.1)	2 (2.5)	n.s.
Esmurrei ou bati no/na meu/minha namorado/a com algo que o poderia magoar	6 (1.7)	3 (3.7)	n.s.
Tentei sufocar o/a meu/minha namorado/a	3 (0.8)	2 (2.5)	n.s.
Atirei o/a meu/minha namorado/a contra a parede	10 (2.8)	3 (3.7)	n.s.
Dei uma tarefa no/na meu/minha namorado/a	4 (1.1)	1 (1.2)	n.s.
Queimei ou escaldei o/a meu/minha namorado/a de propósito	9 (2.5)	4 (4.9)	n.s.
Dei pontapés no/na meu/minha namorado/a	4 (1.1)	1 (1.2)	n.s.
Abuso físico com sequelas			
O/a meu/minha namorado/a teve uma entorse, pisadura, ferida ou pequeno corte por causa de uma luta comigo	19 (5.4)	4 (4.9)	n.s.
O/a meu/minha namorado/a sentiu dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta que tivemos	18 (5.1)	4 (4.9)	n.s.
O/a meu/minha namorado/a desmaiou porque eu o/a atingi na cabeça durante uma luta	3 (0.8)	1 (1.2)	n.s.
O/a meu/minha namorado/a foi ao médico por causa de uma luta comigo	3 (0.8)	1 (1.2)	n.s.
O/a meu/minha namorado/a precisava de ter ido ao médico por causa de uma luta comigo, mas não o fez	1 (0.3)	2 (2.5)	2>1
O/a meu/minha namorado/a teve uma fratura devido a uma luta comigo	2 (0.6)	1 (1.2)	n.s.
<i>Nota: n = número de sujeitos; n.s.= não significativo</i>			

No que respeita à frequência dos comportamentos exercidos sobre os sujeitos que são **vítimas**, quanto à dimensão **negociação**, no comportamento “*O/a meu/minha namorado/a disse-me que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema*”, observaram-se diferenças estatisticamente significativas ($p=.043$), sendo este comportamento mais frequente no género feminino (77.4%) que no género masculino (66.7%). No que concerne à dimensão **agressão psicológica**, o comportamento: “*O/a meu/minha namorado/a saiu abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento comigo*”, verificaram-se diferenças

estatisticamente significativas ($p=.000$), sendo este comportamento mais usual no género masculino (45.7%), quando comparado com o género feminino (26.0%), relativamente ao comportamento “*O/a meu/minha namorado/a fez algo para me irritar*”, observaram-se diferenças estatisticamente significativas ($p=.034$) sendo mais frequente no género feminino (30.2%) do que no género masculino (18.5%), no que concerne ao comportamento “*O/a meu/minha namorado/a acusou-me de ser mau/má amante*”, verificaram-se diferenças significativas ($p=.007$) sendo que este comportamento prevalece mais no género masculino (22.2%) do que no género feminino (11.0%), no que se refere ao comportamento “*O/a meu/minha namorado/a destruiu algo que me pertencia*”, observaram-se diferenças estatisticamente significativas ($p=.002$) sendo este comportamento mais frequente no género masculino (13.6%), do que no género feminino (4.5%).

Na dimensão **abuso físico sem sequelas**, o comportamento “*O/a meu/minha namorado/a deu-me uma bofetada*”, observaram-se diferenças estatisticamente significativas ($p=.048$) sendo mais frequente no género masculino (7.4%) quando comparado com o género feminino (2.8%), no que se refere ao comportamento “*O/a meu/minha namorado/a tentou sufocar-me*”, existem diferenças significativas ($p=.044$) sendo que este comportamento prevalece mais no género masculino (4.9%) do que género feminino (1.4%). Por último, na dimensão **abuso físico com sequelas**, no comportamento: “*Precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta com o/a meu/minha namorado/a, mas não o fiz*” verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ($p=.032$) sendo este comportamento mais frequente no género masculino (2.5%) do que no género feminino (.3%).

Diferença das táticas de resolução de conflito em função do género

Para testar as diferenças das táticas de resolução de conflito em função do género

realizou-se uma análise através do teste *t* para duas médias independentes (Tabela 2). Através dos resultados obtidos foi possível verificar que, de acordo com os **agressores**, existem diferenças significativas nas táticas de resolução de conflito em função do **género** na dimensão **negociação** [$t(433) = 3.155$; $p = .002$], com IC 95% [.23; 1.00] sendo o género feminino ($M = 4.05$; $DP = 1.55$) a utilizar mais a tática de **negociação** comparativamente com o género masculino ($M = 3.44$; $DP = 1.75$). Relativamente às **vítimas**, não se verificaram diferenças significativas nas táticas de resolução de conflito em função do **género**.

Tabela 2

Diferença das táticas de resolução de conflito em função do género 1- Feminino (N=354) e 2- Masculino (N= 81).

	Género	<i>M</i> ± <i>DP</i>	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Agressores				
Negociação	1– F	4.05±1.55	[.23; 1.00]	1>2
	2 – M	3.44±1.75		
Agressão psicológica	1– F	.64±.78	[-.23;.16]	n.s.
	2 – M	.68±.84		
Abuso físico sem sequelas	1– F	.10±.31	[-.14;.05]	n. s.
	2 – M	.15±.41		
Abuso físico com sequelas	1– F	.07±.37	[-.12; .07]	n. s.
	2 – M	.09±.41		
Vítimas				
Negociação	1– F	3.92±1.56	[.01; .75]	n. s.
	2 – M	3.55±1.65		
Agressão psicológica	1– F	.57±.74	[-.25; .10]	n.s.
	2 – M	.65±.77		
Abuso físico sem sequelas	1– F	.11±.37	[-.13;.05]	n. s.
	2 – M	.15±.37		
Abuso físico com sequelas	1– F	.04±.26	[-.12; .04]	n. s.
	2 – M	.08±.35		

Nota: *Revised Conflict Tactics Scales* (CTS2); *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; IC 95% = Intervalo de Confiança a 95%

Papel preditor do género, da inteligência emocional e da autoestima nas táticas de resolução de conflito dos agressores

No sentido de analisar o papel preditor do género, da inteligência emocional e da autoestima nas táticas de resolução de conflito dos agressores, foram efetuadas análises de regressões múltiplas hierárquicas (Tabelas 3 e 4).

Análises preditivas: papel preditor do género, da inteligência emocional e da autoestima nas táticas de resolução de conflito dos agressores

Foi desenvolvida uma análise de regressão múltipla no sentido de testar os efeitos preditores das variáveis na dimensão **negociação**, para tal foi inserida no bloco 1 a variável género (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = 9.954, p=.002$ explicando 2.2% da variância total ($R^2 = .022$), contribuindo individualmente com 2% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .020$).

No bloco 2 introduziram-se as quatro dimensões da inteligência emocional, $F(5, 429) = 9.541, p=.000$, explicando 10% da variância total ($R^2 = .100$), contribuindo individualmente com 9.9% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .099$). No bloco 3, incluiu-se a variável da autoestima, $F(6, 428) = 8.017, p=.000$ e esta explica 10.1% da variância total ($R^2 = .101$), contribuindo individualmente com 8.8% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .088$). Deste modo, foi possível verificar que, as variáveis que apresentam um efeito preditor para a negociação dos agressores, são a **compreensão e análise emocional** com um contributo positivo ($\beta = .161$), o género **masculino** ($\beta = -.150$), e por fim, a **facilitação emocional do pensamento** ($\beta = .108$).

Em relação à dimensão **agressão psicológica**, foi inserida no bloco 1 a variável género (*dummy*), que não apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = .131, p=.717$. No bloco 2

introduziram-se as quatro dimensões da inteligência emocional, $F(5, 429) = 2.233, p=.050$, explicando 2.5% da variância total ($R^2 = .025$) e contribuindo individualmente com 1.4% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .014$). No bloco 3, incluiu-se a variável da autoestima, $F(6,428) = 2.601, p=.017$ e esta explica 3.5% da variância total ($R^2 = .035$), contribuindo individualmente com 2.2% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .022$). Deste modo, foi possível verificar que, as variáveis que apresentam um efeito preditor para a agressão psicológica dos agressores, são a **compreensão e análise emocional** com um contributo positivo de ($\beta = .187$), a **regulação emocional** ($\beta = -.128$) e a **autoestima** ($\beta = -.107$), sendo que, ambas a predizem negativamente.

Relativamente à dimensão **abuso físico sem sequelas**, foi inserida no bloco 1 a variável género (*dummy*), que não apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = 1.396, p=.238$. No bloco 2 introduziram-se as quatro dimensões da inteligência emocional, $F(5, 429) = 3.657, p=.003$, que explica 4.1% da variância total ($R^2 = .041$) e contribui individualmente com 3% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .030$). No bloco 3, incluiu-se a variável da autoestima, $F(6,428) = 3.904, p=.001$ que explica 5.2% da variância total ($R^2 = .052$), contribuindo individualmente com 3.9% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .039$). Deste modo, foi possível verificar que, as variáveis que apresentam um efeito preditor para o abuso físico sem sequelas dos agressores são a **facilitação emocional do pensamento** ($\beta = -.168$) e a **autoestima** ($\beta = -.114$), predizendo-no negativamente.

No que se refere à dimensão **abuso físico com sequelas** foi inserida no bloco 1 a variável género (*dummy*) que não apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = .288, p=.592$. No bloco 2 introduziram-se as quatro dimensões da inteligência emocional, que não apresentam um contributo significativo $F(5, 429) = 2.213, p=.052$. No bloco 3, incluiu-se a variável da

autoestima que também não apresenta um contributo significativo, $F(6,428) = 1.863$, $p = .086$.

Tabela 3

Regressão múltipla hierárquica para táticas de resolução de conflito - Agressores

	R²	R²change	B	S. Error	β	T	p
Negociação							
Bloco 1	.022	.020					
Género (<i>dummy</i>)			-.618	.196	-.150	-3.155	.002
Bloco 2	.100	.090					
Perceção, Avaliação e Experiência emocional							
Facilitação Emocional do Pensamento			.353	.179	.108	1.967	.050
Compreensão e Análise emocional			.583	.255	.161	2.286	.023
Regulação Emocional							
Bloco 3	.101	.088					
Autoestima							
Agressão psicológica							
Bloco 1	.000	-.002					
Género (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.025	.014					
Perceção, Avaliação e Experiência emocional							
Facilitação Emocional do Pensamento							
Compreensão e Análise emocional			.333	.131	.187	2.548	.011
Regulação Emocional			-.172	.084	-.128	-2.059	.040
Bloco 3	.035	.022					
Autoestima			-.016	.008	-.107	-2.087	.037
Abuso físico sem sequelas							
Bloco 1	.003	.001					
Género (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.041	.030					
Perceção, Avaliação e Experiência emocional							
Facilitação Emocional do Pensamento			-.112	.038	-.168	-2.945	.003
Compreensão e Análise emocional							
Regulação Emocional							

Bloco 3	.052	.039					
Autoestima			-.007	.003	-.114	-2.230	.026
Abuso físico com sequelas							
Bloco 1	.001	-.002					
Género (dummy)							
Bloco 2	.025	.014					
Percepção, Avaliação e Experiência emocional							
Facilitação Emocional do Pensamento							
Compreensão e Análise emocional							
Regulação Emocional							
Bloco 3	.025	.012					
Autoestima							

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p \leq 0.05$; **Bloco 1** - Género; **Bloco 2** – Inteligência emocional; **Bloco 3** – Autoestima

Análises preditivas: papel preditor do género, da inteligência emocional e da autoestima nas táticas de resolução de conflito das vítimas

Foi desenvolvida uma análise de regressão múltipla, no sentido de testar os efeitos preditores na dimensão **negociação**, para tal, foi inserida no bloco 1 a variável género (*dummy*) que não apresenta um contributo significativo $F(1,433) = 3.584, p = .059$. No bloco 2 introduziram-se as quatro dimensões da inteligência emocional, $F(5, 429) = 6.206, p = .000$, explicando 6.7% da variância total ($R^2 = .067$), e contribuindo, individualmente, com 5.7% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .057$). No bloco 3, incluiu-se a variável autoestima, $F(6,428) = 5.159, p = .000$ que explica 6.7% da variância total ($R^2 = .067$), contribuindo, individualmente, com 5.4% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .054$). Deste modo, foi possível verificar que a variável que apresenta um efeito preditor para a negociação nas vítimas é a **facilitação emocional do pensamento** com um peso de $\beta = .115$.

Em relação à dimensão **agressão psicológica**, foi inserida, no bloco 1, a variável género (*dummy*) que não apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = .713, p=.399$. No bloco 2 introduziram-se as quatro dimensões da inteligência emocional, que não apresentam um contributo significativo $F(5, 429) = 1.798, p=.112$. No bloco 3, incluiu-se a variável autoestima, $F(6,428) = 2.447, p=.024$, que explica 3.3% da variância total ($R^2 = .033$), contribuindo, individualmente, com 2% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .020$). Deste modo, foi possível verificar que, a variável que apresenta um efeito preditor para a agressão psicológica das vítimas é a **autoestima** ($\beta = -.122$).

Relativamente à dimensão **abuso físico sem sequelas** foi inserida, no bloco 1, a variável género (*dummy*) que não apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = .952, p=.330$. No bloco 2 introduziram-se as quatro dimensões da inteligência emocional, $F(5, 429) = 2.950, p=.012$ que explicam 3.3% da variância total ($R^2 = .033$), contribuindo, individualmente, com 2.2% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .022$). No bloco 3, incluiu-se a variável autoestima, $F(6,428) = 3.877, p=.001$ que explica 5.2% da variância total ($R^2 = .052$), contribuindo individualmente com 3.8% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .038$). Deste modo, foi possível verificar que, a **facilitação emocional do pensamento** ($\beta = -.147$) e a **autoestima** ($\beta = -.146$) predizem negativamente, o abuso físico sem sequelas nas vítimas.

No que se refere à dimensão **abuso físico com sequelas**, foi inserida, no bloco 1, a variável género (*dummy*) que não apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = 1.383, p=.240$. No bloco 2 introduziram-se as quatro dimensões da inteligência emocional, $F(5, 429) = 5.097, p=.000$, que explicam 5.6% da variância total ($R^2 = .056$), contribuindo, individualmente, com 4.5% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .045$). No bloco 3, incluiu-se a variável da autoestima, $F(6,428) = 4.678, p=.000$ e esta explica 6.2% da variância total ($R^2 = .062$),

contribuindo, individualmente, com 4.8% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .048$). Deste modo, foi possível verificar que a **facilitação emocional do pensamento** prediz negativamente $\beta = -.196$, o abuso físico com sequelas das vítimas.

Tabela 4

Regressão múltipla hierárquica para táticas de resolução de conflito - Vítimas

	R^2	R^2_{change}	B	S. Error	β	t	P
Negociação							
Bloco 1	.008	.006					
Género (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.067	.057					
Percepção, Avaliação e Experiência emocional							
Facilitação Emocional do Pensamento			.370	.180	.115	2.056	.040
Compreensão e Análise emocional							
Regulação Emocional							
Bloco 3	.067	.054					
Autoestima							
Agressão psicológica							
Bloco 1	.022	-.001					
Género (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.021	.009					
Percepção, Avaliação e Experiência emocional							
Facilitação Emocional do Pensamento							
Compreensão e Análise emocional							
Regulação Emocional							
Bloco 3	.033	.020					
Autoestima			-.017	.007	-.122	-2.366	.018
Abuso físico sem sequelas							
Bloco 1	.002	.000					
Género (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.033	.022					

Percepção, Avaliação e Experiência emocional					
Facilitação Emocional do Pensamento					
Compreensão e Análise emocional					
Regulação Emocional					
Bloco 3	.052	.038			
Autoestima					
Abuso físico com sequelas					
Bloco 1	.003	.001			
Género (<i>dummy</i>)					
Bloco 2	.056	.045			
Percepção, Avaliação e Experiência emocional					
Facilitação Emocional do Pensamento					
Compreensão e Análise emocional					
Regulação Emocional					
Bloco 3	.062	.048			
Autoestima					

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Género; **Bloco 2** – Inteligência emocional; **Bloco 3** – Autoestima

Associação entre as táticas de resolução de conflito, autoestima e inteligência emocional

Relativamente às correlações **interescares** entre as variáveis dos instrumentos em estudo (Tabela 5), observou-se que, no que se refere às **táticas de resolução de conflitos dos agressores**, para a dimensão **negociação**, existe uma associação positiva baixa com a **facilitação emocional do pensamento** ($r = .229$, $p < .001$), com a **percepção, avaliação e experiência emocional** ($r = .172$, $p < .001$), com a **compreensão e análise emocional** ($r = .268$, $p < .001$) e com a **regulação emocional** ($r = .223$, $p < .001$). Para a dimensão **agressão psicológica** verifica-se uma correlação negativa fraca com a **autoestima** ($r = -.106$, $p = .027$), existindo uma associação positiva baixa com a **compreensão e análise emocional** ($r = .111$, $p = .020$). No que se refere, à dimensão **abuso físico sem sequelas** observa-se uma associação negativa fraca com a

autoestima ($r=-.155$, $p=.001$, uma associação negativa baixa com a **facilitação emocional do pensamento** ($r=-.179$, $p<.001$) e uma associação negativa baixa com a **regulação emocional** ($r=-.138$, $p=.004$). Por último, a dimensão **abuso físico com sequelas** está associada negativamente e baixa com a **facilitação emocional do pensamento** ($r=-.156$, $p=.001$).

No que se refere às **táticas de resolução de conflitos das vítimas**, verificamos, na dimensão **negociação**, uma associação positiva baixa com a **facilitação emocional do pensamento** ($r=.209$, $p<.001$), com a **percepção, avaliação e experiência emocional** ($r=.152$, $p=.001$), com a **compreensão e análise emocional** ($r=.221$, $p<.001$) e com a **regulação emocional** ($r=.190$, $p=.001$). Para a dimensão **agressão psicológica** verifica-se uma correlação negativa fraca com a **autoestima** ($r=-.119$, $p=.013$). No que se refere à dimensão **abuso físico sem sequelas** observa-se uma associação negativa fraca com a **autoestima** ($r=-.180$, $p<.001$), com a **facilitação emocional do pensamento** ($r=-.162$, $p=.001$) e com a **regulação emocional** ($r=-.128$, $p=.007$). Por último, a dimensão **abuso físico com sequelas** apresenta uma associação negativa e baixa com a **autoestima** ($r=-.135$, $p=.005$), com a **facilitação emocional do pensamento** ($r=-.225$, $p<.001$), com a **compreensão e análise emocional** ($r=-.130$, $p=.007$) e com a **regulação emocional** ($r=-.162$, $p=.001$).

No que concerne à **autoestima** observa-se uma associação positiva e fraca com a **facilitação emocional do pensamento** ($r=.220$, $p<.001$), com a **percepção, avaliação e experiência emocional** ($r=.155$, $p=.001$), com a **compreensão e análise emocional** ($r=.176$, $p<.001$) e com a **regulação emocional** ($r=.365$, $p<.001$).

Tabela 5

Correlações intra e interescares das variáveis em estudo: táticas de resolução de conflito dos agressores e das vítimas, autoestima e inteligência emocional, médias e desvio padrão

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
CTS2 Agressores													
1.Negociação	1	.232**	-.024	-.029	.937**	.216**	-.026	-.092	.043	.229**	.172**	.268**	.223**
2.Agressão psicológica		1	.517**	.234**	.221**	.893**	.457**	.304**	-.106*	.017	.085	.111*	-.016
3.Abuso físico sem sequelas			1	.612**	-.021	.496**	.789**	.784**	-.155**	-.179**	-.046	-.073	-.138**
4.Abuso físico com sequelas				1	-.074	.269**	.532**	.676**	-.053	-.156**	-.070	-.071	-.079
CTS2 Vítimas													
5.Negociação					1	.175**	-.069	-.099*	.064	.209**	.152**	.221**	.190**
6.Agressão psicológica						1	.534**	.361**	-.119*	.013	.069	.087	-.027
7.Abuso físico sem sequelas							1	.789**	-.180**	-.162**	-.061	-.070	-.128**
8.Abuso físico com sequelas								1	-.135**	-.225**	-.094	-.130**	-.162**
RSES													
9.Autoestima									1	.220**	.155**	.176**	.365**
QIE-AP													
10.Facilitação emocional do pensamento										1	.388**	.506**	.483**
11.Percepção, Avaliação e Experiência emocional											1	.636**	.414**
12.Compreensão e Análise emocional												1	.613**
13.Regulação emocional													1
M	3.94	0.65	0.11	0.07	3.85	0.58	0.12	0.05	32.22	4.38	4.29	4.23	4.32
DP	1.61	0.79	0.33	0.38	1.59	0.75	0.37	0.28	5.23	0.49	0.45	0.44	0.59

Discussão

A presente investigação teve como objetivo analisar as táticas de resolução de conflitos e os comportamentos mais prevalentes em sujeitos agressores e vítimas de violência, em função do género. Verificar se o género, a inteligência emocional e a autoestima tendem a predizer as táticas de resolução de conflitos, quer dos agressores, quer das vítimas. Por último, observar a associação entre as táticas de resolução de conflitos, a autoestima e a inteligência emocional na violência, quer de vítimas, quer de agressores, nas relações de namoro.

Relativamente à prevalência dos comportamentos efetuados pelos agressores, verificaram-se diferenças em função do género, na tática negociação, a qual dá ênfase a comportamentos como *“importar-se com o/a namorado/a numa situação de discordância, respeitar pontos de vista e sentimentos, procurar, em conjunto, soluções para desentendimentos e concordar com sugestões propostas pelo seu par”*, *“concordei em tentar uma solução sugerida pelo/a meu/minha namorado/a para um desentendimento”*, denotando-se que, o género feminino tende a resolver uma discórdia com base na comunicação, que este tem com o/a seu/sua companheiro/a. Sendo que estes resultados vão ao encontro dos resultados encontrados noutro estudo (Paiva & Figueiredo, 2006). Esta tática visa mensurar a comunicação de afetos positivos, questionando o sujeito sobre formas de expressão de sentimentos que demonstrem preocupação e/ou cuidado, bem como, respeito pelo seu par (Straus et al., 1996). Narrando, assim, alguns tipos de medidas que visam solucionar os conflitos, nas relações íntimas, auxiliando-se de técnicas de diálogo (Relva, Fernandes, & Costa, 2013a). Assim sendo, para que ocorra uma negociação entre os indivíduos, estes têm de demonstrar algumas competências linguísticas substanciais, para que se inicie uma negociação de conflitos, sem que ocorram imprevistos

(Walling et al., 2012), nem se utilizem outras estratégias mais desadequadas (Guimarães, Silva, & Maciel, 2007; Granjeiro & Costa, 2014), usualmente empregues quando as habilidades comunicativas e índices de inteligência verbal são deficitários (Walling et al., 2012).

Observou-se, na tática de agressão psicológica, especificamente, “*Fiz algo para irritar o/a meu/minha namorado/a*”, que o género feminino perpetró mais este comportamento do que o género masculino, corroborado pelo estudo de Paiva e Figueiredo (2005). Por outro lado, nos comportamentos, “*Chamei de gordo/a ou feio/a ao/a meu/minha namorado/a*”; “*Acusei o/as meu/minha namorado/a de ser mau/má amante*”; “*Destruí algo que pertencia ao/a meu/minha namorado/a*”, o género masculino é mais agressivo verbalmente do que o género feminino. O que foi ao encontro dos resultados obtidos no estudo realizado por Duarte e Lima (2006). Segundo vários autores, a agressão psicológica é uma tática de resolução de conflitos negativa, mais expressiva e usual, sendo que o género feminino tem uma maior tendência para recorrer a este tipo de tática, comparativamente, ao género masculino (Bolze, Crepaldi, Schmidt, & Vieira, 2013). Esta tática, segundo outros autores, vem substituir um diálogo construtivo, isto quando os indivíduos não conseguem comunicar recorrendo a uma verbalização sem ofensas (Guimarães et al, 2007). Concomitantemente, Straus e Sweet (1992), defendem que este tipo de abuso advém de um certo tipo de padrão de comunicação, que pode ser verbal ou não verbal, e que tem como único propósito provocar algum tipo de sofrimento psicológico noutro indivíduo.

Relativamente à tática abuso físico com sequelas, que enfatiza comportamentos que levam à presença de dores no corpo, hematomas e/ou fraturas, no comportamento “*O/a meu/minha namorado/a precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta comigo,*

mas não o fez”, o género masculino têm uma maior prevalência neste comportamento que o género feminino. Estes resultados foram, também, os encontrados por outros autores (Makepeace, 1983; Rennison & Welchans, 2000; Stets & Straus, 1990). Contrariamente aos dados recolhidos nesta investigação, e segundo um estudo realizado por Machado et al. (2010), o género feminino tem uma maior tendência para perpetrar abusos físicos, quando comparado com o género oposto.

A frequência dos comportamentos vivenciados pelas vítimas, na tática de negociação, nomeadamente, *“O/a meu/minha namorado/a disse-me que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema”* observaram-se diferenças em função do género, onde o género feminino reportou, mais vezes tentativas de negociação entre o casal. No estudo de Paiva e Figueiredo (2006), os resultados foram ao encontro dos encontrados na presente investigação. De realçar que, o recurso a estratégias não violentas, nomeadamente, a negociação, resulta num impacto bastante positivo nos relacionamentos interpessoais (Cunha, Monteiro, & Lourenço, 2016).

A exposição à tática agressão psicológica é dos episódios de violência mais difíceis de identificar. Estudos referem que as vítimas expostas, em exclusivo, ao abuso de cariz psicológico carecem de um maior apoio, para que se consigam libertar da relação abusiva e necessitam de mais tempo para restaurar a sua saúde mental, quando equiparadas a vítimas que se encontram expostas, sincronicamente, à violência física e à psicológica (Blasco-Ros et al., 2010). Neste estudo, o género masculino sofre mais de agressões psicológicas comparativamente ao género feminino, sobretudo nos comportamentos *“O/a meu/minha namorado/a saiu abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento comigo”*; *“O/a meu/minha namorado/a acusou-me de ser mau/má amante”* e *“O/a meu/minha namorado/a destruiu algo que me pertencia”*. Estes resultados

vão ao encontro dos resultados obtidos por um outro estudo (Goméz, Biezma, & Fernández, 2009). Contrariamente, neste estudo, no comportamento “*O/a meu/minha namorado/a fez algo para me irritar*”, o género feminino é mais vitimizado que o género masculino. Um estudo português alcançou os mesmos dados na sua investigação (Paiva & Figueiredo, 2005).

Na tática abuso físico sem sequelas, nos comportamentos “*O/a meu/minha namorado/a deu-me uma bofetada*” e “*O/a meu/minha namorado/a tentou sufocar-me*”, o género masculino tende a vivenciar mais este tipo de comportamentos do que o género feminino. Estes resultados podem ser corroborados por um estudo, elaborado em Espanha, onde este alega que, o género masculino sofre mais de abusos físicos, que o género feminino (Goméz et al., 2009). Do mesmo modo, outro estudo realizado nos EUA alegou ainda que, 98.7% da sua amostra clínica e 15.4% da sua amostra da comunidade, toda do género masculino, atestaram terem sido vítimas de abusos físicos sem sequelas (Hines & Douglas, 2010). Contrariamente, outros autores defendem que o género feminino, comparativamente ao género masculino, tem uma maior tendência para ser vítima deste tipo de abusos (Bachman, 1998; Makepeace, 1983; Rennison & Welchans, 2000).

Por último, na dimensão abuso físico com sequelas, no comportamento “*Precisava de ter ido ao médico por causa de uma luta com o/a meu/minha namorado/a, mas não o fiz*”, observou-se que, os indivíduos do género masculino sofrem mais abusos físicos com sequelas do que os indivíduos do género feminino. Este resultado é de ressaltar, pois nesta amostra, a proporção de raparigas também é maior. Resultados estes, corroborados por Paiva e Figueiredo (2005). Do mesmo modo, um estudo realizado em Portugal, entre 2007 e 2009 verificou que, 4646 sujeitos que recorreram ao Instituto de Medicina Legal de Portugal do Porto, foram vítimas de violência na intimidade, dos quais, 535 (11.5%) eram

do género masculino e 61.5% eram casados (Carmo, Grams, & Magalhães, 2011). Em relação aos poucos dados que sugerem o género masculino como sendo vítima, acredita-se que, esta situação se deva ao facto de a população masculina ser mais difícil de estudar e ser menos propensa a denunciar episódios de violência, por vergonha ou medo do ridículo (Shuler, 2010). Outras investigações defendem que, os indivíduos do género masculino não são só agressores, em relacionamentos abusivos, como também são vítimas de violência na intimidade (Guerreiro et al., 2015; Machado et al., 2010; Robertson & Murachver, 2007; Shuler, 2010). Contrariamente, outros autores, obtiveram resultados onde o género feminino é o mais vitimizado (Gover, Kaukinen, & Fox, 2008; Lehrera, Lehrerb, & Zhaob, 2009; Rennison & Welchans, 2000). As estatísticas sobre a vitimização, evidenciaram que, em Portugal, existe um maior número de vítimas do sexo feminino (APAV, 2014). Outro estudo, advindo da investigação internacional mostra que, em todo o mundo, cerca de 35% dos indivíduos do género feminino, já foram vítimas de abusos físicos ou sexuais, perpetrados pelo seu par íntimo (World Health Organization, 2014).

De acordo com os resultados obtidos através das análises preditivas, verificamos que o género, a facilitação emocional do pensamento, a regulação emocional e a autoestima predizem negativamente as táticas de resolução de conflitos. Especificamente, o género prediz a negociação por parte dos agressores, deste modo, os inquiridos agressores do género masculino, tendem a recorrer menos ao uso da negociação.

A facilitação emocional do pensamento prediz o abuso físico sem sequelas, por parte dos agressores e vítimas, bem como, o abuso físico com sequelas, mas apenas por parte das vítimas. A literatura diz que, um baixo processamento das informações emocionais e até as flutuações de humor, podem levar a considerar diferentes pontos de vista e aproveitar diferentes emoções para potenciar abordagens diferentes na resolução de

problemas e estas poderão desencadear comportamentos agressivos (Caruso, Mayer, & Salovey, 2002). Comparativamente, outros estudos, com adolescentes, evidenciaram que, indivíduos que apresentam uma menor percepção e controlo emocional tendem a ter comportamentos mais agressivos (Downey, Johnston, Hansen, Birney, & Stough, 2010). Desta forma, o recurso à utilização de emoções negativas pode ser um preditor da adoção de comportamentos violentos, nomeadamente, físicos e verbais (Siu, 2009).

Relativamente à autoestima, esta prediz o abuso físico sem sequelas e a agressão psicológica, por parte dos agressores e das vítimas. Assim, uma baixa autoestima pode aumentar as táticas negativas utilizadas. Porquanto, a maioria dos comportamentos violentos conjugais, despoletam quando começam a surgir problemas familiares que necessitem serem resolvidos. Contudo, este não é o fator principal que conduz a esse comportamento, uma vez que ter dificuldades em ser assertivo, atitudes relacionadas com a intimidade, uma reduzida eficácia pessoal, uma baixa autoestima, níveis crescentes de hostilidade e de ansiedade, um aumento da culpa e da depressão, são fatores importantes e que podem resultar em comportamentos mais violentos (APAV, 2011; Faulkner, Stoltenberg, Cogen, Nolder, & Shooter, 1992). Outros estudos demonstraram que, baixos níveis de autoestima promovem comportamentos agressivos entre irmãos (Avanci, Assis, Santos, & Oliveira, 2007; Wiehe, 1997). Num estudo realizado internacionalmente, os indivíduos com níveis de autoestima mais baixos, revelaram uma maior tendência para a perpetração de comportamentos agressivos, como uma maior tendência para a agressão psicológica, para a agressão física sem sequelas e para a coerção sexual (Donnellan, Trzesniewski, Robins, Moffitt, & Caspi, 2005). Contudo, revelam também, uma menor utilização de estratégias de negociação, para a resolução de conflitos (Donnellan et al., 2005).

Por fim a regulação emocional prediz a agressão psicológica apenas das vítimas. Sendo este resultado corroborado por um estudo de McNulty e Hellmuth (2008) que defende que, uma maior capacidade para a regulação emocional, tende a diminuir a perpetração da violência em relacionamentos íntimos. Não obstante, dados referem que, uma baixa autoestima e uma fraca regulação emocional, são fatores de risco individuais que podem predizer a adoção de comportamentos mais violentos (APAV, 2011).

Por outro lado, observamos que a facilitação emocional do pensamento e a compreensão e análise emocional predizem positivamente as táticas de resolução de conflitos. Especificamente a facilitação emocional do pensamento prediz a negociação nos agressores e nas vítimas. Esta predição encontrada, poderá ser explicada pelo facto de, os sujeitos, ao processarem mais informações emocionais, procurem com mais facilidade resolver um problema baseado na negociação, num acordo e numa conversa construtiva. Assim, uma maior facilidade para a negociação, na resolução de conflitos, poderá reduzir o uso, quer da violência psicológica, quer da violência física, considerando que os indivíduos tendem a negociar antecipadamente os seus conflitos (Paiva & Figueiredo, 2006). Um outro estudo referiu que o género masculino tem menos competências de negociação e tende a apresentar níveis mais baixos de inteligência emocional, bem como, uma menor regulação emocional (Babcock, Green, & Robie, 2004).

A compreensão e análise emocional prediz a tática de negociação e agressão psicológica, apenas nos agressores inquiridos. Esta predição poderá ser explicada, uma vez que os agressores podem utilizar, a seu favor, a capacidade de compreender o significado das emoções das vítimas. Num estudo de Monteiro e Balogun (2015) foi observado que, os indivíduos tendem a usar vários estilos de resolução de conflitos, sendo a inteligência emocional um fator importante, aquando do uso de táticas de resolução de conflito nos

relacionamentos íntimos. Por outro lado, os agressores podem ter uma maior capacidade de processamento de informação social, e de compreensão dos estados mentais dos outros, levando-os a adotar comportamentos que os levam a manipular os/as seus/suas companheiros/as, com o intuito de atingirem os seus objetivos pessoais (Kokkinos & Kipritsi, 2012; Smith, 2013).

Relativamente aos resultados das análises interescares observaram-se relações positivas entre as táticas de resolução de conflitos (agressores e vítimas) e a inteligência emocional, nomeadamente entre a facilitação emocional do pensamento, a percepção, avaliação e experiência emocional, a compreensão e análise emocional e a regulação emocional. Assim, a facilitação emocional do pensamento, a percepção, avaliação e experiência emocional, a compreensão e análise emocional e a regulação emocional estão associadas à negociação, tanto dos agressores e como das vítimas, enquanto que a compreensão e análise emocional está relacionada com a agressão psicológica apenas nos agressores. Deste modo, pode concluir-se que, os indivíduos agressores, assim como, os sujeitos vitimizados, têm uma maior capacidade de autopercepção da inteligência emocional e resolvem mais facilmente uma divergência apoiada num discurso coerente, numa comunicação de afetos positivos e de respeito pelo/a companheiro/a (Teques et al., 2015). Vários autores alegaram que, a negociação prévia pode ser uma forma de resolução de conflitos, que não resultando, poderá levar à adopção de comportamentos desadaptativos, mais especificamente à agressão psicológica, o que poderá originar abusos físicos sem sequelas (Monteiro & Balogun, 2015; Paiva & Figueiredo, 2006). Por outro lado, vários autores evidenciaram a importância das capacidades do processamento da informação social, por parte dos agressores, que manipulam os seus pares de forma a atingirem os seus objetivos pessoais (Kokkinos & Kipritsi, 2012; Smith, 2013).

Por outro lado, observou-se uma associação negativa entre a autoestima e a agressão psicológica, tal como, com o abuso físico sem e com sequelas, quer dos agressores, quer das vítimas, sendo que neste tema não existe consenso na literatura. No entanto, é importante ter em conta que, um agressor pode ter sido outrora uma vítima e, dessa forma, apresentar uma baixa autoestima, levando-o a envolver-se em comportamentos agressivos (APAV, 2014). Contrariamente aos resultados obtidos, vários autores defendem que, os sujeitos agressores manifestam uma autoestima ligeiramente mais elevada, enquanto as vítimas tendem a demonstrar uma autoestima mais baixa (Ramírez, 2001). As possíveis consequências, a curto e a longo prazo, dos comportamentos vivenciados, como por exemplo, agressões verbais e humilhações, podem exacerbar a diminuição da autoestima, da capacidade de reação, bem como, da capacidade de decisão da vítima (Levy & Gomes, 2008).

Da mesma forma, constatou-se que existe uma relação negativa entre a facilitação emocional do pensamento, a regulação emocional e o abuso físico sem e com sequelas, quer dos agressores, quer das vítimas, assim como entre a compreensão e análise emocional e o abuso físico com sequelas apenas nas vítimas. Winters, Cliff e Dutton (2004) defendem que, os comportamentos violentos utilizados poderão ser uma forma de resposta, praticada pelos agressores nas suas relações íntimas, e deste modo, estarem relacionados com défices na inteligência emocional, bem como, com baixos níveis de autoestima. De igual modo, alegam que esta é a forma dos agressores gerirem a sua própria frustração, respondendo às situações com actos de violência e intimidações (Winters et al., 2004). Um outro estudo, de Brackett, Mayer e Warner (2004), corrobora os resultados apresentados anteriormente, alegando que, baixos níveis de inteligência emocional podem estar relacionados com a prática de comportamentos abusivos. De acordo com estudos

realizados, os resultados evidenciaram, também, que os agressores líderes do grupo têm capacidade de perceber os estados mentais dos outros e daí poderem ser manipuladores sociais mais competentes (Kokkinos & Kipritsi, 2012; Smith, 2013). Verificou-se, também, que os adolescentes com estratégias de *coping* eficazes são aqueles que, também têm uma elevada inteligência emocional, logo, têm um comportamento mais adaptativo, quer no contexto escolar, quer nas suas relações pessoais (Mavroveli & Sánchez-Ruiz, 2011). Frequentemente, a vitimação desencadeia, nos indivíduos, problemas de regulação emocional, o que, por conseguinte, leva a uma diminuição da autoestima (Rush, 2000) e do auto-conceito dos adolescentes (Ackard & Neumark-Sztainer, 2002). Para ambos os géneros, a vitimização está relacionada com uma diminuição do bem-estar psicológico (Callahan, Tolman, & Saunders, 2003), bem como, com uma diminuição da qualidade de vida (Campbell, 2002; Teten, Ball, Valle, Noonan, & Rosenbluth, 2009). Como demonstra Miller, Moraes e Naves (2006) o agressor, antes de tentar ferir fisicamente o seu par necessita baixar a autoestima dele, para que ele passe a tolerar as suas agressões.

Limitações do estudo, implicações práticas e propostas para estudos futuros

O presente estudo pretende ser um contributo positivo na compreensão da importância da violência do namoro, da inteligência emocional e da autoestima, junto dos jovens universitários. Ao longo do desenvolvimento do corrente estudo, encontramos algumas limitações. Uma das limitações prendeu-se ao fato de não haver consenso, quanto à definição de violência, e na inexistência de uma uniformização nos instrumentos utilizados. Embora exista uma imensa produção científica sobre a violência, principalmente, sobre a violência no namoro, os resultados alcançados derivam no seu processo, método e interpretação, o que limita a obtenção de factos concretos e exclusivos.

É de realçar que a amostra não é representativa da realidade portuguesa, uma vez que foi recolhida num único ponto geográfico, no norte de Portugal, o que dificulta a generalização dos dados. De salientar, também, a disparidade na representatividade dos géneros, onde, neste estudo, existiu uma maioria de respondentes do género feminino. Importa acrescentar, ainda, as limitações inerentes ao próprio questionário. Pois, o protocolo de investigação, escolhido para ser a base deste estudo, revelou-se algo extenso, o que poderá ter suscitado algum desinteresse ou mesmo desinvestimento ao longo do seu preenchimento. Criando assim, a possibilidade de enviesamento dos resultados obtidos.

Consequentemente, o objetivo fulcral do presente estudo foi o de contribuir, de alguma forma, para o aumento de informação científica nesta temática. Embora, por se tratar de um trabalho inédito na investigação nacional, tenha ditado a ausência de publicações nacionais e internacionais que abordassem as mesmas dimensões, dificultando o processo e impossibilitando a comparação de amostras.

Neste sentido, o estudo sublinha a necessidade de se promover o estabelecimento de relações saudáveis entre os sujeitos que partilham uma relação de namoro. Tentando assim contribuir para um melhoramento da qualidade das relações, procurando-se diminuir os comportamentos desadequados, dentro dos relacionamentos amorosos, e aumentar o desenvolvimento de relações amorosas satisfatórias.

Tendo em conta o relatado, seria oportuno desenvolver mais programas de prevenção, articulados entre os jovens, entidades e agentes educativos (pais, professores e funcionários), os pares e a comunidade. Por forma a informar e apoiar as vítimas e agressores das consequências negativas advindas dos conflitos nas relações amorosas. Consciencializando-os e capacitando-os da importância da inteligência emocional, fornecendo-lhes ferramentas para desenvolverem certas competências, bem como,

prevenindo novos casos. Programas estes que, aplicados nas universidades e baseados em certas dinâmicas, como na apresentação de vídeos, nas dinâmicas de *role-play* e discussões em grupo, associadas a programas contínuos e à seleção dos conteúdos adequados, poderão apresentar melhores resultados e mudanças no comportamento dos jovens. A pertinência recai também, na possibilidade de se desenvolverem e capacitarem, os jovens, com estratégias de *coping*, de forma a facilitarem o enfrentamento de certas adversidades, ambicionando alcançar uma cultura baseada na prevenção primária, que envolva a promoção de relacionamentos saudáveis e o aumento da consciencialização nos jovens, bem como, a remodelagem de comportamentos violentos.

Assim, seria pertinente, em investigações futuras, todas as recolhas de informação não se limitarem a instrumentos de autorrelato, começando sim, com entrevistas individuais. Não esquecendo que, para investigações futuras, e de forma a serem avaliadas as mesmas dimensões, sem divergências nos seus conceitos, para que não causem significados e/ou resultados ambíguos, os instrumentos e os conceitos deverão ser uniformes.

Referências bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M., & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia*, 17(36), 89-102.
- Ackard, D. M., & Neumark-Sztainer, D. (2002). Date violence and date rape among adolescents: Associations with disordered eating behaviors and psychological health. *Child Abuse & Neglect*, 26(5), 455-473.
- Araújo, R. C. (2012). *Resiliência e auto-conceito em jovens institucionalizados: Qualidade da ligação a figuras significativas* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) (2014). *Estatísticas APAV: Relatório anual*. Lisboa: Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Disponível em http://www.apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2014.pdf.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) (2011). Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir. In APAV (Ed.), *Violência no Namoro* (pp. 85-107). Lisboa: APAV.
- Avanci, J. Q., Assis, S. G., Santos, N. C., & Oliveira, R. V. C. (2007). Adaptação transcultural da escala de autoestima para adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 397-405. doi: 10.1590/S0102-79722007000300007
- Babcock, J., Green, C., & Robie, C. (2004). Does batterers' treatment work? A meta-analytic review of domestic violence treatment. *Clinical Psychology Review*, 23(8), 1023-1053.
- Bachman, R. (1998). The factors related to rape reporting behavior and arrest: New

- evidence from the National Crime Victimization Survey. *Criminal Justice and Behavior*, 25(1), 8-29.
- Bar-On, R. (2006). The Bar-On model of emotional-social intelligence (ESI) 1. *Psicothema*, 18(Suplemento), 13-25.
- Bar-On, R. (2010). Emotional intelligence: An integral part of positive psychology. *South African Journal of Psychology*, 40(1), 54-62.
- Barroso, R. G., & Manita, C. (2012). Violência escolar: Características sociais e psicológicas dos agressores. *Atas do II seminário internacional "Contributos da psicologia em contextos educativos"* (pp. 1165-1171). Braga: Universidade do Minho.
- Barroso, Z. (2007). *Violência nas relações amorosas*. Lisboa: Edições Colibri.
- Bertoldo, R. B., & Barbará, A. (2006). Representação social do namoro: A intimidade na visão dos jovens. *Psico-USF*, 11(2), 229-237.
- Blasco-Ros, C., Sánchez-Lorente, S., & Martinez, M. (2010). Recovery from depressive symptoms, state anxiety and post-traumatic stress disorder in women exposed to physical and psychological, but not to psychological intimate partner violence alone: A longitudinal study. *BMC Psychiatry*, 10.doi:10.1186/1471-244X-10-98
- Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., Schmidt, B., & Vieira, M. L. (2013). Relacionamento conjugal e táticas de resolução de conflito entre casais. *Actualidades en Psicología*, 27(114), 71-85.
- Brackett, M. A., Mayer, J. D., & Warner, R. M. (2004). Emotional intelligence and its relation to everyday behaviour. *Personality and Individual Differences*, 36(6), 1387-1402.
- Breiding, M. J., Black, M. C., & Ryan, G. W. (2008). Prevalence and risk factors of

- intimate partner violence in eighteen US states/territories, 2005. *American Journal of Preventive Medicine*, 34(2), 112-118.
- Brown, C. (2008). Gender-role implications on same-sex intimate partner abuse. *Journal of Family Violence*, 23(6), 457-462.
- Callahan, M. R., Tolman, R. M., & Saunders, D. G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, 18(6), 664-681.
- Campbell, J. C. (2002). Health consequences of intimate partner violence. *The Lancet*, 359(9314), 1331-1336.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas, uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493.
- Carmo, R., Grams, A., & Magalhães, T. (2011). Men as victims of intimate partner violence. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 18(8), 355-359.
- Caruso, D. R., Mayer, J. D., & Salovey, P. (2002). Relation of an ability measure of emotional intelligence to personality. *Journal of Personality Assessment*, 79, 306-320.
- CDC (2011). Centers for Disease Control and Prevention. <http://www.cdc.gov/ViolencePrevention/intimatepartnerviolence/definitions.html>. Obtido em 12 de julho de 2016.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Collins, A., & van Dulmen, M. (2006). Friendships and romance in emerging adulthood: Assessing distinctiveness in close relationships. In J. J. Arnett, J. L. Tanner, J. J.

- Arnett, J. L. Tanner (Eds.) , *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 219-234). Washington, DC, US: American Psychological Association. doi:10.1037/11381-009.
- Costa, M., & Mota, C. P. (2012). Configuração familiar, género e coping em adolescentes: Papel dos pares. *Psicologia em Estudo*, 17(4), 567-575.
- Cuevas, C. A., Sabina, C., & Bell, K. A. (2014). Dating violence and interpersonal victimization among a national sample of Latino youth. *Journal of Adolescent Health*, 55(4), 564-570.
- Cunha, P., Monteiro, A. P., & Lourenço, A. A. (2016). Clima de escola e táticas de gestão de conflito-estudo quantitativo com estudantes portugueses (School climate and conflict management tactics - A quantitative study with Portuguese students). *CES Psicología*, 9(2), 1-11.
- Dias, C. M., Hora, F. F. A., & Aguiar, A. G. D. S. (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(2).
- Dias, C. M. S. B., & Silva, M. A. S. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, 8, 55-62.
- Donnellan, M. B., Trzesniewski, K. H., Robins, R. W., Moffitt, T. E., & Caspi, A. (2005). Low self-esteem is related to aggression, antisocial behavior, and delinquency. *Psychological Science*, 16(4), 328-335. doi:10.1111/j.0956- 7976.2005.01535.x
- Dourado, S. M., & Noronha, C. V. (2014). A face marcada: As múltiplas implicações da vitimização feminina nas relações amorosas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 24(2), 623-643. doi:10.1590/S0103-73312014000200016
- Downey, L. A., Johnston, P. J., Hansen, K., Birney, J., & Stough, C. (2010). Investigating the mediating effects of emotional intelligence and coping on problem behaviours in

- adolescents. *Australian Journal of Psychology*, 62(1), 20-29.
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124.
- Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., Bunge, J., & Rothman, E. (2017). Revictimization after adolescent dating violence in a matched, national sample of youth. *Journal of Adolescent Health*, 60(2), 176-183.
- Faias, J., Caridade, S., & Cardoso, J. (2017). Exposição à violência familiar e abuso íntimo em jovens: Que relação? *Psychologica*, 59(1), 7-23.
- Faulkner, K., Stoltenberg, C. D., Cogen, R., Nolder, M., & Shooter, E. (1992). Cognitive-behavioral group treatment for male spouse abusers. *Journal of Family Violence*, 7(1), 37-55.
- Fernandes, O. M. (2000). *Fratria e personalidade* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2013). *Questionário Sociobiográfico* (Manuscrito não publicado). Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: Vila Real.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(3), 297-304.
- Fernández-González, L., O’Leary, K. D., & Muñoz-Rivas, M. J. (2014). Age-related changes in dating aggression in Spanish high school students. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(6), 1132-1152.
- Field, A. (2009). *Discovering Statistics using SPSS* (2nd Ed.). London: SAGE.

- Gehring, K. S., & Vaske, J. C. (2015). Out in the open the consequences of intimate partner violence for victims in same-sex and opposite-sex relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-24. doi. 10.1177/0886260515600877.
- Goleman, D. (2005). *Trabalhar com inteligência emocional* (3ª Ed.). Lisboa: Temas e Debates.
- Goleman, D. (2015). *Inteligência emocional*. Lisboa: Temas e Debates.
- Goleman, D., & Santarrita, M. (1995). *Inteligência emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Gómez, J., Biezma, M., & Fernández, M. (2009). Agresión hacia la pareja en una muestra de la comunidad de Madrid: Análisis por Género. *Psicopatología Clínica, Legal y Forense*, 9, 7-28.
- Gover, A., Kaukinen, C. & Fox, K. (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(12), 1667-1693. doi: 10.1177/0886260508314330.
- Granjeiro, I., & Costa, L. F. (2014). Gênero, violência conjugal recíproca e interação sistêmica do casal: Interpretação da fala de um juiz. *Direito em Ação-Revista do Curso de Direito da Universidade Católica de Brasília*, 12(1). doi: [http://dx. doi. org/10.18837/1518-9562/direito. acao. v12n1p15-51](http://dx.doi.org/10.18837/1518-9562/direito.acao.v12n1p15-51).
- Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M., J., Oliveira, E., & Ribeiro, P. (2015). Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. In *Atas do colóquio internacional, @s jovens e o crime – transgressões e justiça tutelar* (pp. 14-26). Coimbra: Cescontexto.
- Guimarães, F., Silva, D., & Maciel, B. (2007). Book review: "but he says he loves me...": relational blindness and conjugal violence. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(4), 481-

- Harper, J. F., & Marshall, E. (1991). Adolescents' problems and their relationship to self-esteem. *Adolescence*, 26(104), 799.
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2010). Intimate terrorism by women towards men: Does it exist? *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 2(3), 36-56. doi:10.5042/jacpr.2010.0335.
- Hirigoyen, M. F. (2006). *A violência no casal: Da coação psicológica à agressão física*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Jackson, S. M., Cram, F., & Seymour, F. W. (2000). Violence and sexual coercion in high school students' dating relationships. *Journal of Family Violence*, 15(1), 23-36.
- Kokkinos, C. M., & Kipritsi, E. (2012). The relationship between bullying, victimization, trait emotional intelligence, self-efficacy and empathy among preadolescents. *Social Psychology of Education*, 15(1), 41-58.
- Laporte, L., Jiang, D., Pepler, D. J., & Chamberland, C. (2011). The relationship between adolescents' experience of family violence and dating violence. *Youth & Society*, 43(1), 3-27.
- Lehrera, J., Lehrerb, E., & Zhaob, Z. (2009). Physical and psychological dating violence in young men and women in Chile: Results from a 2005 survey of university students. *International Journal of Injury Control and Safety Promotion*, 16(4), 205-214. doi: 10.1080/17457300903307003.
- Levy, L., & Gomes, I. C. (2008). Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. *Psicologia Clínica*, 20(2), 163-172.
- Lisboa, M., Patrício, J., & Leandro, A. (2009). Considerações teóricas e conceptuais relevantes para o estudo [Conceptual and theoretical considerations relevant to the

- study]. *Violência e Género–Inquérito Nacional sobre a Violência exercida contra Mulheres e Homens [Violence and gender. National survey on violence against women and men]*, 13-30.
- Lopes, P. P., Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2017). A violência como tática de resolução de conflitos entre irmãos. *Revista Crítica de Ciências Sociais, número(113)*, 149-172.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence, 25*(1), 43-52. doi:10.1007/s10896-009-9268-x
- Magalhães, T. (2010). *Violência e abuso*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press:
- Mainetti, A. C., & Wanderbroocke, A. C. N. D. S. (2013). Avós que assumem a criação de netos. *Pensando Famílias, 17*(1), 87-98.
- Makepeace, J. M. (1983). Life events stress and courtship violence. *Family Relations, 32*, 101-109.
- Manita, C., Ribeiro, C. & Peixoto, C. (2009). *Violência doméstica: Compreender para intervir. Guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio à vítima*. Lisboa: CIG.
- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (6ª Ed.). Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Mavroveli, S., & Sánchez-Ruiz, M. J. (2011). Trait emotional intelligence influences on academic achievement and school behaviour. *British Journal of Educational Psychology, 81*(1), 112-134. doi:10.1348/2044-8279.002009
- Mayer, J.D. and Salovey, P. (1997). “*What is Emotional Intelligence?*” In P. Salovey and D. Sluyter (Eds.), *Emotional development and emotional intelligence: Implications for*

- educators. New York: Basic.
- McNulty, J. K., & Hellmuth, J. C. (2008). Emotion regulation and intimate partner violence in newlyweds. *Journal of Family Psychology*, 22(5), 794-797.
- Megías, I. C., Rodríguez, M. J. G., Hidalgo, M. J. L., & Romero, L. R. (1999). La violencia en las parejas universitarias. *Boletín Criminológico*, 42(42), 1-4.
- Miller, L. E., Grubel, A., Thomas, A., Bermann, E., & Graham-Bermann, S. A. (2012). The associations between community violence, television violence, intimate partner violence, parent-child aggression, and aggression in sibling relationships of a sample of preschoolers. *Psychology of Violence*, 2(2), 165-178.
- Miller, L., Moraes, L. Q., & Naves, R. (2006). *Proteger as mulheres da violência doméstica*. Seminário de treinamento para juízes (3ª Ed). Brasília: Forum Nacional de Educação em Direito Humanos
- Monteiro, N. M., & Balogun, S. K. (2015). Psychosocial predictors of relationship conflict styles as mediated by emotional intelligence: A study of Botswana adults. *SAGE Open*, 5(2), 2158244015587558.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrole. *Análise Psicológica*, 28(2), 245-254.
- Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: Crescimento pessoal, separação-individuação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366.
- Muñoz-Rivas, M. J., Graña, J. L., O'Leary, K. D., & González, M. P. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: Prevalence, justification, and health consequences. *Journal of Adolescent Health*, 40(4), 298-304.

- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Editora Coisas de Ler.
- Offenhauer, P., & Buchalter, A. (2011). Teen dating violence: A literature review and annotated bibliography. Washington, D.C.: Federal Research Division Library of Congress. Recuperado de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/235368.pdf>
- Oliveira, K. L. C. D., & Gomes, R. (2011). Men and conjugal violence: An analysis of Brazilian studies. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(5), 2401-2413.
- Oliveira, M. S., Sani, A. I., & Magalhães, T. (2012). O contágio transgeracional da agressividade. A propósito da violência no namoro. *Revista Portuguesa do Dano Corporal*, 23, 175-188.
- Oliveira, M., & Sani, A. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In Bento Silva e Leandro Almeida (Coords), *Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Centro de Investigação em Educação.
- Pais-Ribeiro, J. L. (2008). *Metodologia de Investigação em psicologia e saúde* (2ª Ed). Porto: Legis Editora.
- Paiva, C. A., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 165-184.
- Paiva, C. A., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Paiva, C. A., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5(2), 243-272.

- Paiva, C. A., & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das Escalas de Táticas de Conflito Revisadas: Estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14-39.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano*. São Paulo: Artmed.
- Patias, N. D., & Dell'Aglia, D. D. (2017). Prevalência de exposição à violência direta e indireta: Um estudo com adolescentes de colégios públicos. *Acta Colombiana de Psicología*, 20(1), 90-100. doi: 10.14718/ACP.2017.20.1.6
- Peixoto, F. J. B. (2003). *Autoestima, autoconceito e dinâmicas relacionais em contexto escolar* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Braga.
- Primi, R. (2003). Inteligência: Avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida. *Avaliação Psicológica*, 2(1), 67-77.
- Próspero, M. (2008). The effect of coercion on aggression and mental health among reciprocally violent couples. *Journal of Family Violence*, 23(3), 195-202.
- Ramírez, F. C. (2001). *Condutas agressivas na idade escolar*. Lisboa: McGraw Hill.
- Relva, I. C. (2005). *Maus Tratos entre irmãos: Um estudo em alunos de Vila Real* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Porto: Porto.
- Relva, I. C., Alarcão, M., & Fernandes, O. M. (2014a). Rivalidade ou violência? A percepção de estudantes universitários vítimas de violência por parte de irmãos. *In Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(3), 259-265.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (2012). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Interamerican Journal of Psychology*, 46(3), 375-384.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Costa, R. (2013a). Psychometric properties of Revised Conflict Tactics Scales: Portuguese sibling version (CTS2-SP). *Journal of Family Violence*, 28(6), 577-585.

- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Martins, A. Q. (2014b). Estudo exploratório sobre a violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 398-308. doi: 10.1590/1678-7153.201427221
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Mota, C. (2013b). An exploration of sibling violence predictors. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 5(1), 47-61.
- Rennison, C. M., & Welchans, S. (2000). *Intimate partner violence*. Washington: Bureau of Justice.
- Robertson, K., & Murachver, T. (2007). It takes two to tangle: Gender symmetry in intimate partner violence. *Basic and Applied Social Psychology*, 29(2), 109-118.
- Rocha, M., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da autoestima. *Análise Psicológica*, 29(2), 185-200.
- Rosenberg, M. (1965). Rosenberg self-esteem scale (RSE). *Acceptance and commitment therapy. Measures Package*, 61, 52.
- Rush, M. E. (2000). *Young woman's experiences of dating violence: A phenomenological study*. Dissertation Abstracts International, section B: The Sciences and Engineering, 60, 4524.
- Salovey, P., & Mayer, J. D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9(3), 185-211.
- Sánchez, V., Ortega, R., & Menesini, E. (2012). Emotional competence and bullying. *Anales de Psicología/Annals of Psychology*, 28(1), 71-82.
- Shuler, C. A. (2010). Male victims of intimate partner violence in the United States: An examination of the review of literature through the critical theoretical perspective. *International Journal of Criminal Justice Sciences*, 5(1), 163-173.
- Siqueira, A. C., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Crianças e adolescentes institucionalizados:

- Desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 407-415.
- Siu, A. F. (2009). Trait emotional intelligence and its relationships with problem behavior in Hong Kong adolescents. *Personality and Individual Differences*, 47(6), 553-557.
- Smith, P. K. (2013). School bullying. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 71, 81-98.
- Stets, J. & Straus, M. A. (1990). Gender differences in reporting marital violence and its medical and psychological consequences. In M. A. Straus, & R. J. Gelles (Eds.), *Physical violence in American families: Risk factors and adaptations in American families* (pp. 151–166). New Brunswick, NJ: Transaction Books.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790-811.
- Straus, M. A., & Sweet, S. (1992). Verbal/symbolic aggression in couples: Incidence rates and relationships to personal characteristics. *Journal of Marriage and the Family*, volume, 346-357.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2) development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283-316.
- Teques, A. P., Llorca-Ramón, G., Bueno-Carrera, G., Pais-Ribeiro, J., & Teques, P. (2015). Desenvolvimento e avaliação das características psicométricas do Questionário de Auto-Percepção de Inteligência Emocional (QIE-AP). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 270-279. doi: 10.1590/1678-7153.201528207
- Teten, A. L., Ball, B., Valle, L. A., Noonan, R., & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. *Journal of Women's Health*, 18, 923-927.

- Vasconcelos-Raposo, J. & Freitas, C. A. (1999). Self-esteem among the youth of Trás-os-Montes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 16(3), 32-46.
- Walker, L. E. (2016). *The battered woman syndrome* (4nd Ed.). New York: Springer Publishing Company.
- Walling, S. M., Meehan, J. C., Marshall, A. D., Holtzworth- Munroe, A., & Taft, C. T. (2012). The relationship of intimate partner aggression to head injury, executive functioning, and intelligence. *Journal of marital and family therapy*, 38(3), 471-485.
- Warkentin, J. B. (2008). *Dating violence and sexual assault among college men: Co-occurrence, predictors, and differentiating factors* (Doctoral dissertation). Ohio University, Ohio, United States of America.
- WHO (2016). *World Health Organization*. Obtido em 26 de junho de 2016, de World Health Organization web site: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs239/en/index.html>
- Wiehe, V. R. (1997). *Sibling abuse: Hidden physical, emotional and sexual trauma* (2nd Ed.). Thousand Oaks CA.: Sage Publications.
- Winters, J., Clift, R. J., & Dutton, D. G. (2004). An exploratory study of emotional intelligence and domestic abuse. *Journal of Family Violence*, 19(5), 255-267.
- World Health Organization (2014). *Global status report on violence prevention*. United Nations Development: WHO Library Cataloguing.
- Zulueta, F. (1996). Theories of aggression and violence. In C. Cordess, M. Cox, C. Cordess, M. Cox (Eds.) , *Forensic psychotherapy: Crime, psychodynamics and the offender patient, Vol. 1: Mainly Theory* (pp. 175-186). London, England: Jessica Kingsley Publishers.

ARTIGO 2

Violência no namoro: sintomatologia psicopatológica e atitudes legitimadoras
da violência, numa amostra de estudantes universitários

Dating violence: psychopathological symptomatology and legitimizing
attitudes of violence, in a sample of university students

**Violência no namoro: sintomatologia psicopatológica e atitudes legitimadoras da
violência, numa amostra de estudantes universitários**

***Dating violence: psychopathological symptomatology and legitimizing attitudes of violence,
in a sample of university students***

Olga Nazaré Simões Pereira, Inês Carvalho Relva & Otília Monteiro Fernandes

Resumo

A violência nas relações íntimas tem sido uma adversidade que tem vindo a ser reconhecida como um problema social e de saúde pública com alguma relevância, da qual se tem destacado com alguma notoriedade a violência no namoro. O presente artigo procura perceber a relação existente entre a violência no namoro, a sintomatologia psicopatológica e as atitudes legitimadoras da violência. Concomitantemente, tornou-se pertinente o seu estudo em jovens universitários portugueses, sendo que, a amostra é constituída por 435 estudantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 53 anos, dos quais 354 (81.4%) pertencentes ao género feminino e 81 (18.6%) pertencentes ao género masculino. Foram utilizados os seguintes questionários de autorrelato: o Questionário sociodemográfico (SEQ); as *Revised Conflict Tactics Scales* (CTS2); o *Brief Symptom Inventory* (BSI) e as *Attitudes Toward Dating Violence Scale* (EAVN). Os resultados evidenciaram que, na legitimação da violência psicológica, física e sexual, quer masculina, quer feminina, os homens são mais legitimadores de atitudes de violência suas relações amorosas. A legitimação da violência psicológica masculina prediz a negociação, quer da parte do agressor, quer da parte da vítima. A hostilidade prediz positivamente a agressão psicológica, enquanto que a depressão e a ansiedade predizem negativamente o abuso físico com e sem sequelas. Concluindo, os resultados da investigação foram, maioritariamente, os esperados, tanto para os agressores, como para as vítimas. Ultimando assim, com uma reflexão sobre as limitações que foram

encontradas, neste tipo de procedimentos, apresentando, também, possíveis formas de aperfeiçoamento para ações de prevenção junto deste tipo de população e de toda a sua rede social.

Palavras-chave: violência, namoro, sintomatologia, psicopatológica, atitudes.

Abstract

Violence in intimate relationships has been an adversity that has come to be recognized as a social and public health problem with some relevance and considering this dating violence stands out with notoriety. This article seeks to understand the relationship between dating violence, psychopathological symptomatology and legitimizing attitudes of violence. At the same time, its study among Portuguese young college students became pertinent. The sample consisted of 435 students, aged between 18 and 53 years, of whom 354 (81.4%) were women and 81 (18.6%) belonged to the male gender. The following self-report questionnaires were used: Socio-demographic Questionnaire (SEQ); Revised Conflict Tactics Scales (CTS2); Brief Symptom Inventory (BSI) and the Attitudes Toward Dating Violence Scale (EAVN). The results showed that in the legitimation of psychological, physical and sexual violence, whether male or female, men are more legitimizers of violence in their relationships. The legitimation of male psychological violence predicts negotiation, both on the part of the aggressor as on the part of the victim. Hostility positively predicts psychological aggression, while depression and anxiety negatively predict physical abuse with and without sequels. In conclusion, the results of the investigation were, for the most part, what was expected, for the aggressors and for the victims. Finally, with a reflection on the limitations that were found, in this type of procedures, presenting, also, possible ways of improvement for prevention actions with this type of population and its entire social network.

Keywords: violence, dating, symptomatology, psychopathological, attitudes.

Introdução

Violência no namoro: sintomatologia psicopatológica

Uma relação, partilhada por dois seres humanos (homossexuais ou heterossexuais), que dividem um vínculo emocional, romântico e/ou sexual, que ultrapassa a amizade, e que não compartilhem um relacionamento de noivado ou de casamento, é uma relação de namoro (Murray & Kardatzke, 2007). O namoro apresenta um papel fundamental no desenvolvimento pessoal, visto que, proporcionam, aos adolescentes, experiências que levam à exploração de si mesmos, bem como, do parceiro (Félix, 2012). Estas experiências de companheirismo, sexuais e resolução de conflitos, permitem a experimentação de comportamentos mais próximos dos papéis de adulto (Félix, 2012) e ocorrem num período desenvolvimental ímpar e muito próprio, a adolescência. Período este que, é assinalado por inúmeras transformações (físicas e psicológicas), e muitas vezes, grifado por uma certa instabilidade emocional, bem como, por conflitos pessoais e interpessoais, que resultam na maturação (Bertoldo & Barbará, 2006; Caridade, 2011). Esta é, também, uma fase de transição, de um período de dependência (a infância), para uma fase mais independente e autossuficiente, a adultez (Haper & Marshall, 1991). Durante este período, de desenvolvimento, existe uma maior necessidade na exploração fora do contexto familiar, que visa estabelecer relações fora da sua zona de conforto (Bertoldo & Barbará, 2006; Mota & Rocha, 2012; Narciso & Ribeiro, 2009), em busca de autonomia e da construção da sua própria identidade (Bertoldo & Barbará, 2006; Caridade & Machado, 2006; Mota & Rocha, 2012; Narciso & Ribeiro, 2009). Não obstante, identidade esta que, vem sendo construída desde muito cedo e sempre auxiliada pelos relacionamentos familiares (e.g., irmãos e pais), visto serem estes o seu primeiro contexto desenvolvimental (Fernandes, 2000; Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007).

Posteriormente, a necessidade de alargar a sua rede social levando ao contexto amoroso, implica que as relações amorosas (Mota & Rocha, 2012) se tornam experiências que ajudem a desenvolver e a consolidar a identidade de género, alega Jackson, Cram e Seymour (2000), bem como, a identidade sexual, ainda que, estes experimentos, sejam frequentemente, fugazes e de curta duração, resultando em experiências sexuais com diferentes parceiros e envolvimento em comportamentos de risco (Jackson et al., 2000). Estas experiências, de desenvolvimento íntimo, ocorrem devido à necessidade de estar e de se querer relacionar com os outros, de conquistar uma certa autonomia e equilíbrio (Mota & Rocha, 2012; Oliveira & Sani, 2005). São estas competências, que vão desenvolvendo, com os seus pares (Offenhauer & Buchalter, 2011), iniciadas anteriormente, através do processo de aprendizagem de padrões relacionais dentro dos seus relacionamentos familiares (e.g., pais e irmãos) (Fernandes, 2000; Fernandes et al., 2007), nas relações interpessoais, que devido à sua influência e crenças, vão moldando o seu comportamento (Offenhauer & Buchalter, 2011). Relações, estas, que o podem promover ou exautorar (Narciso & Ribeiro, 2009).

Normalmente, a juventude, é uma fase que tem implícitas decisões relacionais, que irão ter grandes implicações futuras, como com quem e quando casar (Bertoldo & Barbará, 2006; Collins & Dulmen, 2006). Assim, a relação de namoro, de acordo com Bertoldo e Barbará (2006), deve ser um período caracterizado pela estabilidade advinda da união entre duas pessoas. Este período, num jovem adulto, torna-se numa transação e proporciona-lhe um desenvolvimento pessoal, facilitando-lhe a estruturação de relacionamentos amorosos de maior qualidade (Collins & Dulmen, 2006; Oliveira & Sani, 2005).

Desta forma, baseado no modelo ecossistémico do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1979), o início da conjugalidade possibilita alterações desenvolvimentais em

cada elemento do relacionamento. Estas alterações geram, não só mudanças nos indivíduos, como na relação existente entre os dois e afetam todos os sistemas, aos quais pertencem, como família de origem, amigos, colegas de trabalho e comunidade, na qual se encontram inseridos (Dourado & Noronha, 2014).

A adolescência, sendo um período de mudança, é também, uma fase de instabilidade que propicia a perpetração de comportamentos mais violentos entre os pares. Segundo estudos realizados com irmãos, a idade aparenta ser uma variável que prediz a violência (Button & Gealt, 2010; Eriksen & Jensen, 2006). Os autores Kiselica e Morrill-Richards (2007) defendem que, os adolescentes com mais de 14 anos tendem a adoptar comportamentos mais violentos fisicamente, para enfrentarem conflitos que, incidam sobre obrigações e responsabilidades de carácter social. Este tipo de resposta, tem tendência a diminuir, após esta idade, devido ao aumento das capacidades de comunicação e da diminuição da necessidade de adoptarem comportamentos violentos como tática de resolução de conflitos (Noland, Liller, Mcdermott, Coutler, & Seraphine, 2004).

Este conceito de violência foi evoluindo ao longo dos anos com a investigação (Hickman et al., 2004; Magalhães, 2010; Oliveira & Manita, 2003), e não é um conceito unânime, porque não tem uma definição exclusiva (DeKeseredy, 2011). É um conceito, que é classificado consoante o aspecto que pretende afetar (e.g., violência física, violência psicológica e emocional, violência sexual, violência económica, etc.); ou segundo o sujeito contra a qual é perpetrada (e.g. violência entre irmãos, violência contra as crianças, violência contra as mulheres, violência contra os idosos, etc.) (e.g., Oliveira & Manita, 2003; Lopes et al., 2017; Relva et al., 2014a; Relva, Fernandes, & Alarcão, 2012; Relva et al., 2014b). Presentemente, esta definição é reconhecida como um *continuum* de abusos, não se baseando só no abuso físico, mas incluindo

também, o abuso verbal, o emocional ou psicológico, o sexual, o económico, o isolamento social e a perseguição ou *stalking* (Hickman et al., 2004; Magalhães, 2010). Levando, a que muitas das vezes, esses comportamentos, resultem em homicídio (Hickman et al., 2004). Comportamentos estes, que podem suceder tanto em casais heterossexuais, como em casais homossexuais (Saltzman, Fanslow, McMahon, & Shelley, 1999).

A violência no namoro é, então, por conseguinte, um infortúnio grave, neste momento, por duas razões: pela sua assustadora prevalência e pelas suas graves consequências na saúde física e mental (Callahan et al., 2003). Os processos que levam os adolescentes a envolverem-se em relacionamentos amorosos violentos são relevantes e a sua compreensão subentende uma perspectiva sistémica que incorpora diversas dimensões (Matos et al., 2006). Passando pelas diferentes percepções que cada adolescente tem do conceito de violência e, por conseguinte, na dificuldade, que este tem, em identificar um comportamento como sendo abusivo (Matos et al., 2006).

Várias teorias tentam explicar, de forma distinta e objetiva, a violência que ocorre dentro dos relacionamentos amorosos. A não utilização da mesma terminologia, torna a tarefa da procura, pela mais acertada, muito mais complexa. Para Alarcão (2002), a violência no namoro pode ser explicada por um ciclo que compreende três fases: a fase do aumento da tensão (o agressor impõe um ambiente de perigo iminente, recorrendo a um comportamento intimidatório e de controlo a fase do ataque violento (o agressor recorre aos abusos físicos, psicológicos e/ou sexuais para afetar a vítima; e por fim, a fase da reconciliação (o agressor objetiva alterar o seu comportamento, demonstrando afeto, cuidado e mais atenção para com a vítima, tencionando, unicamente, a sua desculpabilização e tentando com isso, que a vítima não termine a relação (Alarcão, 2002; Antunes, 2002; Ferreira, 2005; Manita et al., 2009; Walker, 2016). Para Antunes

(2002), este ciclo de violência vai-se alterando à medida que vai progredindo. Na primeira fase, os abusos são esporádicos e vão-se tornando mais acentuados com a sua continuidade; na segunda fase os comportamentos abusivos tendem a ser mais frequentes e com uma maior gravidade; e na fase final, os comportamentos são menos intensos e pouco persistentes (Antunes, 2002).

Aquando no papel de vítima, os comportamentos violentos acarretam imensos prejuízos, tanto a violência física, como a psicológica, ou mesmo outro tipo de comportamento abusivo, trazem consequências devastadoras para a vida da vítima (WHO, 2016). Por conseguinte, estes comportamentos disfuncionais têm um avultado impacto na saúde emocional, física e sexual das vítimas, bem como, na dos agressores, pois, a violência interpessoal é um problema humano, que resulta num problema social grave (WHO, 2016). Como consequência, destes tipos de abusos ou da sua combinação, a saúde mental e física das vítimas altera-se e estas têm tendência a desenvolver características específicas, advindas desta problemática, e a apresentar sintomas mais graves (Lisboa, Vicente, & Barroso, 2005).

Os abusos, independentemente de quais, têm consequências nefastas para a saúde e bem-estar emocional da vítima (Glass et al., 2003; Lisboa et al., 2005). Estes, podem ter consequências a vários níveis, como distúrbios e alterações sexuais (e.g. disfunção sexual, pavor de ter relações sexuais, comportamentos sexuais de risco, infertilidade, gravidez indesejada, aborto e morte materna (e.g., Casique & Furegato, 2006; Lisboa, Barroso, & Marteleira, 2003)), distúrbios e alterações psicológicas e emocionais (e.g., baixa autoestima, isolamento social, sentimentos de culpa, inadaptação global, ideação suicida, medo, sintomatologia depressiva, ansiedade generalizada, transtornos de pânico, fobias, transtorno obsessivo-compulsivo, disfunções do comportamento alimentar, stresse pós-traumático, consumo excessivo de álcool ou

substâncias psicoativas (e.g., Amor, Echeburúa, de Corral, Zubizarreta, & Sarasua, 2002; Asensi, 2008; Lisboa, Barroso, & Marteleira, 2003; Glass et al., 2003).

As vítimas de abusos têm tendência a apresentar mais indicadores de sintomas depressivos, bem como, sintomas mais graves, quando comparadas com pessoas que não se encontram nesta situação (Pico-Alfonso et al., 2006). O que demonstra que, quanto maior for a prevalência dos abusos, existe uma tendência para que, a gravidade da sintomatologia, também seja maior (Pico-Alfonso et al., 2006).

Atitudes legitimadoras da violência psicológica, física e sexual masculina e feminina

A violência no namoro, segundo Caridade e Machado (2006), não é uma situação hipotética, nem tão pouco, improvável de suceder entre a população mais jovem. Esta é uma temática, já identificada como sendo uma problemática emergente na atualidade e um problema de saúde pública (Duarte & Lima, 2006; Matos et al., 2006). Esta situação mantém-se, pois, os actos de violência praticados no seio de uma relação de namoro, independentemente de ter consequências físicas, psicológicas ou sexuais, não são actos isolados (Oliveira & Sani, 2005), nem caraterístico de um só género, tornando imprescindível e pertinente, a intervenção junto desta população (Matos et al., 2006).

No decorrer desta problemática, a denegação ou a minimização dos comportamentos abusivos, segundo a WHO (2016), podem ter implicações perniciosas na prevenção deste tipo de actos. Não obstante, existe uma associação relevante entre o facto de ser vítima de abuso físico e/ou abuso sexual na infância (violência fraterna (e.g., Laporte, Jiang, Pepler, & Chamberland, 2011); violência familiar (e.g., Faias, Caridade, & Cardoso, 2017; Oliveira, Sani, & Magalhães, 2012); violência entre irmãos (e.g., Lopes et al., 2017; Relva et al., 2014a; Relva et al., 2014b; Relva et al., 2012; Relva, Fernandes, & Mota, 2013b); violência no ambiente escolar (e.g.,

Barroso & Manita, 2012)) e a probabilidade de ser novamente vítima dos mesmos abusos na idade adulta (Rivera-Rivera et al., 2006). O que realça a importância da violência na vida de uma criança, visto estes efeitos terem a possibilidade de se propagarem ao longo de toda a sua existência e a várias dimensões da sua vida, causando uma maior predisposição para a vulnerabilidade (Rivera-Rivera et al., 2006).

A frequência e a gravidade da violência, nos relacionamentos de namoro, tem tendência a aumentar, quando uma relação tem uma maior duração, considerado também, um importante preditor de violência conjugal (Caridade & Machado, 2006). Ainda que, os comportamentos abusivos mais frequentes no namoro, sejam, por exemplo, os insultos ou bofetadas, são considerados, muitas vezes, como sendo atos de violência menos graves ou mais desculpáveis (Gelles, 1997).

Dois estudos realizados em Portugal, com estudantes, têm em comum a abordagem feita à relação entre os comportamentos de agressão e vitimação e as atitudes de minimização ou legitimação da violência (Machado et al., 2010; Machado, Matos, & Moreira, 2003). As crenças erradas, que estão anexadas à violência no namoro aparentam propiciarem a atribuição de culpas à vítima e a diminuir a responsabilidade do agressor, no que se refere aos comportamentos abusivos, correlacionando de forma positiva, a duração do relacionamento, com o aumento da gravidade e frequência dos comportamentos violentos (Machado et al., 2010; Machado et al., 2003). Machado et al. (2003) realizaram um estudo, com estudantes universitários, onde 15% da sua amostra referiu ter sido vítima de pelo menos um comportamento abusivo por parte do seu namorado/a e 27% assumiu ter perpetrado atitudes violentas para com o seu namorado/a. Noutro estudo mais recente, os autores alegam que, 25.4% da amostra de 4667 sujeitos entre os 13 e os 29 anos, declararam terem sido vítimas de comportamentos violentos por parte do seu/sua

namorado/a (Machado et al., 2010). Tendencialmente, os relacionamentos que experienciam este tipo de comportamentos, propendem a que a violência continue e se agrave, principalmente, após o casamento (González-Ortega, Echeburúa, & Corral, 2008).

Considerando que, a sintomatologia psicopatológica e as atitudes legitimadoras da violência, se têm correlacionado com comportamentos desviantes e abusivos, aceitando a sua importância e tendo em conta, a escassez de estudos de investigação no âmbito das suas relações com a violência no namoro, a corrente investigação visa contribuir para o aumento de informação nesta área. O estudo foi orientado segundo o objetivo principal: relacionar a violência no namoro, a sintomatologia psicopatológica e as atitudes legitimadoras da violência. Consequentemente, tencionámos (a) analisar as diferenças significativas dos sintomas psicopatológicos e as atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas em função do género; (b) testar o efeito preditor do género, dos sintomas psicopatológicos e das atitudes legitimadoras da violência nas táticas de resolução de conflito dos agressores e vítimas; e (c) verificar a associação existente entre as táticas de resolução de conflito, sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas.

Método

A corrente investigação é um estudo de carácter quantitativo, visto ser baseada em dados de natureza numérica que foram recolhidos através de instrumentos de autorrelato. Tem, também, um carácter transversal, pois, os dados foram recolhidos num único momento, e um cariz exploratório, na medida em que, existem escassas investigações onde se analisam as mesmas variáveis que se encontram presentes nesta pesquisa (Pais-Ribeiro, 2008).

Participantes

A amostra foi constituída por 435 estudantes universitários, que se encontravam a frequentar uma universidade do norte de Portugal, com nacionalidade portuguesa e a residir em Portugal, que já tenham tido, pelo menos, um relacionamento amoroso (homossexual ou heterossexual), estado civil de solteiro/a com ou sem namorado/a, com idades compreendidas entre 18 e os 53 anos ($M=20.72$; $DP=3.42$). Maioritariamente (81.4%) é do género feminino, sendo que, 57.2% eram solteiros com namorada/o. No que concerne à escolaridade dos pais verifica-se que, a maioria tem o ensino básico, pai (62.8 %) e mãe (59.8%).

Procedimentos

Numa primeira instância, a investigação baseou-se na seleção das variáveis a estudar e dos participantes. Seguidamente, efetuou-se um levantamento bibliográfico sobre os estudos efetuados e desenvolvidos acerca do tema escolhido, através de todos os meios de informação disponíveis, como livros e artigos científicos, recolhidos, a partir de bases de dados, como LILACS, EBSCO, B-on e Google Académico. Após a seleção dos instrumentos a serem utilizados foram tidos em consideração todos os procedimentos éticos implícitos no estudo. Especificamente, foi obtida a autorização para a realização do estudo, através da Comissão de Ética da nossa Universidade, bem como, a autorização para a utilização das escalas, pelos respetivos autores. Posteriormente, foi efetuado um contacto com os Presidentes das cinco Escolas do ensino superior, visando obter as devidas autorizações para a recolha de dados, celebrado através de um documento escrito, oficializando assim a obtenção dos compromissos institucionais.

A administração dos instrumentos decorreu em sala de aula, de uma forma presencial em cada escola, em contexto grupal, durante cerca de 45 minutos. Em cada momento da recolha, foi

realizada uma breve apresentação do estudo, onde foram fornecidas as instruções necessárias para o bom preenchimento dos questionários, evidenciando a participação voluntária, a confidencialidade dos dados e a garantia do anonimato dos participantes. Foi, também, divulgado o trabalho conjunto e a disponibilidade com o Gabinete de Apoio Psicológico da universidade, bem como, o alerta para certas alterações psicológicas que merecem um acompanhamento especializado e atento.

Instrumentos

O Questionário Sociodemográfico baseado no *Social Environment Questionnaire* (SEQ), de Toman (1993), adaptado por Fernandes e Relva (2013). Este instrumento é composto por questões acerca da condição do participante (género, idade, estado civil, nacionalidade, número de relacionamentos e durabilidade média de um relacionamento afetivo), bem como, acerca da sua fratria (número de irmãos e número de elementos do agregado familiar) e da dos seus pais (escolaridade pai e mãe).

As *Revised Conflict Tactics Scales* (CTS2) de Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996), adaptadas e validadas por Paiva e Figueiredo (2006) para a população portuguesa, constituem um instrumento para medir as táticas de resolução de conflito em casais numa relação de namoro, visando estratégias de negociação ou de abuso, na perspetiva dos participantes. Estes são instruídos a referir-se ao ano transato, conforme uma das sugestões dos autores originais. As questões das CTS2 estão organizadas em pares de relacionamento, sendo que cada item é apresentado duas vezes, uma sobre os atos do sujeito (perpetração, que neste estudo foi substituído por agressor), e outra sobre os atos para com o sujeito (vitimização, que neste estudo foi substituído por vítima). A escala de respostas, tipo *Likert*, reflete a frequência de cada comportamento num determinado período de tempo, variando entre (0) “isso nunca

aconteceu” e “não no ano passado, mas aconteceu antes ou depois”; (1) “uma vez no ano”; (2) “duas vezes no ano”; (3) “3 a 5 vezes no ano”; (4) “6 a 10 vezes no ano”; (5) “11 a 20 vezes no ano”; e (6) “mais de 20 vezes no ano”.

As CTS2 são constituídas por 78 itens, agrupados em cinco subescalas: (1) negociação, (2) agressão psicológica, (3) abuso físico sem sequelas (4) coerção sexual (a qual, não foi utilizada) e (5) abuso físico com sequelas. A versão portuguesa de Paiva e Figueiredo (2006) evidenciou robustez psicométrica adequada com valores de *alpha* de Cronbach de .79 para a escala total de perpetração e de .74 para a escala total de vitimização. No que diz respeito à qualidade psicométrica para a amostra do presente estudo, esta evidenciou robustez psicométrica, sendo que os valores de coeficientes de *alpha* de Cronbach foram de .82 e .81 na negociação, .72 e .71 na agressão psicológica, de .79 e .82 no abuso físico sem sequela, de .75 e .75 no abuso físico com sequelas, nas dimensões e perpetração e vitimização respetivamente. Quanto á escala total de perpetração e de vitimização os valores de *alpha* de Cronbach foram de .85 e .84 para ambas as dimensões. No que concerne às análises fatoriais confirmatórias, para a perpetração, verifica-se uma qualidade de ajustamento adequada ($\chi^2/df=4740$; Ratio=.848; CFI=.90; SRMR=.099 e RMSEA=.09). Quanto à vitimização, os valores encontram-se, igualmente com uma qualidade de ajustamento adequada ($\chi^2/df=3603$; Ratio= .835; CFI=.90; SRMR=.112 e RMSEA=.08).

O Brief Symptom Inventory (BSI) - Inventário de Sintomas Patológicos de Derogatis (1982), validado para a população portuguesa por Canavarro (1999), que avalia a sintomatologia psicopatológica. Consistindo num instrumento baseado no autorrelato composto por 53 itens, dos quais serão utilizados 32, onde é solicitado ao inquirido, que classifique o grau, em que cada problema descrito o incomodou durante o decorrer da última semana. As respostas são dadas

através de uma escala de tipo *Likert* que varia entre o 0 (“Nunca”) e o 4 (“Muitíssimas vezes”). Este inventário divide a sua avaliação em nove dimensões: Somatização, Obsessões-Compulsões, Sensibilidade Interpessoal, Depressão, Ansiedade, Hostilidade, Ansiedade Fóbica, Ideação Paranoide e Psicoticismo. Neste estudo, foram utilizadas as seguintes dimensões: Somatização (itens 2, 7, 23, 29, 30, 33, 37), Sensibilidade Interpessoal (itens 20, 21, 22, 42), Depressão (itens 9, 16, 17, 18, 35, 50), Ansiedade (itens 1, 12, 19, 38, 45, 49), e Hostilidade (itens 6, 13, 40, 41, 46). No que concerne à cotação e análise dos resultados, estas podem ser realizadas de quatro formas: avaliações sumárias de perturbação emocional (interpretação das pontuações obtidas nas nove dimensões); Índice Geral de Sintomas (número e intensidade dos sintomas psicopatológicos), representando uma pontuação combinada que objetiva a intensidade do mal-estar percecionado, baseado no número de sintomas indicados; Total de Sintomas Positivos (número de sintomas indicados) e Índice de Sintomas Positivos (correspondendo à intensidade da sintomatologia e do número de sintomas presentes). Segundo as indicações fornecidas pela autora da aferição portuguesa, foi realizado o cálculo do Índice de Sintomas Positivos, ou seja, a média do número de sintomas a dividir pelo número total de sintomas, utilizando-se esse valor como referência e como ponto de corte os valores ≥ 1.7 , uma vez que Canavarro (1999) alega ser provável encontrar pessoas perturbadas emocionalmente, cuja cotação do ISP do BSI $\geq 1,7$ e sujeitos da população em geral, com resultados inferiores a esse valor. Na análise dos dados psicométricos, do estudo de validação para a população portuguesa, foi possível verificar que o instrumento BSI evidenciou níveis adequados na consistência interna para todas as dimensões utilizadas, com os seguintes valores de *alpha* de Cronbach: somatização .80, sensibilidade interpessoal .76, depressão .73, ansiedade .77, e hostilidade .76. No presente estudo, os valores de *alpha* de Cronbach obtidos foram para a somatização .84, para a

sensibilidade interpessoal de .85, para a depressão .88, para a ansiedade de .81 e para a hostilidade de .81. No que concerne às análises fatoriais confirmatórias, verificou-se uma qualidade de ajustamento adequada ($\chi^2/df=3.122$; Ratio= .858; CFI=.92; SRMR=.039 e RMSEA=.07).

A Attitudes Toward Dating Violence Scale (EAVN) - Escala de Atitudes legitimadoras acerca da Violência no Namoro (EAVN) é uma adaptação da *Attitudes Toward Dating Violence Scale* (EAVN), concebida e validada por Price, Byers e *The Dating Violence Research Team* (1999). Em 2008, Saavedra, Machado e Martins traduziram-na e adaptaram-na para a população portuguesa. Esta escala é um instrumento de autorrelato, que permite avaliar as atitudes legitimadoras sobre a violência dentro das relações de namoro, mais precisamente, violência física, psicológica e sexual, seja esta perpetrada por indivíduos do género masculino ou feminino. Esta escala é constituída por um total de 76 itens, divididos em seis dimensões: (1) Atitudes legitimadoras da violência psicológica masculina (VPM – parte A), com 15 itens; (2) Atitudes legitimadoras da violência física masculina (VFM – parte B), com 12 itens; (3) Atitudes legitimadoras da violência sexual masculina (VSM – parte C), com 12 itens; (4) Atitudes legitimadoras da violência psicológica feminina (VPF – parte D), com 12 itens; (5) Atitudes legitimadoras da violência física feminina (VFF – parte E), com 13 itens; e (6) Atitudes legitimadoras da violência sexual feminina (VSF – parte F), com 12 itens. Todas as dimensões avaliam as atitudes e as crenças dos sujeitos, no que concerne à violência psicológica, física e sexual nas relações de intimidade, possibilitando aferir, de uma forma particular, o nível de deferimento para cada tipo, específico, de violência, tal como, do nível de tolerância face à violência perpetrada, pelos sujeitos de ambos os sexos. As respostas são dadas numa escala em formato tipo *Likert*: (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) não concordo nem discordo, (4)

concordo e (5) concordo totalmente. O valor de cada dimensão é calculado pela soma dos seus itens, uma vez que, as pontuações mais altas indicam uma maior legitimação do emprego de comportamentos abusivos nos relacionamentos. O valor da consistência interna, avaliado pelo *alpha* de Cronbach, do estudo de validação para a população portuguesa desta escala foi de .90 no que respeita às dimensões de atitudes de violência psicológica, física e sexual masculina, por outro lado no que concerne às dimensões de atitudes de violência psicológica, física e sexual feminina o *alpha* de Cronbach variou entre .70 e .80 (Saavedra et al., 2008). No que remonta a este estudo, o instrumento revelou uma boa consistência interna, sendo que os *alphas* de Cronbach obtidos foram de .84 na violência psicológica masculina e feminina, .85 na violência física masculina e feminina, .83 na violência sexual masculina, e .84 na violência sexual feminina. No que concerne às análises fatoriais confirmatórias da escala das atitudes legitimadoras sobre a violência dentro das relações de namoro perpetradas por indivíduos do género masculino, verificou-se um ajustamento adequado ($\chi^2/df=2.808$; Ratio= .876; CFI=.90; SRMR=.056 e RMSEA=.07). No que respeita às análises fatoriais confirmatórias a escala das atitudes legitimadoras sobre a violência dentro das relações de namoro perpetradas por indivíduos do género feminino, verificou-se igualmente um ajustamento adequado ($\chi^2/df=2.678$ Ratio= .895; CFI=.90; SRMR=.072 e RMSEA=.06).

Análises estatísticas

Para o tratamento dos dados foi realizada uma codificação dos instrumentos e construída uma base de dados com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences – IBM SPSS*, versão 24.0; e para a realização da análise fatorial confirmatória recorreu-se ao *software* AMOS (v.23, SPSS).

Primeiramente, foram analisados todos os questionários, visando excluir aqueles que

estavam incompletos ou perceptivelmente preenchidos ao acaso. De seguida efetuou-se uma limpeza da amostra, identificando possíveis *missings* e *outliers* prejudiciais ao estudo, sendo que, a análise dos *outliers* se efetuou com recurso à determinação de *Zscores* e da distância quadrada de *Mahalanobis* (D^2) e a normalidade das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de assimetria (*Sk*) e curtose (*Ku*) permitindo o recurso a testes paramétricos. Do mesmo modo, o recurso a estes testes também é assegurado pelo tamanho da amostra, pois à medida que o tamanho da amostra aumenta, a distribuição das médias amostrais tende a seguir uma distribuição normal (Marôco, 2014).

Seguidamente procedeu-se à construção das dimensões que compõem cada instrumento, realizando, depois, as suas análises psicométricas através do *alpha* de Cronbach, sendo que valores $>.60$, demonstram uma boa consistência interna (Field, 2009) e das análises fatoriais confirmatórias, com o objetivo de confirmar se os itens dos instrumentos correspondiam às dimensões propostas pelos autores originais. As observações que apresentaram valores de D^2 que sugeriam que essas observações eram *outliers* foram excluídos da base de dados.

No que respeita à análise dos dados, para verificar as diferenças dos sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, em função do género, recorreu-se ao *teste t* para duas médias independentes. Na sequência das análises foi realizada uma análise de regressão múltipla hierárquica tendo em conta variáveis como o género, os sintomas psicopatológicos e as atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, sendo testado o seu papel preditor nas táticas de resolução de conflito, quer em agressores, quer em vítimas. Através do coeficiente de *Pearson* foram efetuadas correlações interescares das variáveis em estudo: táticas de conflito dos agressores e vítimas, sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, bem como das variáveis: sintomas

psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas. De acordo com Cohen (1988), correlações com valores entre .10 e .29 são pequenas, entre .30 e .49 são médias e entre .50 e 1.0 são elevadas.

Resultados

Diferenças dos sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas em função do gênero

Para testar as diferenças dos sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas em função do gênero realizou-se uma análise através do teste *t* para duas médias independentes (Tabela 1). No que se refere às atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas em função do **gênero** foi possível verificar diferenças significativas na **legitimação da violência psicológica masculina** [$t(101.914)=-6.777$; $p<.001$], com IC 95% [-.67;-.37] sendo que o gênero masculino é maior perpetrador de atitudes de **legitimação da violência psicológica** nas suas relações amorosas ($M=2.13$; $DP=.65$) comparativamente ao gênero feminino ($M=1.61$; $DP=.49$); na **legitimação da violência física masculina** [$t(103.933)=-3.883$; $p<.001$], com IC 95% [-.51;-.17] sendo que o gênero masculino é maior perpetrador de atitudes de **legitimação da violência física** nas suas relações amorosas ($M=1.85$; $DP=.74$) comparativamente ao gênero feminino ($M=1.51$; $DP=.58$); e na **legitimação da violência sexual masculina** [$t(95.395)=-4.986$; $p<.001$], com IC 95% [-.61;-.26] sendo que o gênero masculino é maior perpetrador de **legitimação da violência física** nas suas relações amorosas ($M=1.84$; $DP=.76$) comparativamente ao gênero feminino ($M=1.40$; $DP=.48$).

No que se refere às atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas em função do **gênero** foi possível verificar diferenças significativas na **legitimação da violência psicológica feminina** [$t(99.799)=-4.133$; $p<.001$], com IC 95% [-.50;-.18] sendo que o gênero

masculino é maior perpetrador de **legitimação da violência psicológica** nas suas relações amorosas ($M=1.99$; $DP=.70$) comparativamente ao género feminino ($M=1.65$; $DP=.50$); na **legitimação da violência física feminina** [$t(433)=-4.681$; $p<.001$], com IC 95% [-.52;-.21] sendo que o género masculino é maior perpetrador de **legitimação da violência física** nas suas relações amorosas ($M=1.95$; $DP=.71$) comparativamente ao género feminino ($M=1.58$; $DP=.62$); na **legitimação da violência sexual feminina** [$t(433)=-5.940$; $p<.001$], com IC 95% [-.64;-.32] sendo que o género masculino é maior perpetrador de **legitimação da violência física** nas suas relações amorosas ($M=2.13$; $DP=.75$) comparativamente ao género feminino ($M=1.65$; $DP=.63$).

Tabela 1

Diferenças dos sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas em função do género 1- Feminino (N=354) e 2- Masculino (N= 81).

	Género	$M \pm DP$	IC 95%	Direção das diferenças Significativas
	2 – M	.08±.35		
BSI				
Somatização	1– F	.50+-.60		
	2 – M	.37+-.48	[-.19; .20]	n. s.
Sensibilidade Interpessoal	1– F	.71+-.77		
	2 – M	.54+-.78	[-.04; .22]	n. s.
Depressão	1– F	.70+-.72		
	2 – M	.65+-.78	[-.13; .13]	n. s.
Ansiedade	1– F	.79+-.62		
	2 – M	.66+-.75	[.00; .25]	n. s.
Hostilidade	1– F	.79+-.65		
	2 – M	.79+-.83	[-.05; .30]	n. s.
	2 – M	4.22+-.75		
EAVN				
Masculino				
Atitudes violência psicológica	1– F	1.61+-.49		
	2 – M	2.13+-.65	[-.67; -.37]	2>1
Atitudes violência física	1– F	1.51+-.58		
	2 – M	1.85+-.74	[-.51; -.17]	2>1
Atitudes violência sexual	1– F	1.40+-.48		
	2 – M	1.84+-.76	[-.61; -.26]	2>1

Feminino				
Atitudes violência psicológica	1– F	1.65+-.50	[-.50; -.18]	2>1
	2 – M	1.99+-.70		
Atitudes violência física	1– F	1.58+-.62	[-.52; -.21]	2>1
	2 – M	1.95+-.71		
Atitudes violência sexual	1– F	1.65+-.63	[-.64; -.32]	2>1
	2 – M	2.13+-.75		

Nota: Revised Conflict Tactics Scales (CTS2), Brief Symptom Inventory (BSI), Attitudes Toward Dating Violence Scale (EAVN);

M = Média; DP = Desvio-padrão; IC 95% = Intervalo de Confiança a 95%

Papel preditor do gênero, dos sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas nas táticas de resolução de conflito dos agressores

No sentido de analisar o papel preditor do gênero, dos sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas nas táticas de resolução de conflito dos agressores foram efetuadas análises de regressões múltiplas hierárquicas (Tabela 2 e 3).

Análises preditivas: papel preditor do gênero, dos sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas nas táticas de resolução de conflito dos agressores

Foi desenvolvida uma análise de regressão múltipla no sentido de testar os efeitos preditores na dimensão **negociação**, para tal foi inserido no bloco 1 a variável gênero (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = 9.954, p=.002$ explicando 2.2% da variância total ($R^2 = .022$), contribuindo individualmente com 2% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .020$). No bloco 2, incluiu-se as cinco dimensões dos sintomas psicopatológicos, $F(12, 422) = 2.202, p=.011$ e explica 5.9% da variância total ($R^2 = .059$), contribuindo individualmente com 3.2% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .032$). No bloco 3 introduziram-se as seis dimensões das atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, $F(7, 427) = 2.834, p=.007$ e explicando 4.4% da variância total ($R^2 = .044$), contribuindo

individualmente com 2.9% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .029$). Deste modo, foi possível verificar, que as variáveis que apresentam um efeito preditor para a negociação dos agressores, foram o gênero **masculino** ($\beta = -.150$) e a **legitimação da violência psicológica masculina** ($\beta = .195$), esta última prediz positivamente.

Em relação à dimensão **agressão psicológica**, foi inserido no bloco 1 a variável gênero (*dummy*), que não apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = .131, p = .717$. No bloco 2, incluíram-se as cinco dimensões dos sintomas psicopatológicos $F(12, 422) = 8.785, p = .000$ que explicam 20% da variância total ($R^2 = .200$), contribuindo individualmente com 17.7% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .177$). No bloco 3 introduziram-se as seis dimensões das atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas $F(7, 427) = 3.777, p = .001$ explicando 5.8% da variância total ($R^2 = .058$), contribuindo individualmente com 4.3% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .043$). Deste modo, foi possível verificar, que as variáveis que apresentam um efeito preditor para a agressão psicológica dos agressores são a **hostilidade** ($\beta = .469$), e a **legitimação da violência psicológica masculina** ($\beta = .232$), sendo que ambas predizem positivamente.

Relativamente à dimensão **abuso físico sem sequelas**, foi inserido no bloco 1 a variável gênero (*dummy*), que não apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = 1.396, p = .238$. No bloco 2, incluíram-se as cinco dimensões dos sintomas psicopatológicos, $F(12, 422) = 5.477, p = .000$ e explica 13.5% da variância total ($R^2 = .135$), contribuindo individualmente com 11% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .110$). No bloco 3 introduziram-se as seis dimensões das atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, $F(7, 427) = 5.849, p = .000$ e explicando 8.7% da variância total ($R^2 = .087$), contribuindo individualmente com 7.3% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .073$). Deste modo, foi possível verificar, as variáveis que

apresentam um efeito preditor para o **abuso físico sem sequelas dos agressores**, sendo a **depressão** que apresenta um contributo negativo ($\beta = -.253$), a **hostilidade** ($\beta = .225$) e a **sensibilidade interpessoal** ($\beta = .187$) em que ambas predizem positivamente.

No que se refere à dimensão **abuso físico com sequelas** foi inserido no bloco 1 a variável género (*dummy*), que não apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = .288, p = .592$. No bloco 2, incluíram-se as cinco dimensões dos sintomas psicopatológicos, $F(12, 422) = 2.723, p = .001$ e explica 7.2% da variância total ($R^2 = .072$), contribuindo individualmente com 4.5% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .045$). No bloco 3 introduziram-se as seis dimensões das atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, $F(7, 427) = 2.977, p = .005$ e explicando 4.7% da variância total ($R^2 = .047$), contribuindo individualmente com 3.1% da variância para o modelo ($R^2_{change} = .031$). Deste modo, foi possível verificar, as variáveis que apresentam um efeito preditor para o abuso físico com sequelas dos agressores, sendo a **depressão** a apresentar um contributo negativo ($\beta = -.234$), a **ansiedade** ($\beta = .181$) e a **legitimação da violência sexual feminina** ($\beta = .141$) sendo que ambas predizem positivamente.

Tabela 2

Regressão múltipla hierárquica para táticas de resolução de conflito - Agressores

	R^2	R^2_{change}	B	S. Error	β	t	P
Negociação							
Bloco 1	.022	.020					
Género (<i>dummy</i>)			-.618	.196	-.150	-3.155	.002
Bloco 2	.059	.032					
Somatização							
Sensibilidade Interpessoal							
Depressão							
Ansiedade							
Hostilidade							

Bloco 3	.044	.029					
Atitudes Violência Psicológica Masculina			.558	.232	.195	.406	.017
Atitudes Violência Física Masculina							
Atitudes Violência Sexual Masculina							
Atitudes Violência Psicológica Feminina							
Atitudes Violência Física Feminina							
Atitudes Violência Sexual Feminina							
Agressão psicológica							
Bloco 1	.000	-.002					
Gênero (dummy)							
Bloco 2	.200	.177					
Somatização							
Sensibilidade Interpessoal							
Depressão							
Ansiedade							
Hostilidade			.542	.075	.469	7.189	<.001
Bloco 3	.058	.043					
Atitudes Violência Psicológica Masculina			.327	.113	.232	2.889	.004
Atitudes Violência Física Masculina							
Atitudes Violência Sexual Masculina							
Atitudes Violência Psicológica Feminina							
Atitudes Violência Física Feminina							
Atitudes Violência Sexual Feminina							
Abuso físico sem sequelas							
Bloco 1	.003	.001					
Gênero (dummy)							
Bloco 2	.135	.110					
Somatização							
Sensibilidade Interpessoal			.080	.035	.187	2.289	.023
Depressão			-.115	.041	-.253	-2.792	.005
Ansiedade							
Hostilidade			.109	.033	.225	3.317	.001
Bloco 3	.087	.073					
Atitudes Violência Psicológica Masculina							
Atitudes Violência Física Masculina							
Atitudes Violência Sexual Masculina							
Atitudes Violência Psicológica Feminina							

Atitudes Violência Física Feminina						
Atitudes Violência Sexual Feminina						
Abuso físico com sequelas						
Bloco 1	.001	-.002				
Gênero (dummy)						
Bloco 2	.072	.045				
Somatização						
Sensibilidade Interpessoal						
Depressão		-.121	.049	-.234	-2.491	.013
Ansiedade		.105	.051	.181	2.053	.041
Hostilidade						
Bloco 3	.047	.031				
Atitudes Violência Psicológica Masculina						
Atitudes Violência Física Masculina						
Atitudes Violência Sexual Masculina						
Atitudes Violência Psicológica Feminina						
Atitudes Violência Física Feminina						
Atitudes Violência Sexual Feminina		.078	.038	.141	2.059	.040

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Gênero; **Bloco 2** – Atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas; **Bloco 3** – Sintomas psicopatológico

Papel preditor do gênero, dos sintomas psicopatológicos e das atitudes legitimadoras da violência nas táticas de resolução de conflito das vítimas

Foi desenvolvida uma análise de regressão múltipla no sentido de testar os efeitos preditores na dimensão **negociação**, para tal foi inserido no bloco 1 a variável gênero (*dummy*) que não apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = 3.584, p = .059$. No bloco 2, incluiu-se as cinco dimensões dos sintomas psicopatológicos que não apresentam um contributo significativo, $F(12, 422) = 1.275, p = .230$. No bloco 3 introduziram-se as seis dimensões das atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, que não apresentam um contributo significativo $F(7, 427) = 1.615, p = .129$. Em relação à dimensão **agressão psicológica**, foi inserido no bloco 1 a variável gênero (*dummy*), que não apresenta um contributo significativo F

(1, 433) = .713, $p=.399$. No bloco 2, incluiu-se as cinco dimensões dos sintomas psicopatológicos, $F(12, 422) = 6.891$, $p=.000$ e explica 16.4% da variância total ($R^2=.164$), contribuindo individualmente com 14% da variância para o modelo ($R^2change=.140$). No bloco 3 introduziram-se as seis dimensões das atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, $F(7, 427) = 3.673$, $p=.001$ e explicando 5.7% da variância total ($R^2=.057$), contribuindo individualmente com 4.1% da variância para o modelo ($R^2change=.041$). Deste modo, foi possível verificar, as variáveis que apresentam um efeito preditor para a agressão psicológica das vítimas, são a **hostilidade** ($\beta = .386$), e a **legitimação da violência psicológica masculina** ($\beta = .166$), sendo que, ambas predizem positivamente.

Relativamente à dimensão **abuso físico sem sequelas**, foi inserido no bloco 1 a variável género (*dummy*), que não apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = .952$, $p=.330$. No bloco 2, incluíram-se as cinco dimensões dos sintomas psicopatológicos $F(12,422) = 5.101$, $p=.000$ e explica 12.7% da variância total ($R^2=.127$), contribuindo individualmente com 10.2% da variância para o modelo ($R^2change=.102$). No bloco 3 introduziram-se as seis dimensões das atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas $F(7, 427) = 4.939$, $p=.000$ e explicando 7.5% da variância total ($R^2=.075$), contribuindo individualmente com 6% da variância para o modelo ($R^2change=.060$). Deste modo, foi possível verificar, as variáveis que apresentam um efeito preditor para o abuso físico sem sequelas das vítimas, sendo que a **hostilidade** ($\beta =.243$) e a **legitimação da violência física masculina** ($\beta =.194$) predizem positivamente.

No que se refere à dimensão **abuso físico com sequelas** foi inserido no bloco 1 a variável género (*dummy*), que não apresenta um contributo significativo $F(1, 433) = 1.383$, $p=.240$. No bloco 2, incluiu-se as cinco dimensões dos sintomas psicopatológicos, $F(12,422) = 4.314$,

$p=.000$ e explica 10.9% da variância total ($R^2=.109$), contribuindo individualmente com 8.4% da variância para o modelo ($R^2change=.084$). No bloco 3 introduziram-se as seis dimensões das atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, $F(7, 427) = 6.399$, $p=.000$ e explicando 9.5% da variância total ($R^2=.095$), contribuindo individualmente com 8% da variância para o modelo ($R^2change=.080$). Deste modo, foi possível verificar, as variáveis que apresentam um efeito preditor para o abuso físico com sequelas das vítimas, sendo a **legitimação da violência física masculina** que apresenta um contributo positivo ($\beta=.212$), enquanto que, a **depressão** ($\beta=-.194$) prediz negativamente.

Tabela 3

Regressão múltipla hierárquica para as táticas de resolução de conflito - Vítimas

	R^2	$R^2change$	B	S. Error	β	t	p
Negociação							
Bloco 1	.008	.006					
Género (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.035	.008					
Somatização							
Sensibilidade Interpessoal							
Depressão							
Ansiedade							
Hostilidade							
Bloco 3	.026	.010					
Atitudes Violência Psicológica Masculina							
Atitudes Violência Física Masculina							
Atitudes Violência Sexual Masculina							
Atitudes Violência Psicológica Feminina							
Atitudes Violência Física Feminina							
Atitudes Violência Sexual Feminina							
Agressão psicológica							
Bloco 1	.002	-.001					

Género (dummy)							
Bloco 2	.164	.140					
Somatização							
Sensibilidade Interpessoal							
Depressão							
Ansiedade							
Hostilidade			.422	.073	.386	5.777	<.001
Bloco 3	.057	.041					
Atitudes Violência Psicológica Masculina			.222	.107	.166	2.068	.039
Atitudes Violência Física Masculina							
Atitudes Violência Sexual Masculina							
Atitudes Violência Psicológica Feminina							
Atitudes Violência Física Feminina							
Atitudes Violência Sexual Feminina							
Abuso físico sem sequelas							
Bloco 1	.002	.000					
Género (dummy)							
Bloco 2	.127	.102					
Somatização							
Sensibilidade Interpessoal							
Depressão							
Ansiedade							
Hostilidade			.132	.037	.243	3.563	<.001
Bloco 3	.075	.060					
Atitudes Violência Psicológica Masculina							
Atitudes Violência Física Masculina			.115	.044	.194	2.602	.010
Atitudes Violência Sexual Masculina							
Atitudes Violência Psicológica Feminina							
Atitudes Violência Física Feminina							
Atitudes Violência Sexual Feminina							
Abuso físico com sequelas							
Bloco 1	.003	.001					
Género (dummy)							
Bloco 2	.109	.084					
Somatização							
Sensibilidade interpessoal							

Depressão					
Ansiedade					
Hostilidade					
Bloco 3	.095	.080			
Atitudes Violência Psicológica Masculina					
Atitudes Violência Física Masculina					
Atitudes Violência Sexual Masculina					
Atitudes Violência Psicológica Feminina					
Atitudes Violência Física Feminina					
Atitudes Violência Sexual Feminina					

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Gênero; **Bloco 2** – Atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas; **Bloco 3** – Sintomas psicopatológicos

Associação entre as táticas de resolução de conflito, sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, médias e desvio padrão

Foram realizadas **análises interescolares** (Tabela 4) entre as variáveis dos instrumentos em estudo, sendo que no que se refere às **táticas de conflito dos agressores**, verificamos, para a dimensão **negociação**, uma associação positiva baixa com a **sensibilidade interpessoal** ($r = .100$, $p = .037$) e com a **ansiedade** ($r = .114$, $p = .017$). Para a dimensão **agressão psicológica** verifica-se uma correlação positiva fraca com a **somatização** ($r = .189$, $p < .001$), com a **sensibilidade interpessoal** ($r = .215$, $p < .001$), com a **depressão** ($r = .199$, $p < .001$), com a **ansiedade** ($r = .232$, $p < .001$) e uma associação positiva moderada com a **hostilidade** ($r = .409$, $p < .001$). No que se refere à dimensão **abuso físico sem sequelas** observa-se uma associação positiva fraca com a **somatização** ($r = .145$, $p = .003$), com a **sensibilidade interpessoal** ($r = .155$, $p = .001$), com a **ansiedade** ($r = .104$, $p = .030$) e com a **hostilidade** ($r = .211$, $p < .001$).

No que se refere às **táticas de conflito das vítimas**, verificamos, para a dimensão **agressão psicológica**, uma correlação positiva fraca com a **somatização** ($r = .196$, $p < .001$), com a **sensibilidade interpessoal** ($r = .208$, $p < .001$), com a **depressão** ($r = .220$, $p < .001$), com a

ansiedade ($r = .215, p < .001$) e uma associação positiva moderada com a **hostilidade** ($r = .364, p < .001$). No que se refere à dimensão **abuso físico sem sequelas** observa-se uma associação positiva fraca com a **somatização** ($r = .170, p < .001$), com a **sensibilidade interpessoal** ($r = .173, p < .001$), com a **depressão** ($r = .226, p < .001$), com a **ansiedade** ($r = .138, p < .001$) e com a **hostilidade** ($r = .238, p < .001$). No que se refere à dimensão **abuso físico com sequelas** observa-se uma associação positiva fraca com a **hostilidade** ($r = .107, p = .026$).

No que se refere à **sintomatologia depressiva**, verificamos, para a dimensão **somatização**, uma correlação positiva fraca com a **legitimação da violência psicológica masculina** ($r = .123, p = .010$), com a **legitimação da violência física masculina** ($r = .130, p = .007$), com a **legitimação da violência sexual masculina** ($r = .102, p = .034$), a **legitimação da violência psicológica feminina** ($r = .097, p = .043$) e com a **legitimação da violência física feminina** ($r = .134, p = .005$). No que se refere à dimensão **sensibilidade interpessoal** verifica-se uma correlação positiva fraca com a **legitimação da violência psicológica masculina** ($r = .131, p = .006$), com a **legitimação da violência física masculina** ($r = .202, p < .001$), com a **legitimação da violência sexual masculina** ($r = .124, p = .010$), com a **legitimação da violência psicológica feminina** ($r = .101, p = .035$) com a **legitimação da violência física feminina** ($r = .173, p < .001$) e com a **legitimação da violência sexual feminina** ($r = .120, p = .013$). No que concerne à dimensão **depressão** verifica-se uma correlação positiva fraca com a **legitimação da violência psicológica masculina** ($r = .108, p = .024$), com a **legitimação da violência física masculina** ($r = .155, p = .001$) e com a **legitimação da violência física feminina** ($r = .152, p = .001$). No que se refere à dimensão **hostilidade** verifica-se uma correlação positiva fraca com a **legitimação da violência psicológica masculina** ($r = .197, p < .001$), com a **legitimação da violência física masculina** ($r = .170, p < .001$), com a **legitimação da violência sexual masculina** ($r = .116,$

$p=.016$), com a **legitimação da violência psicológica feminina** ($r=.146$, $p=.002$), com a **legitimação da violência física feminina** ($r=.235$, $p<.001$) e com a **legitimação da violência sexual feminina** ($r=.101$ $p=.035$).

Tabela 4

Correlações interescares das variáveis em estudo: táticas de resolução de conflito dos agressores e das vítimas, sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, médias e desvio padrão

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
CTS2 Agressores																			
1.Negociação	1	.232**	-.024	-.029	.937**	.216**	-.026	-.092	.066	.100*	.093	.114*	.073	-.053	-.114*	-.115*	-.106*	-.110*	-.110*
2.Agressão psicológica		1	.517**	.234**	.221**	.893**	.457**	.304**	.189**	.215**	.199**	.232**	.409**	.203**	.179**	.112*	.108*	.155**	.128**
3.Abuso físico sem sequelas			1	.612**	-.021	.496**	.789**	.784**	.145**	.155**	.080	.104*	.211**	.262**	.268**	.248**	.206**	.198**	.201**
4.Abuso físico com sequelas				1	-.074	.269**	.532**	.676**	.064	.006	-.032	.074	.070	.175**	.143**	.128**	.105*	.134**	.184**
CTS2 Vítimas																			
5.Negociação					1	.175**	-.069	-.099*	.055	.069	.057	.091	.056	-.031	-.099*	-.089	-.077	-.086	-.075
6.Agressão psicológica						1	.534**	.361**	.196**	.208**	.220**	.215**	.364**	.197**	.202**	.131**	.115*	.161**	.136**
7.Abuso físico sem sequelas							1	.789**	.170**	.173**	.126**	.138**	.238**	.221**	.264**	.224**	.175**	.163**	.162**
8.Abuso físico com sequelas								1	.093	.089	.034	.079	.107*	.259**	.284**	.238**	.175**	.133**	.165**
BSI																			
9.Somatização									1	.502**	.585**	.697**	.497**	.123*	.130**	.102*	.097*	.134**	.093
10.Sensibilidade Interpessoal										1	.819**	.647**	.571**	.131**	.202**	.124**	.101*	.173**	.120*
11.Depressão											1	.724**	.631**	.108*	.155**	.086	.085	.152**	.083
12.Ansiedade												1	.698**	.060	.079	-.012	.019	.086	.019
13.Hostilidade													1	.197**	.170**	.116*	.146**	.235**	.101*
EAVN Masculino																			
14.Atitudes Violência psicológica														1	.710**	.708**	.684**	.578**	.556**
15. Atitudes Violência física															1	.700**	.644**	.582**	.502**
16. Atitudes Violência sexual																1	.673**	.557**	.584**
EAVN Feminino																			
17. Atitudes Violência psicológica																	1	.713**	.485**
18. Atitudes Violência física																		1	.649**
19. Atitudes Violência sexual																			1
M	3.94	0.65	0.11	0.07	3.85	0.58	0.12	0.05	0.48	0.68	0.69	0.77	0.79	1.7	1.58	1.49	1.71	1.65	1.74
DP	1.61	0.79	0.33	0.38	1.59	0.75	0.37	0.28	0.58	0.78	0.73	0.65	0.68	0.56	0.63	0.57	0.56	0.66	0.68

Discussão

A presente investigação teve como objetivo analisar os sintomas psicopatológicos e as atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas, em função do género. Verificar se o género, os sintomas psicopatológicos e as atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas tendem a prever as táticas de resolução de conflitos, quer dos agressores, quer das vítimas. Por último, observar a associação entre as táticas de resolução de conflitos, os sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas. Por consequência, o presente estudo procurou contribuir para o aumento de informação relativamente a esta temática e ambicionou conhecer esta realidade, numa população de jovens universitários portugueses, nomeadamente, nas táticas de resolução de conflito, na sintomatologia psicopatológica e nas atitudes legitimadoras da violência, nas relações amorosas.

Não se observaram diferenças significativas em função do género nos sintomas psicopatológicos, contudo foi possível verificar diferenças significativas em função do género, nas atitudes legitimadoras de violência psicológica, física e sexual, quer masculinas, quer femininas, sendo que o género masculino valida com maior facilidade a adoção de atitudes violentas. Outros estudos, observaram que, existe uma maior tendência para perpetuar comportamentos mais agressivos, bem como, atitudes legitimadoras de violência, por parte do género masculino (Cate, Henton, Koval, Christopher, & Lloyd, 1982). Na realidade, e segundo outro estudo, existem diferenças de género, no que respeita à concordância do uso da violência, onde o género masculino tende a apresentar uma maior tendência para a violência e a concordar que os comportamentos violentos, que adoptam, dependem do comportamento adoptado pelo género oposto (Machado et al., 2003). Para além da diferença de géneros, no que se relaciona com as crenças da legitimação da violência, são também, os comportamentos desajustados, do

género masculino, que têm um maior nível de aceitação, comparativamente ao género feminino (Mendes & Cláudio, 2010). Um estudo de Machado et al. (2003), concluiu que segundo a sua amostra, havia um baixo nível de concordância para com as crenças legitimadoras de violência, onde foi o género masculino, comparativamente ao feminino, que se mostrou mais tolerante em relação à violência. Não obstante, Saavedra e Machado (2012) realizaram uma investigação que, segundo os dados recolhidos, o género feminino afirma ter uma maior tendência para a adoção de estratégias abusivas.

De acordo com os resultados obtidos através das análises preditivas, verificamos, na sua generalidade, que o género, a sintomatologia psicopatológica e as atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas predizem as táticas de resolução de conflitos, quer dos agressores, quer das vítimas. Os resultados indicaram que o género masculino prediz negativamente a negociação, quando referente aos agressores. Assim, é o género masculino que tende a recorrer com menor frequência a este tipo de tática positiva. Para alguns autores, o género masculino tem menos capacidades de negociação (Babcock, Green, & Robie, 2004).

Relativamente, à legitimação da violência psicológica masculina, esta prediz positivamente a tática de negociação, apenas nos agressores. Este resultado não era espectável, contudo, para os agressores, a negociação pode ser uma forma de resolver uma discórdia baseada numa argumentação desadequada e irracional, na comunicação de afecto negativo, não dando importância à expressão de sentimentos de cuidado e respeito pelo/a namorado/a, dando prioridade à adopção e normalização de comportamentos de violência psicológica perpetradas nas relações de namoro. Situação que pode ser justificada pelo facto de ser uma dimensão, embora positiva, mas onde a sua cotação se baseia no autorrelato, o que poderá distorcer a sua autoanálise, levando a uma avaliação incorreta e consequentemente, à adoção de uma tática de

resolução de conflitos errada. Segundo Saavedra e Machado (2012) é o gênero feminino que tem uma maior tendência para relatar a adoção de estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas.

A hostilidade e a legitimação da violência psicológica masculina predizem positivamente a agressão psicológica quer dos agressores, quer das vítimas. Alguns estudos alegam que, a hostilidade é um dos constructos que se correlaciona com a adoção de comportamentos desajustados ou mais violentos, levando a que, por consequência, indivíduos mais hostis e violentos tenham tendência a demonstrar maiores níveis de raiva (Norlander & Eckhardt, 2005). Por outro lado, indivíduos que são vítimas de violência no namoro demonstraram estarem mais suscetíveis à ansiedade, depressão, raiva, entre outros (Singer, Anglin, Song & Lunghofer, 1995). Relação que é vincada por Canavarro (1999), se for tida em consideração a definição de hostilidade, baseando-se em comportamentos, pensamentos e emoções caraterísticos de uma demonstração negativa e desajustada. Por outro lado, os agressores e as vítimas, têm uma predisposição para legitimar e, por consequência, desvalorizar os comportamentos abusivos (Machado et al., 2003). Posto que, a manifestação de um padrão de agressividade é um possível preditor da prática de comportamentos violentos (APAV, 2011; Foshee, Reyes, & Ennett, 2010).

Contrariamente a hostilidade e a legitimação da violência física masculina predizem positivamente o abuso físico sem sequelas, mas apenas nas vítimas. Uma relação importante, visto a aceitação de comportamentos desadequados e violentos como sendo normativos ou insignificantes, poderem levar a que seja mais fácil permitir abusos físicos, categorizando-os como não sendo tão graves, baseado em crenças e estereótipos (Matos et al., 2006). Ainda assim, os prejuízos e sequelas advindas deste tipo de situação são nefastas, resultando numa terrível prevalência e com graves consequências para a saúde física e mental (Callahan et al., 2003; Lima

& Werlang, 2011). Estas consequências podem manifestar-se de uma forma imediata, em termos psicológicos e comportamentais, através da culpa, da vergonha, de terrores noturnos, raiva, medo e hostilidade (Day et al., 2003; Kaura & Lohman, 2007; Manita et al., 2009). Resultando, muitas vezes, no desenvolvimento de queixas psicossomáticas, quadros depressivos ou fóbico-ansiosos, isolamento social ou no desenvolvimento de danos mais tardios (Day et al., 2003; Kaura & Lohman, 2007).

A depressão é uma variável preditora do abuso físico com sequelas, quer nos agressores, quer nas vítimas. Como alguns estudos referem, indivíduos que experienciaram relacionamentos íntimos abusivos têm uma maior predisposição para aceitarem esse tipo de comportamentos, bem como, para desenvolverem depressão e ansiedade, entre outros (Kaura & Lohman, 2007; Manita et al., 2009; Singer, Anglin, Song & Lunghofer, 1995). O isolamento, no qual o agressor obriga a vítima a viver, resultado de comportamentos desadequados (Matos et al., 2006), levam a que a vítima se torne mais dependente do agressor, bem como, mais frágil a nível emocional (Souto & Braga, 2009). Não obstante, a violência no namoro pode ser considerada um fator de risco para o desenvolvimento de perturbações psicológicas (Paiva & Figueiredo, 2003). Outros autores, defendem que, as vítimas de agressão psicológica e abuso físico sem sequelas, tendem a manifestar uma maior sintomatologia psicológica e física, mais precisamente, maiores níveis de ansiedade (Shorey, Stuart, & Cornelius, 2011) e somatizações (Kaura & Lohman, 2007). Em relação aos agressores, os seus comportamentos podem ser explicados à luz de algumas características, como perturbações psicológicas (e.g., depressão e psicopatia), baixa autoestima, dificuldade na criação de empatia, na comunicação e em manter o autocontrolo, e fracas competências sociais (Caridade & Machado, 2006).

Contrariamente a ansiedade prediz positivamente o abuso físico com sequelas, apenas nos agressores. Situação que já foi abordada anteriormente e justificada, também, por Caridade e Machado (2006), alegando que, a ansiedade é um dos fatores de risco para a adoção de comportamentos violentos, bem como, o tipo de personalidade agressiva e hostil (Kaura & Lohman, 2007; Manita et al., 2009). Para alguns autores, os problemas de comportamento podem ser um fator de risco para o aumento da probabilidade de perpetrar comportamentos violentos em relacionamentos amorosos, bem como, o desenvolvimento de depressão e ansiedade (APAV, 2011; Kaura & Lohman, 2007). Não obstante, existem outros fatores de risco que aumentam a tendência para a adoção de comportamentos físicos desadequados e violentos, como consumo de drogas e álcool (Foshee et al., 2010; Gover, Kaukinen, & Fox, 2008; Shorey et al., 2011). Esta situação mostra que, os indivíduos que tendem a adotar comportamentos abusivos, contribuem para um mal-estar e sofrimento na díade, afetando, assim, tanto a vítima, como o seu agressor (Paiva & Figueiredo, 2005). Estas situações abusivas resultam em transformações na ativação autonómica e fisiológica, que se consubstanciam em sintomas psicológicos e físicos (Paiva & Figueiredo, 2005).

A legitimação da violência sexual feminina prediz positivamente o abuso físico com sequelas nos agressores. A aceitação e a tolerância para com a perpetração de atitudes desadequadas, que resultam em violência sexual feminina, adivinham um estado de normalização, falta de consciencialização, desvalorização do impacto que os comportamentos violentos terão sobre a vítima (APAV, 2011). Bem como, sentimento de posse, permissão e autorização para com a perpetração de tais comportamentos, só irão aumentar a frequência com que estes irão ocorrer (APAV, 2011). O que normaliza, mais facilmente, a perpetração de abusos físicos, podendo, também, estes estarem inerentes à própria violência sexual, através do uso da

força física. A aceitação de atitudes legitimadoras de violência nas relações de namoro, são como uma desvalorização dos comportamentos violentos, apresentando-se associada a uma maior perpetração de comportamentos violentos e desajustados (APAV, 2011). Pois, segundo a mesma fonte, a intimidação, a ameaça, o uso da força física com a intenção de obrigar a vítima a interagir sexualmente com o agressor sem o seu consentimento, são comportamentos que, se encontram inerentes aos abusos sexuais. Evidências empíricas alegam que, indivíduos que adotam atitudes de maior tolerância à violência no namoro, têm uma maior tendência para praticarem comportamentos abusivos nos seus relacionamentos, correlacionando, assim, a legitimação da violência e a prática de comportamentos violentos e abusivos (Matos et al., 2006; Saavedra & Machado, 2012). Baseado na investigação existente, quando ocorre violência física, há uma grande probabilidade de esta ser acompanhada pela violência psicológica e sexual (Campbell, 2002; Schraiber, D'Oliveira, França-Junior, & Pinho, 2002). Não obstante, alguns autores realçam a ideia de que, a violência raramente ocorre, em exclusivo, numa dimensão, tratando-se de violências múltiplas (Campbell, 2002; Schraiber et al., 2002). Não esquecendo também, a ligação e importância que a categorização (no considerado violento ou não violento), nas diferentes situações, e as representações sociais, realizadas por cada indivíduo, têm na adoção de comportamentos violentos (Ventura, Ferreira, & Magalhães, 2013). Assim sendo, as crenças que legitimam os comportamentos violentos no namoro, podem ser vistos como conceitos estereotipados que levam a esta problemática, negando-a ou justificando-a (Matos et al., 2006).

Quanto à legitimação da violência física masculina, esta prediz o abuso físico com sequelas de uma forma positiva, em relação às vítimas. Embora, este resultado não tenha sido o esperado, pode estar relacionado com crenças e estereótipos defendidos pelas vítimas (Matos et

al., 2006). Aquando da normalização de atitudes violentas, independentemente do género, para com os outros, existe uma maior probabilidade para a aceitação de tais comportamentos para consigo. Sendo normal, o género masculino perpetrar violência física, uma vítima tende a sofrer de abusos com uma maior tolerância. O que vai ao encontro de dados recolhidos na investigação científica internacional, as quais alegam que, o género masculino tende a ser mais agressivo que o género feminino (Coie & Dodge, 1998; Loeber & Hay, 1997). Acrescenta-se, também, que, o género masculino tem uma maior tendência para se envolver em conflitos, nos quais adopta comportamentos mais agressivos, comparativamente ao género oposto, e o género feminino tende a recorrer, com maior facilidade, à negociação, a comportamentos menos confrontativos e à violência verbal (Coie & Dodge, 1998).

Relativamente aos resultados, das análises interescares, observaram-se relações positivas e significativas entre a negociação, por parte dos agressores e a sensibilidade interpessoal e a ansiedade. Este resultado, não era espectável devido à dimensão positiva de negociação. Era esperado que, quanto maiores níveis de negociação (dimensão positiva), o sujeito apresentasse, menores níveis de sensibilidade interpessoal (dimensão negativa) e menores níveis de ansiedade (dimensão negativa). Ainda assim, o género masculino tende a recorrer com uma menor frequência à tática positiva de negociação, pois, tem menores capacidades de negociação (Babcock et al., 2004). O que poderá refletir que, o género masculino não se sente confortável no uso da tática de negociação para a resolução de conflitos, aumentando assim, o seu desconforto, com o aumento dos níveis de sensibilidade pessoal e de ansiedade. É de recordar que, a sensibilidade interpessoal, segundo Canavarro (1999), se foca nos sentimentos de desadaptação pessoal e inferioridade, quando comparados com outro indivíduo, dando ênfase à autodepreciação, à hesitação, ao desconforto e à timidez, aquando do contacto social.

Contudo, foram verificadas associações negativas entre a negociação por parte dos agressores e das vítimas e a legitimação da violência psicológica, física e sexual, quer masculina, quer feminina. Este resultado vai ao encontro do espectável, no sentido em que, tanto os agressores, como as vítimas, quanto mais tolerarem e aceitarem os comportamentos violentos (psicológicos, físicos e sexuais), menos tendência terão para negociar, ou seja, usarem a negociação como uma tática positiva para a resolução de conflitos.

Por último, verificaram-se, relações positivas significativas entre a agressão psicológica, quer dos agressores, quer das vítimas e a somatização, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade e hostilidade, bem como, com a legitimação da violência psicológica, física e sexual masculina e feminina. Este resultado indica que quanto maior for a exposição à violência psicológica e à normalização das atitudes violentas, independente do género, maiores probabilidades de virem a somatizar, maiores níveis de depressão e ansiedade, maiores níveis de hostilidade e sensibilidade interpessoal. O que vai ao encontro dos dados recolhidos na investigação científica, que alegam que a violência afeta todos os aspetos da vida de um indivíduo, com maior relevo para os sintomas psicopatológicos (e.g., Callahan et al., 2003; Day et al., 2003; Kaura & Lohman, 2007; Lima & Werlang, 2011; Manita et al., 2009). Principalmente, os indivíduos sujeitos a agressões psicológicas, visto ser um tipo de violência que não deixa marcas visíveis e à qual se atribui uma menor importância (Relva et al., 2013) tornando-se mais desculpável e também, mais perpetrada (Megías, Rodríguez, Hidalgo, & Romero, 1999). Na mesma linha, outro estudo alega que, a adoção de comportamentos violentos afeta o estado psicológico e mental, da díade, contribuindo para um mal-estar e sofrimento, que afeta o seu agressor e a vítima (Paiva & Figueiredo, 2005). Estes tipos de abusos resultam em depressão, ansiedade, hostilidade e somatização. Dados comprovados pelo estudo de Norlander e

Eckhardt (2005). Não obstante, todas estas dimensões se correlacionam com a tolerância à violência, neste caso, tanto os agressores, como as vítimas, pois, estão baseados na normalização da violência, o que facilita a perpetração ou vitimização do indivíduo. Uma relação importante, visto existir uma aceitação de comportamentos desadequados e violentos como normativos ou insignificantes (Matos et al., 2006), que resultam em prejuízos e sequelas físicas e psicológicas graves (Callahan et al., 2003; Lima & Werlang, 2011), através de alterações psicológicas e comportamentais, como a culpa, a vergonha, os terrores noturnos, a raiva, o medo e a hostilidade (Day et al., 2003; Kaura & Lohman, 2007; Manita et al., 2009). Condição que, não raras vezes, resulta no aparecimento de queixas psicossomáticas, quadros depressivos ou fóbico-ansiosos, isolamento social ou no desenvolvimento de danos mais tardios (Day et al., 2003; Kaura & Lohman, 2007).

Foram igualmente, observadas relações positivas significativas entre o abuso físico sem sequelas dos agressores e das vítimas e a somatização, sensibilidade interpessoal, ansiedade e hostilidade, bem como, com a legitimação da violência psicológica, física e sexual masculina e feminina. Deste modo, nesta investigação mostra-se que, quanto maior a exposição ao abuso físico sem sequelas, maiores as manifestações de mal-estar psicológico, através de um vasto quadro de sintomas, como já identificado por vários estudos (e.g., Callahan et al., 2003; Day et al., 2003; Kaura & Lohman, 2007; Lima & Werlang, 2011; Manita et al., 2009) e estando ainda, relacionada com a tolerância a todos os tipos de violência, perpetrada pelos dois géneros. Este resultado, vem validar muitas das questões colocadas nesta área, visto ser o tipo de violência mais frequente e tida como menos grave, é também considerada um tipo de violência mais tolerante e desculpável (Gelles, 1997). Assim sendo, muito associada às crenças, aos estereótipos, bem como, àquilo que é socialmente mais aceitável (Matos et al., 2006; Offenhauer

& Buchalter, 2011), comum aos dois gêneros. A legitimação da violência, como facilitador para a sua perpetração, pode ser explicada pela inexistência de normas nítidas e mais precisas, a falta de clareza, no que concerne às condutas socialmente aceitáveis, bem como, dos comportamentos que deveriam ser reprováveis, da desvalorização que se atribui a este tipo de comportamentos e à carência de consciencialização no que toca aos danos causados na saúde física e mental do indivíduo (APAV, 2011).

No entanto, só se verificaram relações positivas significativas entre o abuso físico sem sequelas nas vítimas e a depressão. Resultado este que vai ao encontro dos dados recolhidos por outras investigações que alegam existir uma forte relação positiva entre os comportamentos violentos e uma maior probabilidade de as vítimas virem a desenvolver ou a aumentar a sintomatologia da depressão (Adeodato, Carvalho, Siqueira, & Matos, 2005; Ferrer, Cianelli, Peragallo, & Cabieses, 2005; Rovinski, 2004).

Por último, observou-se uma associação positiva entre o abuso físico com sequelas dos agressores e vítimas e a legitimação da violência psicológica, física e sexual masculina e feminina. Estes dados, vão ao encontro dos resultados obtidos por algumas investigações, que alegam que, existe sim, uma relação entre a legitimação da violência e a adoção de comportamentos violentos dentro dos relacionamentos (Matos et al., 2006; Machado et al., 2010; Saavedra & Machado, 2012).

Do mesmo modo, foi observada uma associação positiva entre o abuso físico com sequelas, somente por parte das vítimas, e a hostilidade. Este resultado vai ao encontro do esperado, pois, a vítima ao sofrer de abusos físicos com sequelas terá uma maior predisposição para desenvolver um estado mais hostil, devido a toda a situação que envolve o ser vítima de violência. Principalmente, no que respeita ao abuso físico com sequelas, sendo considerado um

tipo de violência grave e com sequelas físicas que deixam mazelas no corpo. Resultado que vai ao encontro dos dados de uma outra investigação, com crianças vítimas de violência, que alega que, a hostilidade é um dos sentimentos negativos que surge associado aos abusos (Braun, 2002).

Limitações do estudo, implicações práticas e propostas para estudos futuro

O presente estudo pretende ser um contributo positivo na compreensão da importância da violência no namoro, da sintomatologia psicopatológica e das atitudes legitimadoras da violência, em estudantes universitários. Ao longo do desenvolvimento do corrente estudo, encontramos algumas limitações. Uma das limitações prendeu-se ao fato de não haver consenso, quanto à definição de violência, e na inexistência de uma uniformização nos instrumentos utilizados. Embora exista uma imensa produção científica sobre a violência, principalmente, sobre a violência no namoro, os resultados alcançados derivam no seu processo, método e interpretação, o que limita a obtenção de factos concretos e exclusivos. É de realçar que a amostra não é representativa da realidade portuguesa, uma vez que foi recolhida num único ponto geográfico, no norte de Portugal, o que dificulta a generalização dos dados. De salientar, também, a disparidade na representatividade dos géneros, onde, neste estudo, existiu uma maioria de respondentes do género feminino. Importa acrescentar, as limitações inerentes ao próprio questionário. Pois, o protocolo de investigação, escolhido para ser a base deste estudo, revelou-se algo extenso, o que poderá ter suscitado algum desinteresse ou mesmo desinvestimento ao longo do seu preenchimento. Criando assim, a possibilidade de enviesamento dos resultados obtidos.

Consequentemente, o propósito fulcral do presente estudo foi o de contribuir, de alguma forma, para o aumento de informação científica nesta temática. Embora, por se tratar de um

trabalho inédito na investigação nacional, ditou a ausência de publicações nacionais e internacionais que abordassem as mesmas dimensões, dificultando o processo e impossibilitando a comparação de amostras.

Neste sentido, o estudo sublinha a necessidade de se promover o estabelecimento de relações saudáveis entre os sujeitos que partilham uma relação de namoro. Tentando assim contribuir para um melhoramento da qualidade das relações, procurando-se diminuir os comportamentos desadequados, dentro dos relacionamentos amorosos, e aumentar o desenvolvimento de relações amorosas satisfatórias. Visto, existir uma tendência para os comportamentos desajustados surgirem no namoro, seria pertinente a investigação ser direcionada de forma a que se perceba de como funcionam as trocas de comportamentos violentos, entre dois indivíduos que partilham uma ligação íntima. Se é espectável, ou não, que essa ligação se relacione com a aquisição ou adoção de comportamentos abusivos, ao em vez de, identificar o agressor e a vítima.

Tendo em conta o relatado, seria oportuno desenvolver mais programas de prevenção, articulados entre os jovens, entidades e agentes educativos (pais, professores e funcionários), os pares e a comunidade. Por forma a informar e apoiar as vítimas e agressores das consequências negativas advindas dos conflitos nas relações amorosas. Consciencializando-os e capacitando-os da importância da inteligência emocional, fornecendo-lhes ferramentas para desenvolverem certas competências, bem como, prevenindo novos casos. Programas estes que, aplicados nas universidades e baseados em certas dinâmicas, como na apresentação de vídeos, nas dinâmicas de *role-play* e discussões em grupo, associadas a programas contínuos e à seleção dos conteúdos adequados, poderão apresentar melhores resultados e mudanças no comportamento nos jovens. A pertinência recai também, na possibilidade de se desenvolverem e capacitarem, os jovens, com

estratégias de *coping*, de forma a facilitarem o enfrentamento de certas adversidades, ambicionando alcançar uma cultura baseada na prevenção primária, que envolva a promoção de relacionamentos saudáveis e o aumento da consciencialização nos jovens, bem como, a remodelagem de comportamentos violentos.

Assim, seria pertinente, em investigações futuras, todas as recolhas de informação não se limitarem a instrumentos de autorrelato, começando sim, com entrevistas individuais. Não esquecendo que, para investigações futuras, e de forma a serem avaliadas as mesmas dimensões, sem divergências nos seus significados, de forma a que não causem significados e/ou resultados ambíguos, os instrumentos e os conceitos deverão ser uniformes.

Referências bibliográficas

- Adeodato, V. G., Carvalho, R. R., Siqueira, V. R., & Matos, F. G. (2005). Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Revista de Saúde Pública*, 39(1), 108-113.
- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares*. Coimbra, Quarteto Editora.
- Amor, P. J., Echeburúa, E., de Corral, P., Zubizarreta, I., & Sarasua, B. (2002). Repercusiones psicopatológicas de la violencia doméstica en la mujer en función de las circunstancias del maltrato. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 2(2), 227-246.
- Antunes, M. (2002). *Violência doméstica em contexto doméstico*. In: Gonçalves, R. e Machado, C. (Ed.). *Violência e vítimas de crimes vol. 1: Adultos*. Coimbra, Quarteto Editora, pp. 43-77.
- Asensi, L. (2008). La prueba pericial psicológica en asuntos de violencia de género. *Revista Internauta de Prática Jurídica*, 21, 15-29.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) (2011). *Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir*. In APAV (Ed.), *Violência no Namoro* (pp. 85-107). Lisboa: APAV.
- Babcock, J., Green, C., & Robie, C. (2004). Does batterers' treatment work? A meta-analytic review of domestic violence treatment. *Clinical Psychology Review*, 23(8), 1023-1053.
- Barroso, R. G., & Manita, C. (2012). Violência escolar: Características sociais e psicológicas dos agressores. *Atas do II seminário internacional "Contributos da psicologia em contextos educativos"* (pp. 1165-1171). Braga: Universidade do Minho.
- Bertoldo, R. B., & Barbará, A. (2006). Representação social do namoro: A intimidade na visão dos jovens. *Psico-USF*, 11(2), 229-237.
- Braun, S. (2002). *A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo*.

Porto Alegre: Editora Age.

- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by natural and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Button, D. M., & Gealt, R. (2010). High risk among victims of sibling violence. *Journal of Family Violence*, 25(2), 131-140. doi:10.1007/s10896-009-9276-x
- Callahan, M. R., Tolman, R. M., & Saunders, D. G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, 18(6), 664-681.
- Campbell, J. C. (2002). Health consequences of intimate partner violence. *The Lancet*, 359(9314), 1331-1336.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: BSI. In M. Simões, M. Gonçalves, L. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (vol. II, pp. 87-109). Braga: SHO/APPORT.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas, uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493.
- Casique, L., & Ferreira Furegato, A. R. (2006). Violência contra mulheres: Reflexões teóricas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(6), 1-8.
- Cate, R. M., Henton, J. M., Koval, J., Christopher, F. S., & Lloyd, S. (1982). Premarital abuse: A social psychological perspective. *Journal of Family Issues*, 3(1), 79-90.
- Coie, J. D., & Dodge, K. A. (1998). Aggression and antisocial behavior. In W. Damon & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (pp. 779-862). Hoboken, NJ: John Wiley.

- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Collins, A., & van Dulmen, M. (2006). Friendships and romance in emerging adulthood: Assessing distinctiveness in close relationships. In J. J. Arnett, J. L. Tanner, J. J. Arnett, J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp., 219-234). Washington, US: American Psychological Association. doi:10.1037/11381-009.
- Day, V. P., Telles, L. D. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. D., Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M. G., Cardoso, R. G., & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista Psiquiátrica do Rio Grande do Sul*, 25(1), 9-21.
- DeKeseredy, W. S. (2011). Feminist contributions to understanding woman abuse: Myths, controversies, and realities. *Aggression and Violent Behavior*, 16(4), 297-302.
- Dourado, S. M., & Noronha, C. V. (2014). A face marcada: As múltiplas implicações da vitimização feminina nas relações amorosas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 24(2), 623-643. doi:10.1590/S0103-73312014000200016
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124.
- Eriksen, S., & Jensen, V. (2006). All in the family? Family environment factors in sibling violence. *Journal of Family Violence*, 21(8), 497-507. doi:10.1007/s10896-006-9048-9
- Faias, J., Caridade, S., & Cardoso, J. (2017). Exposição à violência familiar e abuso íntimo em jovens: Que relação? *Psychologica*, 59(1), 7-23.
- Félix, D. S. D. S. (2012). Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: um estudo exploratório (Doctoral dissertation). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Fernandes, O. M. (2000). *Fratrìa e personalidade* (Dissertação de doutoramento não publicada).

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.

- Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2013). *Questionário Sócio-biográfico* (Manuscrito não publicado). Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: Vila Real.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(3), 297-304.
- Ferreira, M. (2005). *Da Intervenção do Estudo na Questão da Violência Conjugal em Portugal*. Coimbra, Edições Almedina.
- Ferrer, L. M., Cianelli, R., Peragallo, N., & Cabieses, B. (2005). Violência Doméstica y su relación con depresión y autoestima en mujeres mexicanas y puertorriqueñas en Estados Unidos Domestic Violence, and relationship with depression and level of self-esteem in Mexican and Portorican women. *Horizonte de Enfermería*, 15, 23-36.
- Field, A. (2009). *Discovering Statistics using SPSS* (2nd Ed.). London: Sage Publications.
- Foshee, V. A., Reyes, H. L. M., & Ennett, S. T. (2010). Examination of sex and race differences in longitudinal predictors of the initiation of adolescent dating violence perpetration. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19(5), 492-516.
- Gelles, R. J. (1997). *Intimate violence in families* (3rd Ed.). California: Sage Publications.
- Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes, and implications for clinical practice. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing*, 32(2), 227-238.
- González-Ortega, I., Echeburúa, E., & Corral, P. D. (2008). *Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: una revisión*. *Psicología Conductual*, 16(2), 207-225.

- Gover, A., Kaukinen, C. & Fox, K. (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(12), 1667-1693. doi: 10.1177/0886260508314330.
- Harper, J. F., & Marshall, E. (1991). Adolescents' problems and their relationship to self-esteem. *Adolescence*, 26(104), 799.
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aranoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence and Abuse*, 5, 123-142.
- Jackson, S. M., Cram, F., & Seymour, F. W. (2000). Violence and sexual coercion in high school students' dating relationships. *Journal of Family Violence*, 15(1), 23-36.
- Kaura, S. A., & Lohman, B. J. (2007). Dating violence victimization, relationship satisfaction, mental health problems, and acceptability of violence: A comparison of men and women. *Journal of Family Violence*, 22(6), 367-381.
- Kiselica, M., & Morrill-Richards, M. (2007). Sibling maltreatment: The forgotten abuse. *Journal of Counseling & Development*, 85, 148-160.
- Laporte, L., Jiang, D., Pepler, D. J., & Chamberland, C. (2011). The relationship between adolescents' experience of family violence and dating violence. *Youth & Society*, 43(1), 3-27.
- Lima, G., & Werlang, B. (2011). Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 511-520.
- Lisboa, M., Barroso, Z., & Marteleira, J. (2003). O contexto social da violência contra as mulheres detectada nos Institutos de Medicina Legal. *Lisboa: Comissão para a Igualdade e para o Direito das Mulheres*.

- Lisboa, M., Vicente, L. B., Barroso, Z., Miguens, M. D. F. V., & Portugal. (2005). *Saúde e violência contra as mulheres: Estudo sobre as relações existentes entre a saúde das mulheres e as várias dimensões de violência de que tenham sido vítimas*. Direção Geral de Saúde: Lisboa.
- Loeber, R., & Hay, D. (1997). Key issues in the development of aggression and violence from childhood to early adulthood. *Annual Review of Psychology*, 48(1), 371-410.
- Lopes, P. P., Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2017). A violência como tática de resolução de conflitos entre irmãos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 113, 149-172.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25(1), 43-52. doi:10.1007/s10896-009-9268-x
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Magalhães, T. (2010). *Violência e abuso*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press: Coimbra.
- Manita, C., Ribeiro, C. & Peixoto, C. (2009). *Violência doméstica: Compreender para intervir. Guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio à vítima*. Lisboa: CIG.
- Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS statistics* (6nd Ed.). Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55-75.
- Mendes, E., & Cláudio, V. (2010). Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia

- e psicologia acerca da violência doméstica. In Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho, (pp. 3219- 3230).
- Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: Crescimento pessoal, separação-individuação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366.
- Murray, C.E., & Kardatzke, K.N. (2007). Dating violence among college students: Key issues for college counselors. *Journal of College Counseling*, 10, 79-89.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Editora Coisas de Ler.
- Noland, V. J., Liller, K. D., Mcdermott, R. J., Coutler, M. L., & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? *American Journal of Health Behavior*, 28, 13-23.
- Norlander, B., & Eckhardt, C. (2005). Anger, hostility, and male perpetrators of intimate partner violence: A meta-analytic review. *Clinical Psychology Review*, 25(2), 119-152.
- Offenhauer, P., & Buchalter, A. (2011). Teen dating violence: A literature review and annotated bibliography. Washington, D.C.: Federal Research Division Library of Congress. Recuperado de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/235368.pdf>
- Oliveira, A. & Manita, C. (2003). *Prostituição, violência e vitimação*. In: Machado, C. & Gonçalves, R. A. (Coord.). *Violência e Vítimas de Crime*, vol. 1 – Adultos (pp. 213- 239). Coimbra: Quarteto Editora.
- Oliveira, M. S., Sani, A. I., & Magalhães, T. (2012). O contágio transgeracional da agressividade. A propósito da violência no namoro. *Revista Portuguesa do Dano Corporal*, 23, 175-188.
- Oliveira, M., & Sani, A. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas

- relações amorosas. In *Bento Silva e Leandro Almeida (Coords), Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Centro de Investigação em Educação.
- Pais-Ribeiro, J. L. (2008). *Metodologia de Investigação em psicologia e saúde* (2ª Ed). Porto: Legis Editora.
- Paiva, C. A., & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das Escalas de Táticas de Conflito Revisadas: Estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14-39.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 165-184.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5(2), 243-272.
- Pico-Alfonso, M. A., Garcia-Linares, M. I., Celda-Navarro, N., Blasco-Ros, C., Echeburúa, E., & Martinez, M. (2006). The impact of physical, psychological, and sexual intimate male partner violence on women's mental health: depressive symptoms, posttraumatic stress disorder, state anxiety, and suicide. *Journal of Women's Health*, 15(5), 599-611.
- Relva, I. C., Alarcão, M., & Fernandes, O. M. (2014a). Rivalidade ou violência? A percepção de estudantes universitários vítimas de violência por parte de irmãos. In *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(3), 259-265.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (2012). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Interamerican Journal of Psychology*, 46(3), 375-384.
- Relva, I. C., Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Martins, A. Q. (2014b). Estudo exploratório sobre a violência entre irmãos em Portugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2).páginas

- Relva, I., Fernandes, O. M., & Mota, C. P. (2013). An exploration of sibling violence predictors. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 5(1), 47-61.
- Rivera-Rivera, L., Allen, B., Rodríguez-Ortega, G., Chávez-Ayala, R., & Lazcano-Ponce, E. (2006). Dating violence and associations with depression and risk behaviors: female students in Morelos, Mexico. *Salud Publica de Mexico*, 48(2), s288-s296.
- Rovinski, S. L. R. (2004). *Dano psíquico em mulheres vítimas de violência*. Rio de Janeiro: Editora Lúmen.
- Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Violência nas relações de namoro entre adolescentes: Avaliação do impacto de um programa de sensibilização e informação em contexto escolar. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 109-130.
- Saavedra, R., Machado, C., & Martins, C. (2008). Escala de atitudes sobre a violência no namoro (EAVN). In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Eds.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica (Vol. II)*. Coimbra: Almedina.
- Saltzman, L. E., Fanslow, J. L., McMahon, P. M., & Shelley, G. A. (1999). Intimate partner violence surveillance: Uniform definitions and recommended data elements. Version 1.0. *Atlanta (GA): National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention*.
- Schraiber, L. B., D'Oliveira, A. F. P., França-Junior, I., & Pinho, A. A. (2002). Violência contra a mulher: Estudo em uma unidade de atenção primária à saúde. *Revista de Saúde Pública*, 36(4), 470-477.
- Shorey, R., Stuart, G., & Cornelius, T. (2011). Dating violence and substance use in college students: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 16, 541-550. doi: 10.1016/j.avb.2011.08.003

- Singer, M. I., Anglin, T. M., yu Song, L., & Lunghofer, L. (1995). Adolescents' exposure to violence and associated symptoms of psychological trauma. *Jama*, 273(6), 477-482.
- Souto, C. M. R. M., & Braga, V. A. B. (2009). Marital life experiences: Women's positioning. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62(5), 670-674.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2) development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283-316.
- Ventura, M. C. A. A., Ferreira, M. M. F., & Magalhães, M. J. D. S. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, (11), 95-103.
- Walker, L. E. (2016). *The battered woman syndrome* (4nd Ed.). New York: Springer Publishing Company.
- WHO (2016). *World health organization*. Obtido em 26 de junho de 2016, de World Health Organization web site: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs239/en/index.htm>

Considerações finais

A realização da presente dissertação teve como intuito contribuir para a compreensão da importância da violência do namoro, bem como, da sua relação com as táticas de resolução de conflito, a autoestima, a inteligência emocional, a sintomatologia psicopatológica e as atitudes legitimadoras acerca da violência, numa amostra de jovens universitários portugueses. O que contribuiu para uma compreensão mais holística dos efeitos da violência nos relacionamentos do namoro. Considerando os resultados subsequentes dos dois artigos científicos, foram elaboradas, de maneira sucinta, algumas reflexões, bem como, debatidas as limitações dos estudos e apresentadas algumas propostas para estudos futuros.

O interesse que promoveu este estudo foi a necessidade de perceber e conhecer as táticas que os jovens portugueses utilizam para resolver os seus conflitos nas relações amorosas e de que forma, a adopção desses mesmos comportamentos, se correlaciona com a autoestima, a inteligência emocional e a sintomatologia psicopatológica. Baseando-nos nos resultados, parece ter sido um objetivo alcançado.

Consequentemente, tencionámos analisar as diferenças significativas dos sintomas psicopatológicos e das atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas em função do género; testar o efeito preditor do género, dos sintomas psicopatológicos e das atitudes legitimadoras da violência nas táticas de resolução de conflito dos agressores e vítimas; e verificar a associação existente entre as táticas de resolução de conflito, sintomas psicopatológicos e atitudes legitimadoras da violência nas relações amorosas.

Os dados recolhidos evidenciaram que na legitimação da violência psicológica, física e sexual quer masculina quer feminina, os homens são mais legitimadores de atitudes da violência nas suas relações amorosas. A legitimação da violência psicológica masculina prediz a

negociação, quer da parte do agressor quer da parte da vítima. A hostilidade prediz positivamente a agressão psicológica, enquanto que a depressão e a ansiedade predizem negativamente o abuso físico com e sem sequelas. Mais se acrescenta que, na legitimação da violência psicológica, física e sexual quer masculina quer feminina, os homens são mais legitimadores de atitudes da violência nas suas relações amorosas. A legitimação da violência psicológica masculina prediz a negociação, quer da parte do agressor quer da parte da vítima. A hostilidade prediz positivamente a agressão psicológica, enquanto que a depressão e a ansiedade predizem negativamente o abuso físico com e sem sequelas.

Neste sentido, em forma de síntese, acreditamos e desejamos que, a presente dissertação seja um contributo positivo e importante, para a compreensão da violência nos relacionamentos de namoro entre jovens universitários. Com o nosso estudo, levantam-se também hipóteses de que a criação de projetos de desenvolvimento especializados e específicos para este tipo de população, juntamente com todos os sujeitos que com eles intervêm, são necessários. Acreditando-se que assim, se pode fomentar um maior suporte social, de forma a que, a legitimação de atitudes de violência seja aniquilada de vez de uma sociedade que para além de as permitir, as banaliza e incentiva.

É de realçar que, as temáticas presentes nesta dissertação são escassamente mencionadas na literatura existente, tanto nacional, como internacional. O que levou a que, a justificação empírica dos resultados, desta investigação, tenha sido uma dificuldade detectada.

Referências bibliográficas gerais

- Cuevas, C. A., Sabina, C., & Bell, K. A. (2014). Dating violence and interpersonal victimization among a national sample of Latino youth. *Journal of Adolescent Health, 55*(4), 564-570.
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica, 43*, 105-124.
- Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., Bunge, J., & Rothman, E. (2017). Revictimization after adolescent dating violence in a matched, national sample of youth. *Journal of Adolescent Health, 60*(2), 176-183.
- Félix, D. S. D. S. (2012). Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: um estudo exploratório (Doctoral dissertation). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Fernandes, O. M. (2000). *Fratria e personalidade* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia (Campinas), 24*(3), 297-304.
- Fernández-González, L., O’Leary, K. D., & Muñoz-Rivas, M. J. (2014). Age-related changes in dating aggression in Spanish high school students. *Journal of Interpersonal Violence, 29*(6), 1132-1152.
- Lima, G. & Werlang, B. (2011). Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. *Psicologia em Estudo, 16*(4), 511-520.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence, 25*(1), 43-52. doi:10.1007/s10896-009-9268-x

- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55-75.
- Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: Crescimento pessoal, separação-individuação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Editora Coisas de Ler.
- Offenhauer, P., & Buchalter, A. (2011). *Teen dating violence: A literature review and annotated bibliography*. Washington, D.C.: Federal Research Division Library of Congress. Recuperado de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/235368.pdf>
- Oliveira, M., & Sani, A. (2005). *Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas*. In Bento Silva e Leandro Almeida (Coords), Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia. Braga: Centro de Investigação em Educação (1061-1074).
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790-811.

ANEXOS

ANEXO 1

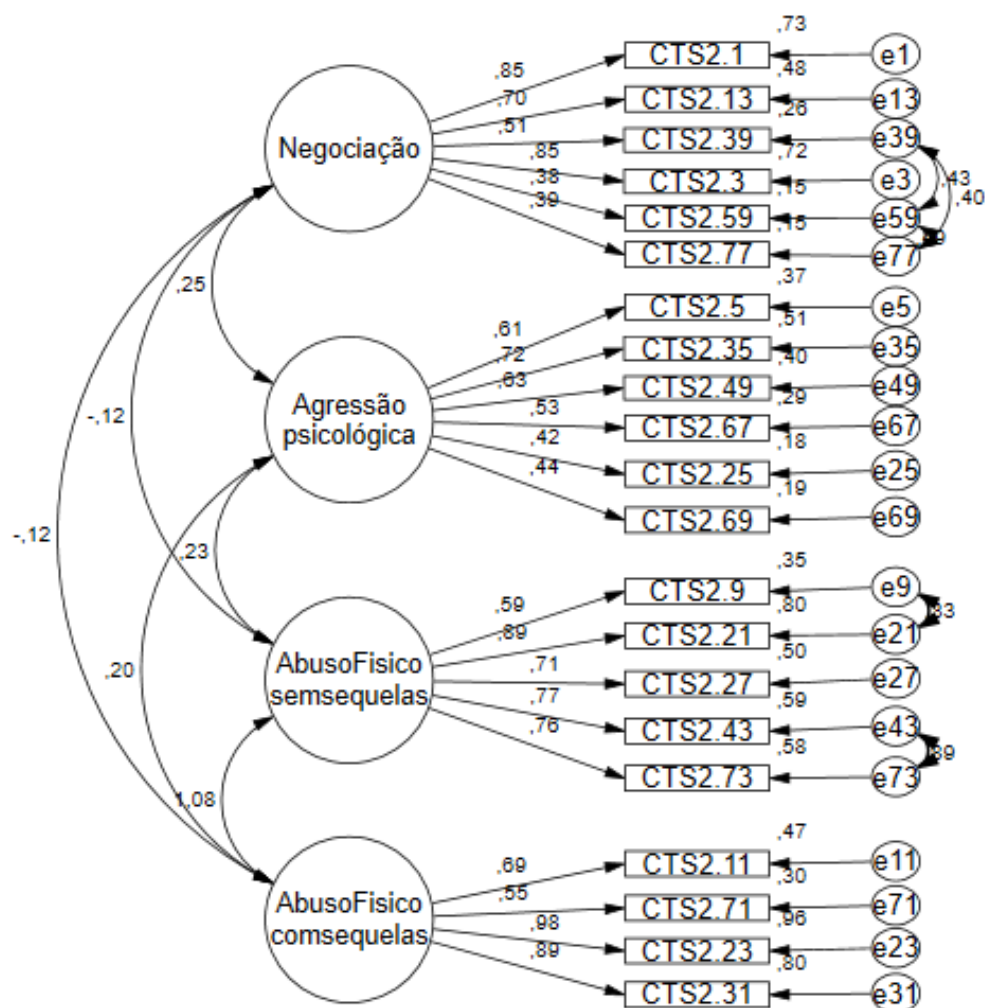
- 1.1. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem das *Revised Conflict Tactics Scales* (versão portuguesa para namoro) relativo aos agressores
- 1.2. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem do *Revised Conflict Tactics Scales* (versão portuguesa para namoro) relativo às vítimas
- 1.3. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem do *Rosenberg Self-Esteem Scale* (RSES)
- 1.4. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem do Questionário de Autopercepção de Inteligência Emocional (QIE-AP)
- 1.5. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem do *Brief Symptom Inventory* (BSI)
- 1.6. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem da *Attitudes Toward Dating Violence Scale* (EAVN) - Masculino
- 1.7. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem da *Attitudes Toward Dating Violence Scale* (EAVN) - Feminino

ANEXO 2

1. Consentimento Informado
2. Pedido Comissão ética
3. Protocolo

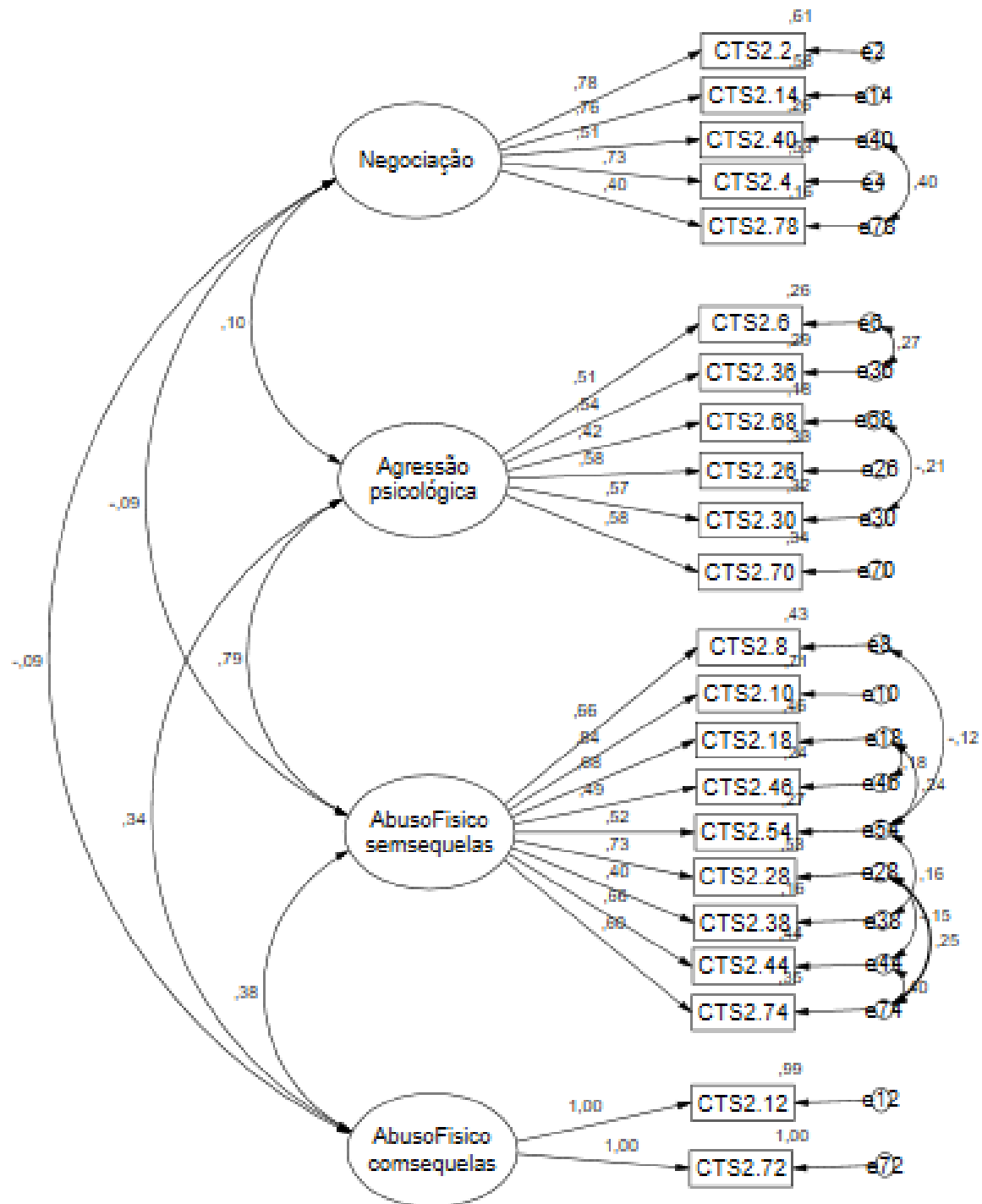
Anexos 1

Análise confirmatória - CTS2 Agressores
 $\chi^2(178)=843,762$; $p=,000$; $\chi^2df=4,740$
 CFI=,900; PCFI=,763; GFI=,851; PGFI=,656
 RMSEA=,093; $P(\text{rmsea}(=0.05))=,000$; MECVI=2,201



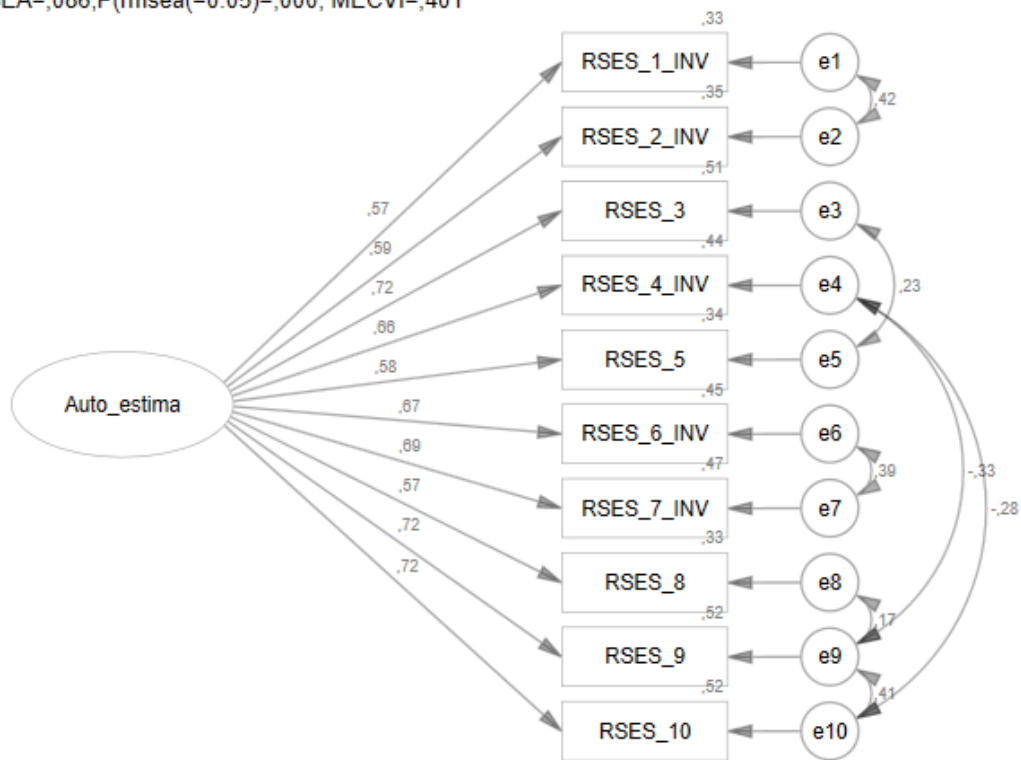
1.1. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem do *Conflict Tactics Scales* (versão portuguesa para namoro) relativo aos agressores

Análise confirmatória - CTS2 Vítimas
 $\chi^2(193)=695,455$; $p=,000$; $\chi^2df=3,803$
 CFI=,903; PCFI=,754; GFI=,873; PGFI=,688
 RMSEA=,077; $P(\text{rmsea}(=0.05))=,000$; MECVI=1,894



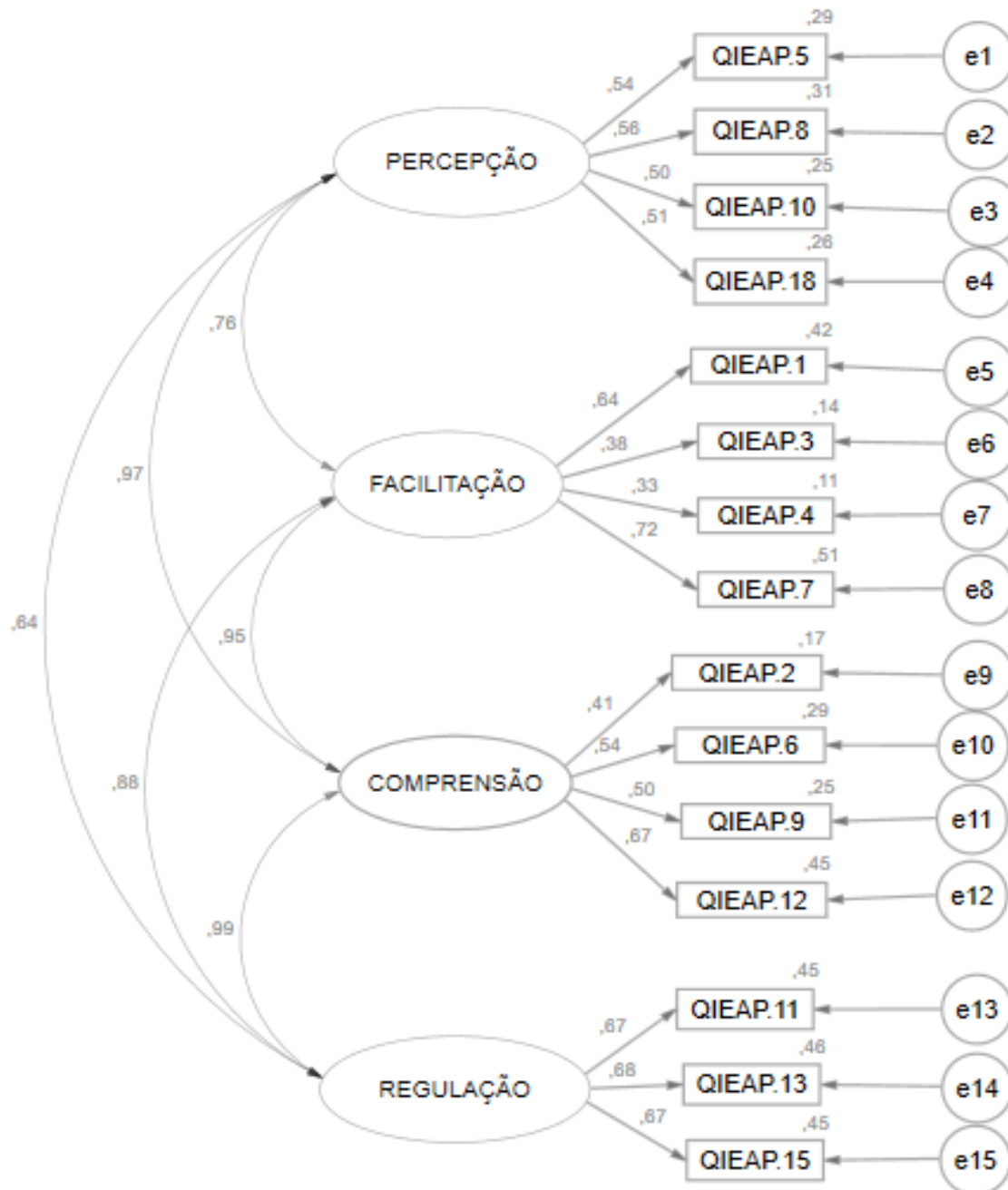
1.2. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem do *Conflict Tactics Scales* (versão portuguesa para namoro) relativo às vítimas

Análise confirmatória RSES- Auto-estima
 $\chi^2(28)=118,601$; $p=,000$; $\chi^2df=4,236$
 CFI=,954; PCFI=,593; GFI=,945; PGFI=,481
 RMSEA=,086; $P(\text{rmsea}(=0.05))=,000$; MECVI=,401



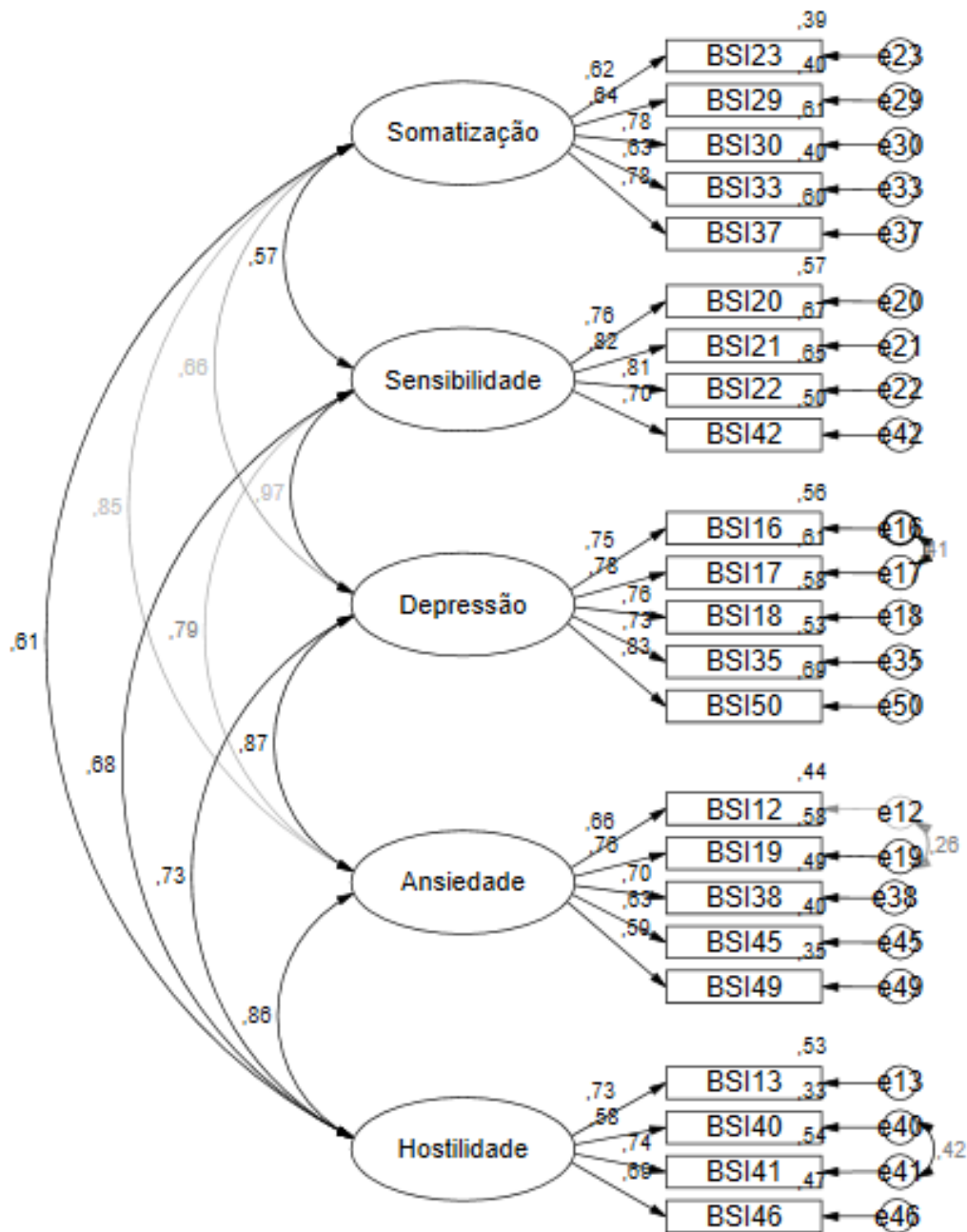
1.3. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem do *Rosenberg Self-Esteem Scale* (RSES)

Análise confirmatória Inteligência Emocional
 $\chi^2(84)=244,869$; $p=,000$; $\chi^2df=2,915$
 CFI=,901; PCFI=,721; GFI=,929; PGFI=,650
 RMSEA=,066; $P(\text{rmsea}(=0.05))=,003$; MECVI=,736



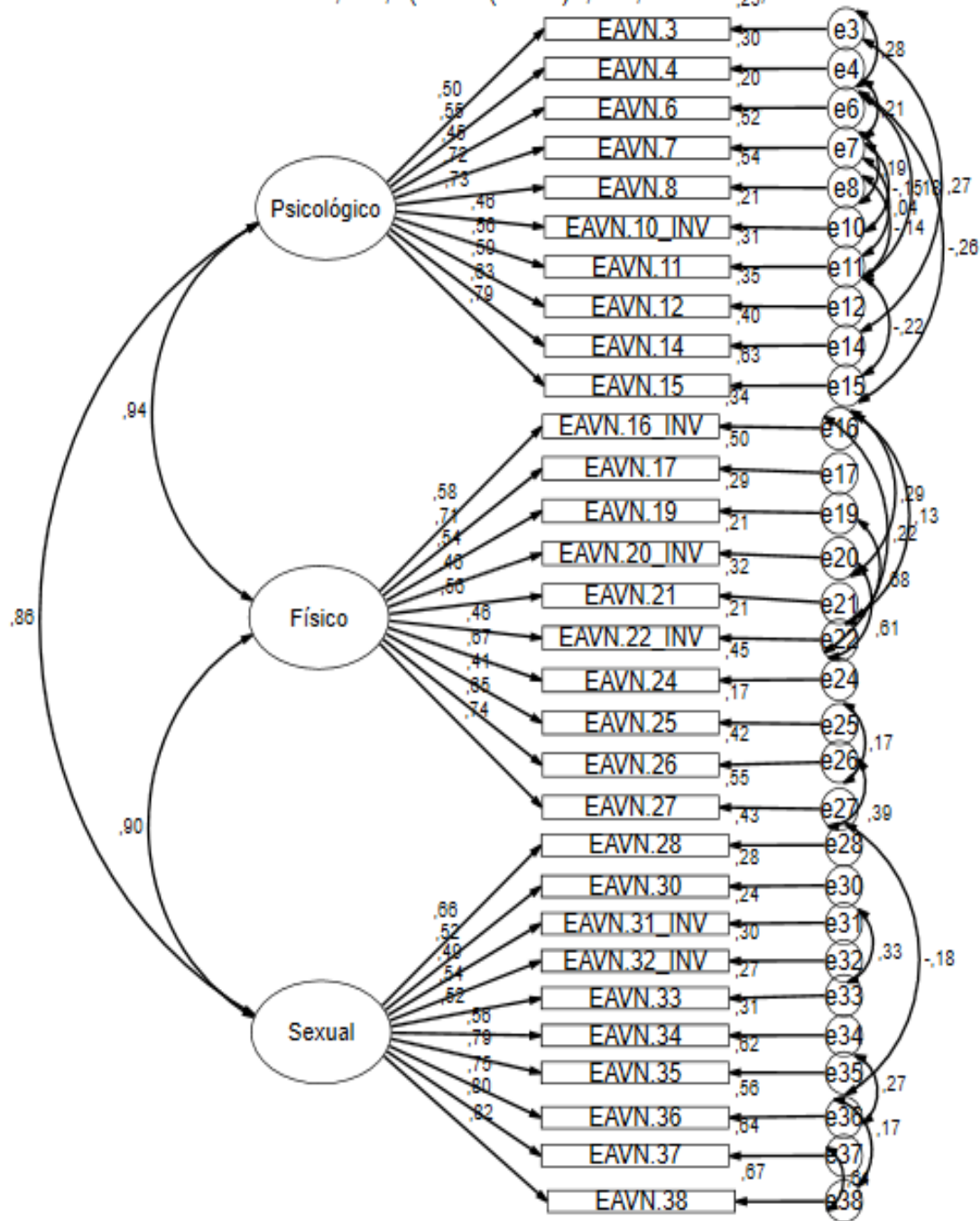
1.4. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem do Questionário de Autopercepção de Inteligência Emocional (QIE-AP)

Análise confirmatória BSI
 $\chi^2(217)=677,401$; $p=,000$; $\chi^2 df=3,122$
 CFI=,919; PCFI=,788; GFI=,880; PGFI=,692
 RMSEA=,070; $P(\text{rmsea}(=0.05))=,000$; MECVI=1,849



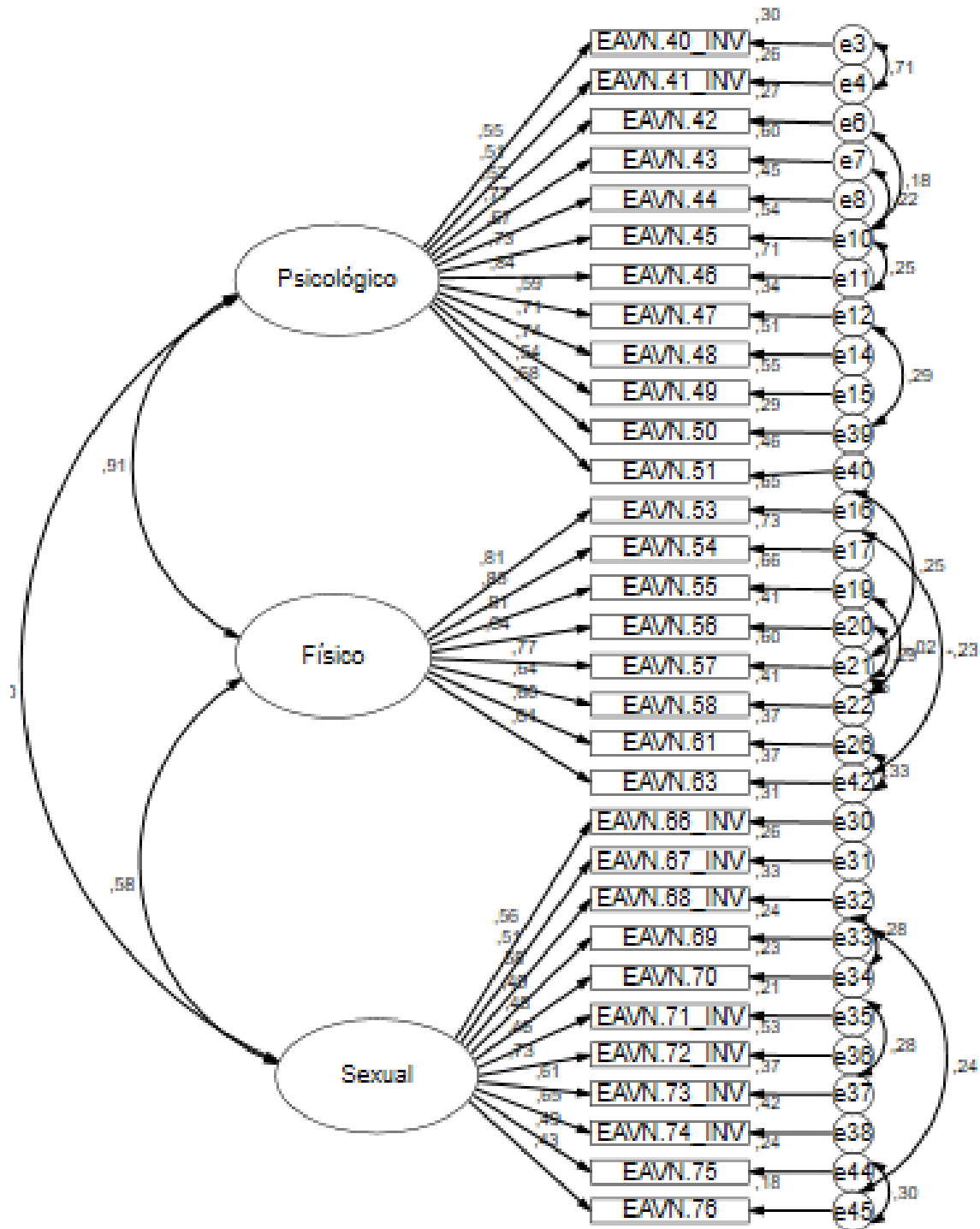
1.5. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem do *Brief Symptom Inventory* (BSI)

Análise confirmatória EAVN Masculino
 $\chi^2(381)=1069,718$; $p=,000$; $\chi^2 df=2,808$
 CFI=,898; PCFI=,787; GFI=,853; PGFI=,699
 RMSEA=,065; $P(\text{rmsea}(=0.05))=,000$; MECVI=2,882



1.6. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem do *Attitudes Toward Dating Violence Scale (EAVN)* - Masculino

Análise confirmatória EAVN Feminino
 $\chi^2(416)=1113,991$; $p=,000$; $\chi^2df=2,678$
 CFI=,900; PCFI=,805; GFI=,848; PGFI=,711
 RMSEA=,062; $P(\text{rmsea}(=0.05))=,000$; MECVI=2,965



1.7. Análise fatorial confirmatória de 1ª ordem do *Attitudes Toward Dating Violence Scale* (EAVN) - Feminino

Anexos 2

1. Consentimento Informado



Está a ser realizado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, no Departamento de Educação e Psicologia, uma investigação no âmbito de Mestrado em Psicologia Clínica, que tem como principal objetivo verificar se existe uma relação entre a inteligência emocional, a autoestima, a normalização da violência e a prática e/ou a vivência de violência em jovens adultos. Para a concretização do objetivo mencionado e da recolha de dados que dele decorre, solicitamos o preenchimento do questionário para a referida investigação.

Devido à sensibilidade das variáveis em estudo, existe a probabilidade de reativar memórias que podem causar algum tipo de sofrimento e que de alguma forma, cada um tende a ter necessidade de esquecer e ultrapassar. Esta é uma tarefa muitas vezes difícil e que é facilitada quando recorremos a ajuda. Desta forma, para colmatar este tipo de possibilidade, é pertinente informar que se encontra disponível um serviço de Apoio Psicológico associado aos Serviços de Ação Social, pertencentes à UTAD, que está disponível a todos os alunos que dele necessitem. Assim, todos os participantes terão o direito a um apoio psicológico adequado, se assim o entenderem. Serviço de Psicologia da UTAD - Gabinete de Apoio Psicopedagógico – GAP - Telf. 259 309 920.

De acordo com os requisitos éticos da investigação, mais se acrescenta que a participação é voluntária e que todos os dados obtidos são confidenciais e anónimos.

Decorrente do exposto, solicitamos a prestimosa colaboração para o preenchimento do questionário, acreditando que o fará de forma voluntária e sincera.

Se pretender esclarecimentos adicionais poderá contactar a responsável, através do seguinte endereço: olgas.pereira.op@gmail.com

Agradecemos, desde já, a sua colaboração.

A investigadora,

Olga Pereira

2. Pedido Comissão ética



UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Exma. Sra. Presidente da Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Professora Doutora Maria da Conceição Fidalgo Guimarães Costa Azevedo

Assunto: Pedido de apreciação sobre protocolo de investigação

No seguimento da elaboração de um projeto de investigação a decorrer no âmbito do 2º ciclo em Psicologia Clínica na qualidade de aluna, Olga Nazaré Simões Pereira, sob orientação das Professoras Doutoras Otilia Monteiro Fernandes e Inês Relva, do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, venho por este meio solicitar à Comissão de Ética da UTAD, a apreciação do protocolo de recolha de dados que integra o projeto intitulado: *Violência no namoro: que relação com a inteligência emocional, com a normalização da violência e a auto-estima, numa amostra de jovens universitários?*, cuja síntese, bem como o referido protocolo, apresento em anexo a este pedido.

Esperando de V. Exa. a melhor compreensão e colaboração, disponibilizo-me para qualquer esclarecimento através do *e-mail*: olgas.pereira.op@gmail.com.

Com os melhores cumprimentos,

Olga Pereira

Vila Real, 21 de novembro de 2015

3. Protocolo



UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Este estudo é realizado no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Os dados fornecidos no presente questionário são anónimos e confidenciais, sendo apenas utilizados no âmbito do trabalho em questão, por isso não devem ser mencionadas, em qualquer parte do questionário, informações que o identifiquem. É importante evidenciar que deve responder com a maior sinceridade e espontaneidade às questões, já que não existem respostas certas ou erradas e o mais importante é a sua opinião sincera.

Na maioria das questões terá apenas de assinalar com uma cruz a sua opção de resposta.

No final do preenchimento, por favor, verifique se respondeu a todas as questões.

Obrigada pela sua colaboração!

QUESTIONÁRIO SÓCIO-BIOGRÁFICO

(Adaptado do S. E. Q., de Toman, por Fernandes, & Relva, 2008)

Este questionário tem como objetivo principal fazer o levantamento dos aspetos mais relevantes do seu meio familiar de origem (no qual viveu, ou vive).

Os dados que nos fornecer são CONFIDENCIAIS e ANÓNIMOS: não deve escrever o seu nome em nenhum lugar.

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO.

1. Tenho ____ anos de idade

2. Sou do sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino

3. Nasci: ☐ em Portugal ☐ noutro país: _____

4. Área de Estudos: _____

5. Número e tipo de irmãos

Tenho ____ irmãos e ____ irmãs

6. Dados sobre os meus irmãos (começa do mais velho até o mais novo):

Idade atual e sexo	____anos	____anos	____anos	____anos	____anos
	☐ Feminino ☐ Masculino	☐ Feminino ☐ Masculino	☐ Feminino ☐ Masculino	☐ Feminino ☐ Masculino	☐ Feminino ☐ Masculino
Tipo de irmão	☐ Irmão de sangue	☐ Irmão de sangue	☐ Irmão de sangue	☐ Irmão de sangue	☐ Irmão de sangue
	☐ Meio-irmão	☐ Meio-irmão	☐ Meio-irmão	☐ Meio-irmão	☐ Meio-irmão
	☐ Irmão por parentesco	☐ Irmão por parentesco	☐ Irmão por parentesco	☐ Irmão por parentesco	☐ Irmão por parentesco
	☐ Irmão adotivo	☐ Irmão adotivo	☐ Irmão adotivo	☐ Irmão adotivo	☐ Irmão adotivo

7. Os meus pais

O meu pai

Vive ☐
Morreu quando eu tinha ☐ menos de 7 anos
☐ 7 anos ou mais

Não conheci o meu pai ☐

A profissão do meu pai é/era a de _____

A minha mãe

Vive ☐
Morreu quando eu tinha ☐ menos de 7 anos
☐ 7 anos ou mais

Não conheci a minha mãe ☐

A profissão da minha mãe é/era a de _____

Os meus pais divorciaram-se/ separaram-se quando eu tinha

☐ menos de 7 anos
☐ 7 anos ou mais

Vivi com o meu pai:

☐ desde que nasci até agora
☐ desde os meus ____ anos até aos meus ____ anos de idade
☐ nunca vivi com o meu pai

Vivi com a minha mãe:

☐ desde que nasci até agora
☐ desde os meus ____ anos até aos meus ____ anos de idade
☐ nunca vivi com a minha mãe

NOTA: se tem (ou teve) um SUBSTITUTO PATERNO e/ou uma SUBSTITUTA MATERNA*, responda à questão 8. Se não, passe diretamente para a questão 9.

*** por SUBSTITUTO PATERNO e SUBSTITUTA MATERNA entende-se a pessoa que desempenha/ou, para si, a função paternal e maternal, respetivamente. Tais como: padrasto, madrastra, tio/a, avô ou avó, pai/mãe adotivo, etc.**

8. Substitutos paternos

O meu substituto paterno é o meu _____

Vive ☐
Morreu quando eu tinha ☐ menos de 7 anos
☐ 7 anos ou mais

A sua profissão é/era a de _____

A minha substituta materna é a minha _____

Vive ☐
Morreu quando eu tinha ☐ menos de 7 anos
☐ 7 anos ou mais

A sua profissão é/era a de _____

9. Vivi/vivo em Instituição (orfanato, etc.): _____ (escreva qual)

☐ desde que nasci até agora
☐ desde os meus ____ anos até aos meus ____ anos de idade

10. O meu agregado familiar é composto

☐ só por mim.

☐ por mim e por mais:

☐ Pai
☐ Substituto paterno
☐ Mãe
☐ Substituta materna
☐ Outros. Quem? _____

☐ Irmãos de sangue
☐ Meios-irmãos
☐ Irmãos por parentesco
☐ Irmãos adotivos

☐ Avós paternos
☐ Avós maternos
☐ Companheira/o
☐ Filhos

Ao todo, lá em casa, somos ____ pessoas.

Já não estou a viver com os meus pais. Saí de casa com ☐ menos de 18 anos

☐ 18 anos ou mais

11- Escolaridade do pai: _____

17- Escolaridade da mãe: _____

12- Estado Civil

. Casado _____
. Solteiro (com namorado) _____
. Divorciado _____

. União de Facto _____
. Solteiro _____

13- Se está numa relação, este é o seu primeiro relacionamento afetivo

Sim___ Não___ Se não, qual o número de relacionamentos afetivos que já teve? _____

14- Durabilidade média de um relacionamento afetivo seu: _____ Meses**COMPORTAMENTOS DA RELAÇÃO (CTS2)**

(Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996; Versão Portuguesa: Paiva & Figueiredo, 2006)

Independentemente de duas pessoas se darem bem ou não, há alturas em que discutem, ficam aborrecidas uma com a outra, pretendem coisas diferentes uma da outra, ou têm quezílias ou brigas apenas porque estão de mau humor, cansadas ou por qualquer outra razão.

As pessoas têm também formas diversas de tentar resolver as suas diferenças. A seguir encontrará uma lista de coisas que podem acontecer quando duas pessoas têm diferenças. Por favor, assinale quantas vezes aconteceu que, de há um ano para cá, você tenha feito cada uma dessas coisas e, também, quantas vezes aconteceu que, de há um ano para cá, o seu companheiro o fizesse.

Marque com um (X) a resposta correspondente:**QUANTAS VEZES ACONTECEU NO ÚLTIMO ANO?**

1 = Uma vez no ano

2 = Duas vezes no ano

3 = 3 a 5 vezes no ano

4 = 6 a 10 vezes no ano

5 = 11 a 20 vezes no ano

6 = Mais de 20 vezes no ano

7 = Não naquele ano, mas aconteceu antes ou depois

0 = Isso nunca aconteceu

AFIRMAÇÕES	Uma vez no ano	Duas vezes no ano	3 a 5 vezes no ano	6 a 10 vezes no ano	11 a 20 vezes no ano	Mais de 20 vezes no ano	Não naquele ano	Isso nunca aconteceu
1. Mostrei ao meu companheiro(a) que me preocupava com ele, mesmo que discordássemos	1	2	3	4	5	6	7	0
2. O meu companheiro(a) mostrou que se preocupava comigo, mesmo que discordássemos	1	2	3	4	5	6	7	0
3. Numa discussão, expliquei ao meu companheiro (a) o meu ponto de vista	1	2	3	4	5	6	7	0
4. O meu companheiro (a) explicou-me o seu ponto de vista numa discussão	1	2	3	4	5	6	7	0
5. Insultei ou disse palavrões ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
6. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
7. Atirei ao meu companheiro (a) alguma coisa que o poderia magoar	1	2	3	4	5	6	7	0
8. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
9. Torci o braço ou puxei o cabelo ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
10. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
11. Tive uma entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
12. O meu companheiro (a) teve uma entorse, pisadura, ferida ou pequeno corte por causa de uma luta comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
13. Mostrei respeito pelos sentimentos do meu companheiro (a) acerca de um assunto	1	2	3	4	5	6	7	0
14. O meu companheiro (a) mostrou respeito pelos meus sentimentos acerca de um assunto	1	2	3	4	5	6	7	0
15. Fiz o meu companheiro (a) ter relações sexuais sem preservativo	1	2	3	4	5	6	7	0
16. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
17. Empurrei ou apertei o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0

18. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
19. Usei a força (e.g. batendo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro (a) tivesse sexo oral ou anal comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
20. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
21. Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
22. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
23. Desmaiei porque o meu companheiro (a) me atingiu na cabeça durante uma luta	1	2	3	4	5	6	7	0
24. O meu companheiro (a) desmaiou porque eu o/a atingi na cabeça durante uma luta	1	2	3	4	5	6	7	0
25. Chamei de gordo/a ou feio/a ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
26. O meu companheiro (a) chamou-me de gordo ou feio	1	2	3	4	5	6	7	0
27. Esmurrei ou bati no meu companheiro (a) com algo que o poderia magoar	1	2	3	4	5	6	7	0
28. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
29. Destruí algo que pertencia ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
30. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
31. Fui ao médico por causa de uma luta com o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
32. O meu companheiro (a) foi ao médico por causa de uma luta comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
33. Tentei sufocar o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
34. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
35. Gritei ou berrei ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
36. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
37. Atirei o meu companheiro (a) contra a parede	1	2	3	4	5	6	7	0
38. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
39. Disse ao meu companheiro (a) que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema	1	2	3	4	5	6	7	0
40. O meu companheiro (a) disse-me que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema	1	2	3	4	5	6	7	0
41. Precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta com o meu companheiro(a), mas não o fiz	1	2	3	4	5	6	7	0
42. O meu companheiro (a) precisava de ter ido ao médico por causa de uma luta comigo, mas não o fez	1	2	3	4	5	6	7	0
43. Dei uma tarefa ao meu companheiro(a)	1	2	3	4	5	6	7	0
44. O meu companheiro fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
45. Agarrei à força o meu companheiro	1	2	3	4	5	6	7	0
46. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
47. Usei a força (e.g. ferindo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro (a) tivesse relações sexuais comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
48. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
49. Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento com o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
50. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
51. Insisti em ter relações sexuais quando o meu companheiro (a) não queria (mas não usei a força física)	1	2	3	4	5	6	7	0
52. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
53. Dei uma bofetada ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
54. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
55. Tive uma fratura devido a uma luta com o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
56. O meu companheiro (a) teve uma fratura devido a uma luta comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
57. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro (a) tivesse sexo oral ou anal comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
58. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
59. Sugerir um acordo para resolver um desentendimento	1	2	3	4	5	6	7	0
60. O meu companheiro (a) sugeriu um acordo	1	2	3	4	5	6	7	0
61. Queimei ou escaldei o meu companheiro (a) de propósito	1	2	3	4	5	6	7	0
62. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
63. Insisti com o meu companheiro (a) para que tivéssemos sexo oral ou anal (mas não usei força física)	1	2	3	4	5	6	7	0

64. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
65. Acusei o meu companheiro/a de ser mau amante								
66. O meu companheiro/a fez isso comigo								
67. Fiz algo para irritar o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
68. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
69. Ameacei ferir ou atirar alguma coisa ao meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
70. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
71. Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
72. O meu companheiro (a) sentiu dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta que tivemos	1	2	3	4	5	6	7	0
73. Dei pontapés nesse meu companheiro (a)	1	2	3	4	5	6	7	0
74. O meu companheiro (a) deu-me pontapés	1	2	3	4	5	6	7	0
75. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro tivesse relações sexuais comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
76. O meu companheiro (a) fez isso comigo	1	2	3	4	5	6	7	0
77. Concordei em tentar uma solução sugerida por esse meu companheiro (a) para um desentendimento	1	2	3	4	5	6	7	0
78. O meu companheiro (a) concordou em tentar uma solução que eu sugeri	1	2	3	4	5	6	7	0

BSI

(Derogatis, 1982; Versão Portuguesa por: Canavarro, 1999)

A seguir encontra-se uma lista de problemas e sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinale, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O INCOMODOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma **marque apenas um espaço com uma cruz (X)**. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Muitíssimas vezes
1. Nervosismo ou tensão interior					
2. Desmaios ou tonturas					
3. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente					
4. Dores sobre o coração ou no peito					
5. Pensamento de acabar com a vida					
6. Perder o apetite					
7. Ter um medo súbito sem razão para isso					
8. Ter impulsos que não se podem controlar					
9. Sentir-se sozinho					
10. Sentir-se triste					
11. Não ter interesse por nada					
12. Sentir-se atemorizado					
23. Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos					
14. Sentir que as outras pessoas não são suas amigas ou não gostam de si					
15. Sentir-se inferior aos outros					
16. Vontade de vomitar ou mal do estômago					
17. Dificuldade em adormecer					
18. Sensação de que lhe falta o ar					

19. Calafrios ou afrontamentos					
20. Sensação de anestesia (encorticação ou formiguelo) no corpo					
21. Sentir-se sem esperança para o futuro					
22. Falta de forças em partes do corpo					
23. Sentir-se em estado de aflição ou tensão					
24. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer					
25. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém					
26. Ter vontade de destruir ou partir coisas					
27. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas					
28. Ter ataques de terror ou pânico					
29. Entrar facilmente em discussão					
30. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado e quieto					
31. Sentir que não tem valor					
32. Ter sentimentos de culpa					

RSES

(Rosenberg, 1965; Versão Portuguesa: Freitas & Vasconcelos-Raposo, 1999)

A seguir encontra-se uma lista de afirmações. Por favor, assinale, num dos espaços à direita, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA AFIRMAÇÃO É PARA SI VERDADEIRA. Para cada afirmação **marque apenas um espaço com uma cruz (X)**. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

	Concordo Completamente	Concordo	Discordo	Discordo Completamente
1. Sinto que sou uma pessoa de valor, pelo menos num plano de igualdade com os outros				
2. Sinto que tenho um bom número de qualidades				
3. Em termos gerais estou inclinado(a) a sentir que sou um(a) falhado(a)				
4. Estou apto(a) para fazer coisas tão bem como a maioria das pessoas				
5. Sinto que não tenho muito de que me orgulhar				
6. Eu tomo uma atitude positiva perante mim mesmo(a)				
7. No geral, estou satisfeito(a) comigo mesmo(a)				
8. Gostava de ter mais respeito por mim mesmo(a)				
9. Sinto-me por vezes inútil				
10. Por vezes penso que não sou nada bom (a)				

QIE-AP

(Teques, Llorca-Ramón, Bueno-Carrera, Pais-Ribeiro, & Teques, 2015)

A seguir encontra-se uma lista de afirmações. Por favor, assinale, num dos espaços à direita, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA AFIRMAÇÃO É PARA SI VERDADEIRA. Para cada afirmação marque apenas um espaço com uma cruz (X). Não deixe nenhuma pergunta por responder.

	Discordo Totalmente	Concordo	Não Concordo	Discordo	Concordo Totalmente
1. Fico feliz por pensar nas coisas boas que tenho.					
2. A perda de alguém de quem gosto deixa-me triste.					
3. Quando me sinto feliz sinto-me com menos energia.					
4. Quando estou mais triste fico com menos vontade de fazer coisas.					
5. Existem pessoas que se fazem parecer mais felizes do que realmente são.					
6. Existem pessoas que gosto e outras que me são indiferentes.					

7. Quando estou alegre faço mais coisas.					
8. Através do tom de voz e dos gestos dos outros, consigo perceber se estão tristes ou zangados.					
9. Num mau momento pode-se sentir várias emoções como medo, tristeza, raiva.					
10. Algumas pessoas conseguem fingir estar tristes para chamar a atenção.					
11. Procuro fazer o que me dá mais prazer.					
12. Quando me elogiam sinto alegria e orgulho ao mesmo tempo.					
13. Tento fazer atividades que eu e os outros gostamos.					
14. Os pensamentos negativos deixam-me triste ou desanimado/a.					
15. Convivo o mais que posso com as pessoas que me fazem sentir bem.					
16. Quando estou triste tenho pensamentos mais positivos.					
17. Quando tenho em conta os meus sentimentos é mais fácil tomar decisões.					
18. Os animais de estimação podem fazer-nos sentir bem.					

E.A.V.N.

(Price, Byers, & The Dating Violence Research Team, 1999; Versão Portuguesa: Saavedra, Machado, & Martins, 2008)

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas.

Avalia cada afirmação, **colocando um (X)** na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondes a todas as questões, devendo optar por uma das hipóteses apresentadas.

	Discordo Totalmente	Concordo	Não concordo	Discordo	Concordo Totalmente
1. Um rapaz não deve insultar a namorada.					
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.					
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.					
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.					
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.					
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.					
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.					
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.					
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.					
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.					
11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.					

12. Um rapaz pode dizer mal da namorada.					
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.					
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.					
15. É importante que uma rapariga se vista sempre de forma que o namorado quer.					
16. Uma rapariga deve acabar com o namoro se o namorado lhe bater.					
17. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.					
18. Não é correto um rapaz bater na namorada.					
19. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.					
20. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.					
21. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.					
22. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.					
23. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate à namorada.					
24. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.					
25. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.					
26. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça.					
27. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.					
28. Quando um rapaz paga a conta num encontro, pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.					
29. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.					
30. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.					

31. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.					
32. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.					
33. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.					
34. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem.					
35. Para provar o seu amor, uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.					
36. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.					
37. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.					
38. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.					
39. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.					
40. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.					
41. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.					
42. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.					
43. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.					
44. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.					
45. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.					
46. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.					
47. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.					
48. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.					
49. Uma rapariga pode dizer mal do namorado.					
50. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.					
51. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.					
52. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.					
53. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.					
54. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.					
55. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.					
56. Alguns merecem levar uma bofetada da namorada.					
57. Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar.					
58. Normalmente, uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.					
59. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.					
60. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.					
61. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado.					
62. Nunca está correto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.					
63. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.					
64. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.					
65. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira.					
66. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.					
67. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.					
68. Uma rapariga só deve tocar o namorado nos sítios onde ele quer.					
69. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.					
70. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.					

71. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.					
72. Mesmo se um rapaz tiver dito “sim” sobre ter relações sexuais, tem sempre direito de mudar de ideias.					
73. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.					
74. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.					
75. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.					
76. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.					